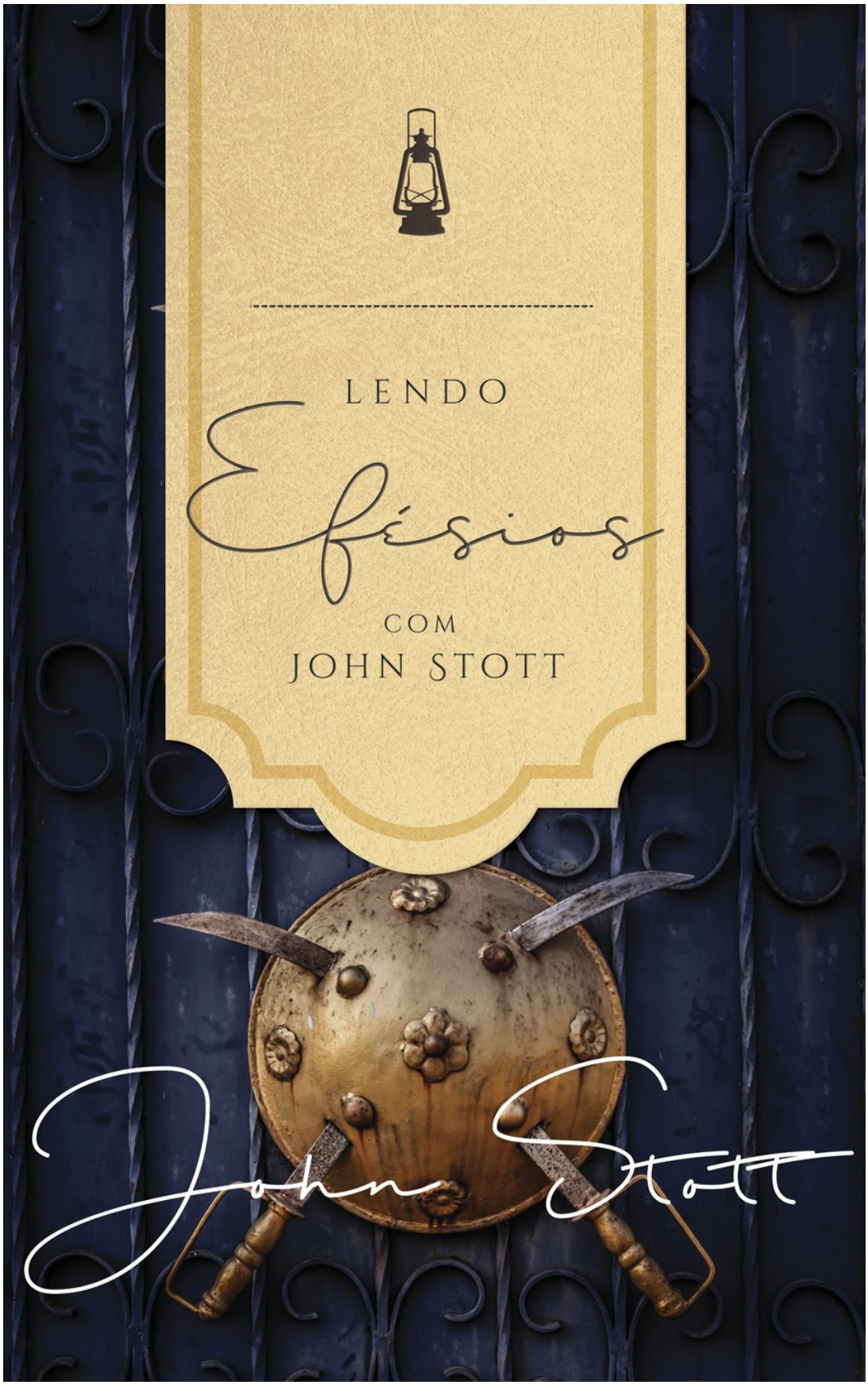
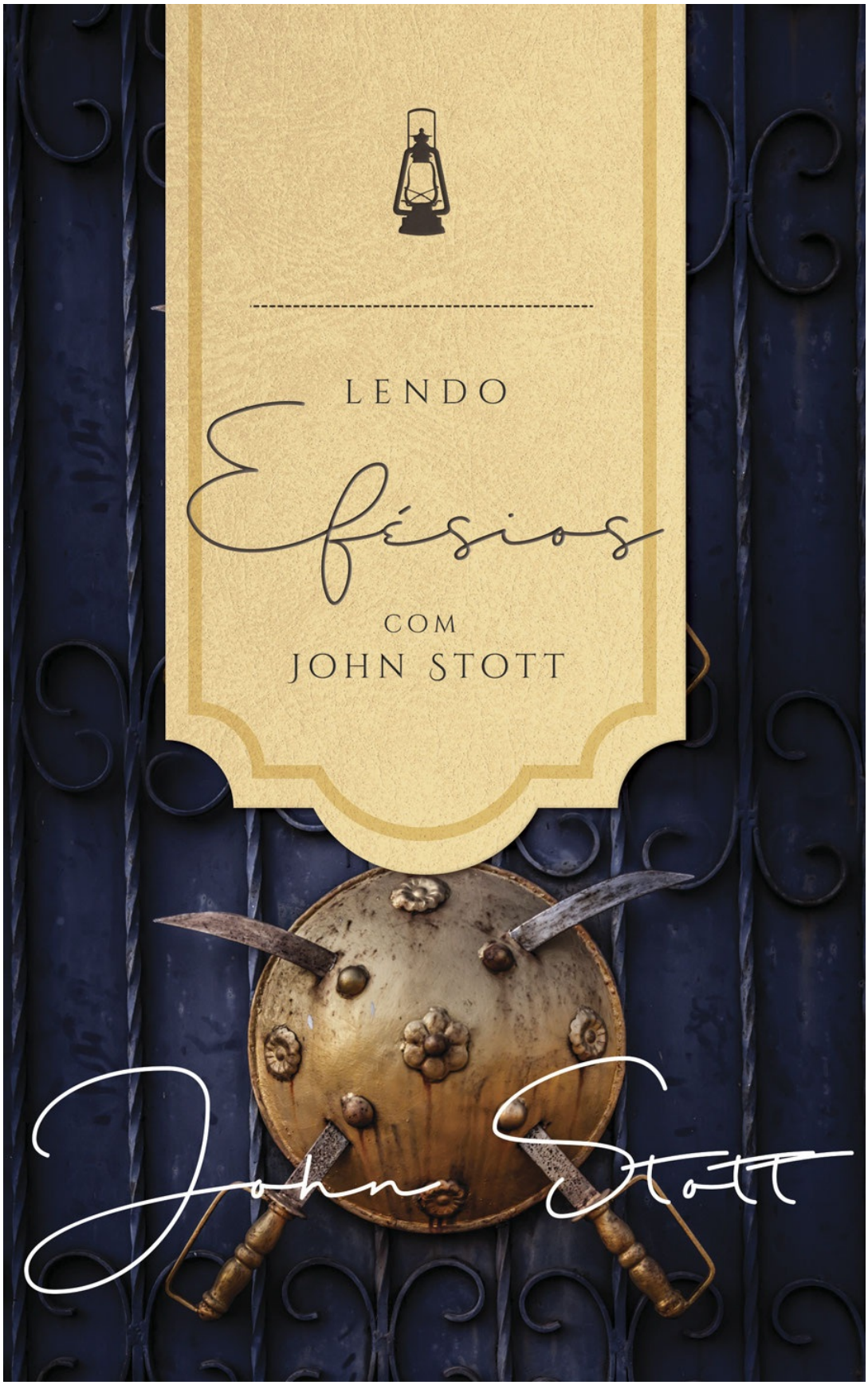

LENDO
Efésios
COM
JOHN STOTT
John Stott


LENDO
Efésios
COM
JOHN STOTT
John Stott

LENDO Efésios COM JOHN STOTT

LENDO A BÍBLIA COM John Stott

JOHN STOTT
COM ANDREW T. LE PEAU

LENDO Efésios COM JOHN STOTT

Traduzido por VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES

LENDO A BÍBLIA COM John Stott

ultimato
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa

Folha de rosto

COMO LER A BÍBLIA COM JOHN STOTT

INTRODUÇÃO

1. Efésios 1.1-14:

UMA VIDA DE BÊNÇÃO ESPIRITUAL

2. Efésios 1.15-23:

UMA VIDA DE ORAÇÃO

3. Efésios 2.1-10:

UMA VIDA DE RESSURREIÇÃO

4. Efésios 2.11-22:

UMA NOVA HUMANIDADE

5. Efésios 3.1-21:

UM NOVO MINISTÉRIO

6. Efésios 4.1-16:

UNIDADE

7. Efésios 4.17–5.4:

PUREZA

8. Efésios 5.5-21:

JUSTIÇA

9. Efésios 5.21-33:

AMOR

10. Efésios 6.1-9:

RESPEITO

11. Efésios 6.10-24:

PODER

ORIENTAÇÕES PARA OS LÍDERES

Créditos

COMO LER A BÍBLIA COM JOHN STOTT

DURANTE A VIDA – 1921 A 2011 – John Stott foi um dos principais professores do mundo em se tratando de Bíblia. Cristãos em todos os continentes ouviram e leram exposições das Escrituras feitas por John Stott, que, ao mesmo tempo, instruíam e inspiravam. Com mais de 8 milhões de exemplares de seus mais de cinquenta livros vendidos em dezenas de idiomas, não é de surpreender que a revista Time o tenha reconhecido, em 2005, como uma das “100 pessoas mais influentes do mundo” e a Christianity Today tenha se referido a ele como “o mais importante professor e pregador do evangelicalismo”. Na essência de seu ministério estavam a Bíblia e sua estimada série “A Bíblia Fala Hoje”, que Stott começou enquanto era editor da série do Novo Testamento. Ele mesmo contribuiu com vários volumes para esse trabalho, que agora dá origem à série “Lendo a Bíblia com John Stott”.

O objetivo deste livro é oferecer excertos de A Mensagem de Efésios, de Stott, em leituras breves e apropriadas para a aplicação diária. Embora o próprio autor tenha sido um estudioso proficiente, esta série, na qual cada leitura enfatiza a essência, o significado e a aplicação do texto, evita detalhes técnicos e debates acadêmicos.

Após cada sequência de seis leituras há um guia para discussão. Esse guia pode ser usado de modo individual, ajudando o leitor a analisar o texto mais a fundo, mas também pode ser usado em grupos de estudo que se reúnem regularmente. Os participantes dos grupos podem examinar as seis leituras entre as reuniões do grupo e depois usar o guia para discussão com o objetivo de ajudar o grupo a compreender e aplicar a passagem bíblica. As discussões devem durar de 45 a 60 minutos. As orientações para os líderes no final deste livro oferecem muitas sugestões úteis para uma reunião proveitosa.

Se você participa de um grupo, pode ajudar a todos os presentes da seguinte maneira:

Leia e ore durante as leituras antes das reuniões.

Esteja disposto a participar da discussão. O líder não será o palestrante. Em vez disso, todos serão convidados a discutir o que aprenderam.

Atenha-se ao tema que está sendo discutido e se concentre na passagem bíblica em particular. Somente raras vezes você deve recorrer a outras passagens da Bíblia ou outras fontes. Isso permitirá que todos participem em igualdade de condições.

Ouça com atenção o que os outros têm a dizer. Cuidado para não falar muito, e procure incentivar uma discussão equilibrada entre todos os participantes. Você pode se surpreender com o que poderá aprender com os outros. Normalmente as perguntas não têm uma resposta correta, mas buscam examinar várias dimensões do texto.

Creia que Deus irá ensiná-lo por meio da passagem estudada e por meio do que os outros têm a dizer.

Use as orientações a seguir e leia-as no início da primeira sessão:

Faremos do grupo um lugar seguro, mantendo em segredo o que for dito sobre

assuntos pessoais.

Daremos tempo para que cada pessoa fale como quiser.

Ouviremos com atenção uns aos outros.

Falaremos sobre nós mesmos e nossa própria situação, evitando conversas sobre os outros.

Teremos cuidado no sentido de dar conselhos uns aos outros.

John Stott causou um grande impacto na igreja na última metade do século 20. Com estes livros o leitor, hoje, pode continuar a se beneficiar com as riquezas da Bíblia que ele expôs milhões de pessoas.

INTRODUÇÃO

EFÉSIOS É UMA SÍNTESE maravilhosamente concisa, mas abrangente, das boas-novas e suas implicações. Ninguém pode ler Efésios sem ser levado a se maravilhar e adorar, e desafiado a levar uma vida coerente. A carta concentra-se no que Deus fez por meio da obra de Jesus Cristo e o que ele faz por meio de seu Espírito, hoje, para edificar sua nova sociedade em meio à velha.

Ela conta como Jesus Cristo derramou seu sangue em uma morte sacrificial pelo pecado, foi ressuscitado da morte pelo poder de Deus e exaltado, acima de tudo que competia com ele, ao lugar supremo, tanto no universo como na igreja. Mais do que isso, nós, que estamos "em Cristo", unidos a ele pela fé, compartilhamos esses grandes eventos. Fomos ressuscitados da morte espiritual, exaltados ao céu e lá nos assentaremos com ele. Também fomos reconciliados com Deus e uns com os outros. Consequentemente, por meio de Cristo e em Cristo, somos a nova sociedade de Deus, a nova humanidade singular que ele está criando, a qual inclui judeus e gentios em igualdade de condições. Somos a família de Deus Pai, o Corpo de Jesus Cristo, seu Filho, e o templo ou a morada do Espírito Santo.

Portanto, devemos demonstrar clara e visivelmente a realidade desta novidade que Deus fez: em primeiro lugar, pela unidade e diversidade de nossa vida comum; segundo, pela pureza e pelo amor de nossa conduta diária; em seguida, pela submissão mútua e cuidado de nossos relacionamentos em casa; e, por último, pela estabilidade na luta contra os principados e potestades do mal. Então, na plenitude do tempo, o propósito de unificação de Deus será completo sob a liderança de Jesus Cristo.

Com esse tema em mente, é possível esboçar a carta aos efésios da seguinte

maneira:

A nova vida que Deus nos deu em Cristo (1.3–2.10);

A nova sociedade que Deus criou por meio de Cristo (2.11–3.21);

Os novos padrões que Deus espera de sua nova sociedade, especialmente unidade e pureza (4.1–5.21);

Os novos relacionamentos aos quais Deus nos trouxe: harmonia no lar e hostilidade ao diabo (5.21–6.24).

Toda a carta é, assim, uma magnífica combinação de doutrina e dever cristãos, fé e vida cristãs, o que Deus fez por meio de Cristo e o que devemos ser e fazer em consequência disso. E seu tema central é “a nova sociedade de Deus”.

A mensagem da igreja como nova criação e nova comunidade de Deus é de particular importância para aqueles que se chamam ou são chamados cristãos evangélicos. Pois, por natureza e tradição, tendemos a ser individualistas ásperos e somos vistos como pessoas que pouco se importam com a igreja. De fato, as expressões “evangélica” e “baixa igreja” geralmente são consideradas sinônimas. No entanto, não deveriam ser. Os verdadeiros evangélicos, cuja teologia provém da Bíblia, devem ter a visão “alta” da igreja que a Bíblia tem. Hoje, mais do que nunca, precisamos entender a visão bíblica da igreja.

No Ocidente, a igreja está em declínio e precisa urgentemente ser renovada. Mas que forma de renovação desejamos? Em regiões do mundo, a igreja é privada de privilégios, frequentemente perseguida e às vezes levada à clandestinidade. Tais situações instigam a pergunta básica: qual é a natureza fundamental da igreja, sem a qual ela perderia sua essência? Por outro lado, em vários países em desenvolvimento, a igreja está crescendo rapidamente e, em alguns lugares, sua taxa de crescimento é mais rápida até mesmo do que a taxa de crescimento da população. Mas que tipo de igrejas está surgindo e crescendo? Em todas as partes do mundo, precisamos fazer perguntas radicais sobre a igreja. E Efésios nos dará respostas.

JOHN STOTT

1 EFÉSIOS 1.1-14

UMA VIDA DE BÊNÇÃO ESPIRITUAL

GRAÇA A VOCÊS

EFÉSIOS 1.1-2

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos e fiéis em
Cristo Jesus que estão em Éfeso: 2 A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso
Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Paulo reivindica o mesmo título que Jesus tinha dado aos Doze, designando alguém especialmente escolhido, chamado e enviado para ensinar com autoridade. Ele não havia se oferecido voluntariamente para esse ministério, nem a igreja o havia nomeado. Pelo contrário, seu apostolado provinha da vontade de Deus e da escolha e comissão de Jesus Cristo. Sendo assim, devemos ouvir a mensagem de Efésios com a devida atenção e humildade.

O apóstolo descreve os leitores de sua carta como santos. Ele não está se referindo a uma elite espiritual, mas a todos que são de Deus. Eles foram chamados de “santos” porque foram separados para pertencer a Deus. A expressão foi aplicada pela primeira vez a Israel como a “nação santa”, mas veio a ser estendida a toda a comunidade cristã do mundo, que é o Israel de Deus (Gl 6.16).

A mensagem inicial de Paulo aos efésios é de graça e paz. Graça indica a iniciativa salvífica e gratuita de Deus, e paz aponta para a iniciativa que ele tomou para reconciliar pecadores consigo mesmo e uns com os outros em sua nova comunidade. Essas são palavras-chave em Efésios. Então, se quisermos um resumo conciso das boas-novas que a carta inteira anuncia, não podemos encontrar um melhor do que a expressão “paz pela graça”.

Qual é, então, a ligação vital entre Paulo, seus leitores e sua mensagem? É o próprio Senhor Jesus Cristo. De acordo com Paulo, ele é “apóstolo de Cristo Jesus”, os leitores estão em Cristo Jesus, e a bênção chega a eles tanto da parte de Deus, nosso Pai, como do Senhor Jesus Cristo, que estão juntos como a única fonte da qual fluem graça e paz. Portanto, o Senhor Jesus domina a mente de Paulo e preenche a visão do apóstolo. É quase como se ele se sentisse compelido a inseri-lo em toda frase que escreve, pelo menos no começo da carta. Pois é por meio de Jesus Cristo e nele que a nova sociedade de Deus veio a existir.

A BÊNÇÃO DA ELEIÇÃO NO PASSADO

EFÉSIOS 1.3-4

[3]Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. [4]Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença.

Paulo enfatiza que a bênção que Deus nos dá em Cristo é espiritual. Provavelmente, a intenção é contrastar com os dias do Antigo Testamento, quando as bênçãos prometidas por Deus eram, em grande parte, materiais. É verdade que Jesus prometeu aos seus seguidores algumas bênçãos materiais, pois os proibiu de ficar ansiosos quanto a comida, bebida e roupas, e assegurou-lhes que o Pai celestial supriria suas necessidades se eles colocassem os interesses do

reino de Deus e da sua justiça em primeiro lugar.

Os cristãos são trinitarianos. Cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Afirmamos com gratidão e alegria que Deus nos abençoou em Cristo com todas as bênçãos espirituais, isto é, toda bênção do Espírito Santo nos é dada pelo Pai, se estamos no Filho. Nenhuma bênção nos foi negada. É claro que ainda temos de chegar à maturidade em Cristo, ser transformados à sua imagem e explorar as riquezas de nossa herança nele. É claro, também, que Deus pode nos conceder muitas experiências mais profundas e mais ricas de si mesmo ao longo do caminho. No entanto, se estamos em Cristo, todas as bênçãos espirituais já são nossas.

Vejamos também a afirmação “Deus nos escolheu nele”. Deus nos colocou, com Cristo, em sua mente. Ele decidiu nos tornar (nós, que ainda não existíamos) seus próprios filhos por meio da obra redentora de Cristo (a qual ainda não havia ocorrido). Tal atitude também resultou de seu favor inteiramente imerecido, uma vez que ele nos escolheu “para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença”. Isso significa que, quando em sua mente ele nos escolheu, éramos ímpios e reprováveis e, portanto, não merecedores de adoção, mas de juízo. Logo, essa escolha não é motivo para nos vangloriarmos.

Atualmente, todos consideram a doutrina da eleição complicada. “Eu não escolhi Deus?”, alguém pode perguntar, e nós devemos responder: “Sim, de fato você o escolheu, e livremente, mas somente porque, na eternidade, Deus o escolheu primeiro”. Em nenhuma passagem a Escritura refuta o mistério da eleição, e devemos ter cuidado com qualquer um que tente sistematizá-la com muita precisão ou rigidez.

A verdade da eleição de Deus, apesar de seus muitos aspectos irresolvidos, deveria nos levar à justiça, não ao pecado; a uma atitude de adoração humilde, não à vanglória. Suas consequências práticas devem ser que vivamos, por um lado, “santos e irrepreensíveis em sua presença” (v. 4) e, por outro, “para o

louvor da sua gloriosa graça” (v. 6).

A BÊNÇÃO DA ADOÇÃO NO PRESENTE

EFÉSIOS 1.5-8

5 Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus
Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, 6 para o louvor da sua gloriosa
graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado. 7 Nele temos a redenção por meio
de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de
Deus, 8 a qual ele derramou sobre nós.

Quando as pessoas perguntam por que Deus continuou com a criação quando soube que seria seguida pela queda, uma resposta que podemos provisoriamente dar é que ele nos predestinou para uma honra maior do que a própria criação nos daria. Ele intentava nos adotar, nos tornar filhos e filhas em sua família. Na lei romana (parte do contexto usado na escrita de Paulo), os filhos adotados desfrutavam dos mesmos direitos que os filhos naturais. O Novo Testamento tem muito a dizer sobre a condição de filho, seus ricos privilégios e exigentes responsabilidades.

Consideremos primeiramente nosso privilégio. Os filhos de Deus têm livre acesso ao Pai celestial, e sua confiança diante dele se deve ao conhecimento de que foram redimidos e perdoados. Redenção significa “libertação por meio do pagamento de um preço”. Nesse trecho, ela é equiparada ao perdão, pois a libertação em questão é um resgate do justo juízo de Deus contra nossos pecados, e o preço pago foi o sangue derramado de Cristo, quando ele morreu na cruz por nós. Assim, redenção, perdão e adoção estão intimamente ligados. Nós nos tornamos filhos e filhas de Deus porque ele generosamente derramou sua graça sobre nós.

Mas adoção implica responsabilidade também, pois o Pai celestial não mima seus filhos. Pelo contrário, ele “nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade” (Hb 12.10). Então, as duas afirmações de Paulo são paralelas – “ele nos predestinou [...] como filhos” (v. 5) e “ele nos escolheu [...] para sermos santos” (v. 4). É inconcebível que desfrutemos de um relacionamento com Deus, como filhos, sem aceitarmos a obrigação de imitar o Pai e cultivar a semelhança entre os membros da família.

Assim, a adoção como filhos e filhas de Deus traz tanto uma vantagem como uma “desvantagem”, um imenso ganho e uma perda necessária. Ganhamos acesso a ele, como o Pai, mediante a redenção, ou o perdão. Mas perdemos o direito de falhar, começando imediatamente pela obra de santificação do Espírito Santo, até que finalmente nos tornamos perfeitos no céu. O que parece unir o privilégio e a responsabilidade que nossa adoção implica é a expressão “em sua presença” (v. 4) ou “diante dele”. Pois viver na presença consciente do Pai celestial é tanto um privilégio imensurável quanto um desafio constante de agradar a ele.

A BÊNÇÃO FUTURA DA UNIFICAÇÃO

EFÉSIOS 1.9-10

9 E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito
que ele estabeleceu em Cristo, 10 isto é, de fazer convergir em Cristo todas as
coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos.

Deus fez mais do que nos escolher em Cristo em uma eternidade passada e dar-nos a condição de filhos agora, como um bem presente. Ele também nos “revelou o mistério da sua vontade” para o futuro, isto é, “o seu bom propósito

que ele estabeleceu em Cristo [...] na dispensação da plenitude dos tempos".

A história não é sem significado nem sem propósito. Ela está seguindo em direção a um objetivo glorioso. O plano de Deus "na dispensação da plenitude dos tempos", quando o tempo se fundir com a eternidade novamente, é "fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas". Cristo já é a cabeça de seu corpo, a igreja, mas um dia "todas as coisas" reconhecerão sua liderança. No momento ainda há discórdia no universo, mas, na plenitude dos tempos, a discórdia cessará, e a unidade pela qual ansiamos existirá sob a liderança de Jesus Cristo.

O que são "todas as coisas" que um dia serão unidas sob Cristo? Certamente elas incluem os cristãos vivos e os mortos, a igreja na terra e a igreja no céu. Sem dúvida, os anjos serão incluídos também. Mas "todas as coisas" normalmente significa o universo que Cristo criou e sustenta. Então, ao que parece, Paulo está se referindo à renovação cósmica, à regeneração do universo, à libertação da criação que geme. Na plenitude dos tempos, as duas criações de Deus, todo o universo e toda a igreja, serão unificadas sob o Cristo cósmico, que é o líder supremo de ambas.

Se compartilhássemos a perspectiva do apóstolo, também compartilharíamos seu louvor. Pois a doutrina leva à doxologia, bem como ao dever. A vida se tornaria adoração, e poderíamos bendizer a Deus constantemente por ele ter nos abençoado de maneira tão rica em Cristo.

NÓS QUE ESPERAMOS EM CRISTO

EFÉSIOS 1.11-12

[11]Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, [12]a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória.

As bênçãos espirituais que Paulo está descrevendo pertencem igualmente aos judeus e gentios que creem. A estrutura do parágrafo é clara: “Nele fomos [...] nós [judeus], os que primeiro esperamos em Cristo [...] Quando vocês [gentios] ouviram e creram na palavra da verdade [...] vocês foram selados” (v. 12-13). Paulo está antecipando o tema da reconciliação de judeus e gentios, que virá no capítulo 2. Cristo é o reconciliador. Por meio da união com Cristo, o povo de Deus é um só.

Paulo está se referindo à igreja como herança e propriedade de Deus. Essas palavras eram aplicadas exclusivamente à nação de Israel, mas agora são aplicadas às pessoas de todo o mundo cujo denominador comum é estarem em Cristo. Como isso aconteceu?

Nós nos tornamos povo ou propriedade de Deus não por acaso nem por escolha (ou seja, por nossa escolha). Pelo contrário, foi pela própria vontade soberana e pelo agrado de Deus.

Por que, então, Deus nos fez seu povo? “Para o louvor da sua glória”. Essa bela expressão precisa ser esmiuçada. A glória de Deus é a revelação dele, e a glória de sua graça é a revelação que ele faz de si mesmo como um Deus gracioso. Viver para o louvor da glória de sua graça é adorá-lo por meio de palavras e ações, como o Deus gracioso que ele é, e fazer com que outras pessoas o vejam e o louvem também. Essa foi a vontade de Deus para Israel nos dias do Antigo Testamento, e é também seu propósito para o seu povo hoje.

Tal perspectiva choca-se fortemente com a centralização no ser humano e com o egocentrismo do mundo. A humanidade caída, aprisionada em seu pequeno ego, tem uma confiança quase ilimitada na força de sua própria vontade e uma apetência quase insaciável do louvor de sua própria glória. Mas o povo de Deus tem, ao menos, começado a inverter essa lógica. A nova sociedade tem novos valores e novos ideais, pois o povo de Deus é propriedade dele, que vive pela vontade dele e para a glória dele.

VOCÊS QUE OUVIRAM A VERDADE

EFÉSIOS 1.13-14

13 Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os
salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, 14 que é
a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para
o louvor da sua glória.

Embora Paulo atribua a salvação inteiramente à vontade de Deus, no mesmo contexto ele descreve nossa própria responsabilidade. Nós "[ouvimos] e [cremos] na palavra da verdade", também chamada de "o evangelho que os salvou". Então, "[cremos]" e fomos selados com "o Espírito Santo da promessa". Que ninguém diga que a doutrina da eleição pela soberana vontade e misericórdia de Deus, por mais misteriosa que seja, torna desnecessário o evangelismo ou a fé. Nesse caso, é o oposto. É somente por causa da vontade graciosa de Deus de salvar que o evangelismo tem alguma esperança de êxito e a fé se torna possível. A pregação do evangelho é o meio designado por Deus pelo qual ele liberta da cegueira e da escravidão aqueles que escolheu em Cristo.

Temos certeza de que Deus opera na vida de seu povo por meio do Espírito Santo, a quem são dadas três designações – promessa, selo e garantia. Primeiro, ele é literalmente o Espírito da promessa porque Deus prometeu, por meio dos

profetas do Antigo Testamento e também por meio de Jesus, enviá-lo (o que ele fez no dia de Pentecostes), e Deus promete dá-lo hoje a todos que se arrependem e creem (o que ele realmente faz).

Segundo, o Espírito Santo é o selo de Deus, uma marca de propriedade e autenticidade. O gado, e até mesmo os escravos, eram marcados com um selo por seus senhores para indicar a quem pertenciam. Mas esses selos eram externos, enquanto o de Deus está no coração. Ele coloca seu Espírito dentro de seu povo para marcá-lo como seu.

Terceiro, o Espírito Santo é a garantia de Deus para levar seu povo em segurança à herança final. Nas antigas transações comerciais, uma garantia significava uma primeira parcela ou sinal, ou seja, não era algo separado do que era garantido, mas, na verdade, a primeira parte disso. Um anel de noivado promete um casamento, mas não é parte desse casamento. Um sinal pela compra de uma casa é mais do que uma garantia de pagamento; é, em si, a primeira parcela do preço total da compra. Assim é com o Espírito Santo. Ao entregá-lo a nós, Deus não está apenas nos prometendo a herança final, mas, na verdade, está nos dando uma prévia dela.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 1.1-14

PARA RESPONDER

Como fazer parte da comunidade cristã ajuda você a ver Deus em ação?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 1.1-14.

Qual informação a introdução a essa carta dá (v. 1-2)?

Grande parte da mensagem de Efésios está inserida na saudação inicial do apóstolo: “A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo” (v. 2). Qual é o significado da ênfase em graça e paz?

É-nos dito no versículo 3 que somos abençoados com “todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo”. Relacione cuidadosamente cada uma das bênçãos dos versículos 4 a 8.

Ao refletir sobre essas bênçãos, que contribuições você vê de cada pessoa da Trindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo? (Embora o Espírito Santo seja mencionado pelo nome apenas nos versículos 13 e 14, sua atividade está implícita em toda a carta.)

Como essas bênçãos se relacionam com o passado (v. 4), o presente (v. 7) e o futuro (v. 10)?

Como você é afetado pelo fato de que Deus tinha um plano para você antes da criação do mundo?

Qual é o propósito de Deus para o futuro (v. 10)?

O que você acha que significará ter todas as coisas sob a liderança de Cristo?

Nos versículos 11-14 parece que Paulo está se referindo à igreja como “herança” e “propriedade” de Deus. Essas palavras eram aplicadas exclusivamente à nação de Israel, mas agora são aplicadas às pessoas de todo o mundo cujo denominador comum é estarem todas “em Cristo”. O fato de o mesmo vocabulário ser usado para se referir a duas coisas indica a continuidade espiritual entre elas. Como nos tornamos propriedade de Deus (v. 5, 9, 11-12)?

Como você se sente ao pensar em si mesmo como herança e propriedade de Deus?

Descreva o Espírito Santo e o papel dele no cumprimento do propósito de Deus (v. 13-14).

Observe a expressão repetida “para o louvor da sua glória” nos versículos 6, 12 e 14. O que significa viver para o louvor da glória de Deus?

PARA APLICAR

O que precisa mudar em sua vida para que você viva para o louvor da glória de Deus?

Como você pode influenciar sua comunidade cristã a viver para a glória de Deus?

Em silêncio, reflita em tudo que temos em Cristo Jesus. Louve a Deus por todas as bênçãos espirituais que ele lhe deu – passado, presente e futuro. Peça ao Espírito Santo para cumpri-las em sua vida.

2 EFÉSIOS 1.15-23

UMA VIDA DE ORAÇÃO

BÊNÇÃO E INTERCESSÃO

EFÉSIOS 1.15-17

15 Por essa razão, desde que ouvi falar da fé que vocês têm no Senhor Jesus e do
amor que demonstram para com todos os santos, 16 não deixo de dar graças por
vocês, mencionando-os em minhas orações. 17 Peço que o Deus de nosso Senhor
Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no
pleno conhecimento dele.

Embora Paulo esteja naturalmente pensando em seus leitores, a quem escreve esta carta, ao longo do primeiro capítulo ele se dirige a Deus, não a eles. Ele começa com uma grande bênção (v. 3-14) e continua com uma grande intercessão (v. 15-23).

Para termos uma vida cristã saudável, é importante seguirmos o exemplo de Paulo e mantermos o louvor cristão e a oração cristã juntos. No entanto, muitos não preservam esse equilíbrio. Alguns cristãos parecem fazer pouco além de orar por novas bênçãos espirituais, aparentemente alheios ao fato de que Deus já os abençoou em Cristo com todas as bênçãos espirituais. Outros dão tanta ênfase à verdade de que tudo já é deles em Cristo que se tornam complacentes e parecem não ter desejo de conhecer ou experimentar seus privilégios cristãos mais profundamente.

Ambos os grupos devem ser considerados desequilibrados. Eles criaram uma polarização que a Escritura não tolera.

Em Efésios 1, Paulo nos encoraja a continuar a louvar a Deus porque, em Cristo, todas as bênçãos espirituais são nossas e a continuar a orar para que possamos conhecer a plenitude do que ele nos deu. Se mantivermos juntos o louvor e a oração, a bênção e a súplica, dificilmente perderemos o equilíbrio espiritual.

À medida que continuamos a comparar as duas metades de Efésios 1, outra característica nos impressiona: ambas são essencialmente trinitárias. Ambas são dirigidas a Deus Pai, a bênção ao "Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (v. 3), e a intercessão ao "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo" (v. 17), que também é chamado de "o glorioso Pai". Além disso,ambas se referem especificamente à obra de Deus em Cristo e por meio dele, pois, por um lado, ele "nos abençoou [...] em Cristo" (v. 3) e, por outro, realizou em Cristo um poderoso ato de poder quando o ressuscitou e o entronizou (v. 20). Finalmente, ambas as seções do capítulo aludem – mesmo que indiretamente – à obra do Espírito Santo, uma vez que as bênçãos que Deus nos concede em Cristo são "espirituais" (v. 3), e é somente pelo "espírito de sabedoria e de revelação" que podemos conhecê-lo (v. 17).

A fé cristã e a vida cristã são fundamentalmente trinitárias. E uma é resposta para a outra. Uma vez que o Pai se aproximou de nós com bênção por meio do Filho e pelo Espírito, podemos nos aproximar dele, em oração, por meio do Filho e também pelo Espírito.

CONHECENDO DEUS

EFÉSIOS 1.15-17

15 Por essa razão, desde que ouvi falar da fé que vocês têm no Senhor Jesus e do
amor que demonstram para com todos os santos, 16 não deixo de dar graças por
vocês, mencionando-os em minhas orações. 17 Peço que o Deus de nosso Senhor
Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no
pleno conhecimento dele.

O que leva Paulo a se lançar em oração por seus leitores é algo que ouviu sobre eles. No parágrafo anterior, o apóstolo escreveu em termos gerais como ele e seus companheiros judeus cristãos foram "os que primeiro esperamos em Cristo" (v. 12), e como seus leitores, cristãos gentios, "ouviram [...] [a] palavra da verdade" e creram em Cristo (v. 13). Nesse trecho Paulo é mais pessoal: "Ouvi falar da fé que vocês têm no Senhor Jesus e do amor que demonstram para com todos os santos". É por isso que o apóstolo diz que continuamente agradece a Deus por eles e os inclui em suas orações. A despeito de sua gratidão incessante a Deus por seus leitores, Paulo ainda não está satisfeito com eles.

Então, qual é o pedido do apóstolo? Não é que eles possam receber uma "segunda bênção", mas sim que possam apreciar ao máximo as implicações da bênção que já receberam. Assim, a essência de sua oração é "a fim de que vocês conheçam" (v. 18). Não devemos ignorar essa ênfase. Crescer em conhecimento é indispensável para crescer em santidade. De fato, conhecimento e santidade estão ainda mais intimamente ligados do que no caso de meio e fim. Pois o "conhecimento" pelo qual Paulo ora é mais hebraico do que grego no conceito; acrescenta o conhecimento da experiência ao conhecimento da compreensão. Mais do que isso, enfatiza conhecê-lo (v. 17), conhecer Deus pessoalmente, como o contexto dentro do qual "[podem ser] iluminados" (v. 18), ou seja, podem vir a conhecer verdades sobre Deus. Não há conhecimento superior ao conhecimento do próprio Deus.

Tal conhecimento é impossível sem revelação. Então Paulo ora para que Deus "lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele" (v. 17). Não pedimos a Deus para "dar" o Espírito Santo àqueles que já o receberam

e foram “selados em Cristo” (v. 13), mas oramos por seu ministério de iluminação. Por causa de sua confiança nesse ministério do Espírito, Paulo pode continuar sua oração: “Para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam [...]”.

No uso bíblico, coração é todo o ser interior, compreendendo mente e emoção. Assim, os olhos do coração são simplesmente os olhos interiores, que precisam ser abertos ou iluminados para que possamos compreender a verdade de Deus.

A ESPERANÇA DO CHAMADO DE DEUS

EFÉSIOS 1.18

18 Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos.

O chamado de Deus nos leva de volta ao começo de nossa vida cristã. “E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou” (Rm 8.30). É verdade que nós o chamamos para nos salvar, mas nosso chamado foi uma resposta ao chamado dele (Rm 10.12-13).

A questão agora é: para que Deus nos chamou? Seu chamado não foi algo aleatório ou sem propósito. Ele nos chamou para algo e por algo. E é isso que se entende de “a esperança de seu chamado” (v. 18). É a esperança que desfrutamos como resultado do chamado de Deus.

O restante do Novo Testamento afirma que essa é uma rica e variada esperança. Pois Deus nos chamou para “[pertencermos] a Jesus Cristo” e “à comunhão com [...] Jesus Cristo” (Rm 1.6; 1Co 1.9). Ele nos chamou “para [sermos] santos” e para “uma santa vocação”, uma vez que ele mesmo é santo (Rm 1.7; 1Co 1.2; 2Tm 1.9). Uma das características do povo santo ou especial de Deus é ser livre do juízo da lei de Deus, pois “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5.1, 13). Outra característica é a comunhão harmoniosa que ultrapassa as barreiras de raça e classe, pois fomos “chamados para viver em paz, como membros de um só corpo” (Cl 3.15; Ef 4.1-2).

Ao mesmo tempo, embora possamos desfrutar da paz dentro da comunidade cristã, inevitavelmente sofreremos oposição do mundo incrédulo. No entanto, não devemos retaliar: “Para isso [sofrimento injusto e perseverança paciente] vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos” (1Pe 2.21). Ademais, além do sofrimento está a glória. Pois Deus também nos chamou “para a sua glória eterna em Cristo” (1Pe 5.10).

Tudo isso estava na mente de Deus quando ele nos chamou. Ele nos chamou a Cristo e à santidade, à liberdade e à paz, ao sofrimento e à glória. Simplificando, foi um chamado a uma vida completamente nova, na qual conhecemos e amamos a Cristo, lhe obedecemos e servimos, desfrutamos da comunhão com ele e uns com os outros e olhamos além do sofrimento presente para a glória que um dia será revelada. Essa é “a esperança para a qual ele os chamou”. Paulo ora para que nossos olhos sejam abertos para conhecê-la.

A GLÓRIA DA HERANÇA DE DEUS

EFÉSIOS 1.18

18Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de

que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos.

A segunda oração do apóstolo é para que possamos conhecer “as riquezas da gloriosa herança dele [de Deus] nos santos”. A expressão em grego pode significar a herança de Deus ou a nossa, ou seja, a herança que Deus recebe ou a herança que ele concede. Alguns comentaristas a entendem no primeiro sentido, pois entendem que ela se refere à herança que Deus possui no meio de seu povo. Sem dúvida, os autores do Antigo Testamento ensinaram sistematicamente que o povo de Deus era herança ou propriedade dele, e encontramos uma referência a essa verdade nos versículos 12 e 14. Mas a passagem paralela em Colossenses 1.12 sugere fortemente a outra interpretação, isto é, que a herança de Deus se refere ao que ele nos dará, pois devemos dar graças ao Pai, “que nos tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz”.

Nesse caso, se o chamado de Deus aponta para o começo de nossa vida cristã, a herança dele aponta para o fim dela, para a herança final da qual o Espírito Santo é a garantia (v. 14), a qual “jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês” (1Pe 1.4). Os filhos de Deus são herdeiros dele, de fato “co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17), e, um dia, por sua graça, a herança será nossa. Exatamente como ela será está além de nossa capacidade de imaginação. Então, é prudente que não sejamos muito dogmáticos sobre esse assunto. No entanto, certos aspectos dessa herança foram revelados no Novo Testamento, e não nos frustraremos se nos apegarmos a eles. É-nos dito que veremos a Deus e seu Cristo e o adoraremos; que essa visão beatífica será transformadora, pois “quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele” não apenas no corpo, mas também no caráter, e desfrutaremos de perfeita comunhão uns com os outros. Pois a herança de Deus (a herança que ele nos dá) não será uma pequena festa privada para cada indivíduo, mas sim com todo o povo santo de Deus, quando nos unirmos àquela “grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas” (1Jo 3.2; Fp 3.21; Ap 7.9).

De acordo com Paulo, não é presunção que pensemos em nossa herança celestial ou até mesmo a antecipemos com alegria e gratidão. Pelo contrário, ele ora para que possamos conhecê-la, a glória dela, “as riquezas da gloriosa herança dele”.

A GRANDEZA DO PODER DE DEUS

EFÉSIOS 1.18-23

18 Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de
que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da
gloriosa herança dele nos santos 19 e a incomparável grandeza do seu poder para
conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força. 20 Esse poder
ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua
direita, nas regiões celestiais, 21 muito acima de todo governo e autoridade, poder
e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas
também na que há de vir. 22 Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o
designou cabeça de todas as coisas para a igreja, 23 que é o seu corpo, a plenitude
daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância.

Se o chamado de Deus remonta ao começo, e a herança de Deus contempla o fim, então certamente o poder de Deus abrange o período intermediário entre os dois eventos. Como chegaremos a conhecer a incomparável grandeza do poder de Deus? Primeiramente, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.

A morte é um inimigo amargo e implacável. Virá a todos nós um dia. Embora consigamos adiar a morte, não podemos escapar dela. E, após a morte, nada pode deter o processo de deterioração e decomposição. Mesmo as técnicas mais sofisticadas de embalsamamento oferecidas por agentes funerários modernos não podem preservar o corpo para sempre. Não. Somos pó, e ao pó inevitavelmente retornaremos (Gn 3.19). Nenhum poder humano pode impedir isso, muito menos trazer uma pessoa morta de volta à vida.

Mas Deus fez o que ninguém mais pode fazer. Ele ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos. Primeiro, ele interrompeu o processo natural de deterioração, recusando-se a permitir que seu Santo sofresse decomposição (At 2.27). Então ele não apenas inverteu o processo, restaurando o Jesus morto à vida, mas o ressuscitou para uma vida totalmente nova (imortal, gloriosa e livre), que ninguém jamais havia experimentado, e ninguém ainda experimentou desde então.

Além disso, Deus "[o fez] assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais" (v. 20), isto é, ele o promoveu ao lugar de suprema honra e autoridade. Ao fazer isso, ele cumpriu a promessa messiânica de Salmos 110.1: "O Senhor disse ao meu Senhor: 'Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés'". Com o poder de Deus, Cristo reina soberanamente sobre todos.

Passamos a conhecer a incomparável grandeza do poder de Deus quando ele ressuscitou Cristo e o fez se assentar à sua direita (v. 19-21). Mas existe um terceiro caminho. Jesus é, então, apontado como "cabeça de todas as coisas para a igreja". Esses três aspectos são indissolúveis. Por causa da ressurreição de Cristo dentre os mortos e de sua entronização sobre as potestades do mal, ele se tornou cabeça da igreja, a qual ele enche em todos os sentidos. Aquele que Deus deu à igreja para ser sua cabeça já era cabeça do universo. Assim, tanto o universo como a igreja têm como cabeça Jesus Cristo.

A UNIDADE DO CONHECIMENTO E DA FÉ

EFÉSIOS 1.15-23

15Por essa razão [...] 17Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso

Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele.
18 Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de
que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da
gloriosa herança dele nos santos 19 e a incomparável grandeza do seu poder para
conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força.

Toda a ênfase da oração de Paulo está em que seus leitores possam ter um conhecimento minucioso do chamado, da herança e do poder de Deus, especialmente deste último. Mas como ele esperava que sua oração fosse respondida? Como os cristãos crescem em entendimento? Alguns dizem que o conhecimento depende da iluminação do Espírito Santo. E eles têm razão, pelo menos em parte, pois Paulo ora para que o "espírito de sabedoria e de revelação" aumente o conhecimento que eles têm de Deus e ilumine os olhos do coração deles. No entanto, não nos é permitido concluir que nossa responsabilidade é unicamente orar e esperar pela iluminação, sem ter o trabalho de pensar. Outros cometem o erro oposto: usam a mente e pensam, mas deixam pouco espaço para a iluminação do Espírito Santo.

Paulo junta esses dois aspectos. Primeiro, ele ora para que os olhos do coração de seus leitores sejam iluminados para conhecer o poder de Deus. Então ele ensina que Deus já deu evidências históricas de seu poder ao ressuscitar e exaltar Jesus. Assim, Deus revelou seu poder objetivamente em Jesus Cristo e ilumina nossa mente por meio de seu Espírito para compreendermos essa revelação. A iluminação divina e o pensamento humano são indissociáveis.

Muitos acreditam que fé e razão são incompatíveis. Isso não é verdade. As duas nunca são contrastadas nas Escrituras, como se tivéssemos de escolher uma ou outra. A fé vai além da razão, mas depende dela. O conhecimento é a escada pela qual a fé sobe mais alto.

Então Paulo orou "a fim de que vocês conheçam [...] [o que é] a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos", que Deus realizou em

Cristo (v. 18-19). É vital ver como Paulo reúne os verbos conhecer e crer. O poder da ressurreição que Deus revelou em Cristo está à nossa disposição. Portanto, devemos conhecer sua incomparável grandeza conforme demonstrada na ressurreição e entronização de Cristo. Depois, devemos tomar posse dela de maneira experimental pela fé. Assim, conhecimento e fé precisam um do outro. A fé não pode crescer sem uma base firme de conhecimento; o conhecimento é estéril se não produz fé.

O mesmo poder de Deus nos ressuscitou com Jesus da morte espiritual e nos entronizou com Jesus nos lugares celestiais (Ef 2.1-10). Mas quanto disso é teoria e quanto é experiência? Não é difícil pensar na fraqueza humana: nossa língua ou nosso temperamento, maldade, ganância, luxúria, ciúme ou orgulho.

Esses aspectos certamente estão além de nosso controle. E temos de nos humilhar para admiti-lo. Mas nossas fraquezas estão além do poder de Deus? Não. O poder de Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos e nos ressuscitou com ele colocou todas as coisas sob seus pés. Então, esse poder pode colocar todo o mal sob os nossos pés também.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 1.15-23

PARA RESPONDER

Em que sentidos você se esforça para manter uma vida consistente de oração e louvor?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 1.15-23.

Como você descreveria o tom desses versículos?

O que motiva Paulo a orar pelos efésios?

Liste os pedidos que o apóstolo faz por eles nessa oração.

Por que o “espírito de sabedoria e de revelação” (v. 17) ajudaria os efésios no pleno conhecimento de Deus?

O que significa “conhecer” a Deus?

No uso bíblico, o coração é todo o ser interior, compreendendo mente e emoção. O que você acha que significa ter “os olhos do coração [...] iluminados” (v. 18)?

O chamado de Deus nos leva de volta ao começo de nossa vida cristã. “E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou” (Rm 8.30). Pense no que é ser chamado por Deus. Por que isso é uma fonte de esperança para nós?

A herança de Deus aponta para o fim de nossa vida, para a herança final da qual o Espírito Santo é a garantia (v. 14). Com base no que você conhece do Novo Testamento, caracterize essa gloriosa herança.

Descreva a incomparável grandeza do poder de Deus de acordo com os versículos 19-22.

Por que a ressurreição e a ascensão são uma demonstração tão vívida do poder divino?

Como seria ver esse poder em ação na igreja hoje?

PARA APLICAR

Em que sentidos você gostaria de ter o pleno conhecimento de Deus?

Em que sentidos você tem dificuldade em juntar fé e conhecimento?

Que diferença faria em sua vida se seus olhos estivessem mais abertos para a esperança do chamado de Deus?

A igreja é central para o plano de Deus (v. 22-23). Que papel ela desempenha em sua vida?

Ore as palavras dessa oração por sua igreja, por você mesmo e por outro amigo cristão.

3 EFÉSIOS 2.1-10

UMA VIDA DE RESSURREIÇÃO

A CONDIÇÃO HUMANA

EFÉSIOS 2.1-3

[1]Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, [2]nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência. [3]Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejoS e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira.

Pouco antes dessa passagem, Paulo orou para que os olhos interiores de seus leitores fossem iluminados pelo Espírito Santo para eles conhecerem as implicações do chamado de Deus e a incomparável grandeza de seu poder, que estava à disposição deles (1.15-23). Efésios 2, portanto, é realmente uma parte da oração de Paulo para que eles (e nós) possamos conhecer o poder de Deus de ressuscitar os mortos. As primeiras palavras do livro enfatizam isto: “Vocês estavam mortos”. A sequência do pensamento é clara: Jesus Cristo estava morto, mas Deus o ressuscitou e exaltou. E vocês também estavam mortos, mas Deus os ressuscitou e exaltou com Cristo.

No retrato devastador da condição humana distante de Deus nos três primeiros versículos do capítulo 2, Paulo está descrevendo todas as pessoas. Ele não está

apresentando a imagem de um grupo de pessoas particularmente decadentes ou algum segmento degradado da sociedade. Não, esse é o diagnóstico bíblico de pessoas caídas, em uma sociedade caída, em todos os lugares. É verdade que Paulo começa com um enfático vocês, indicando em primeiro lugar seus leitores gentios na Ásia Menor, mas ele rapidamente passa a escrever que “todos nós também vivíamos” da mesma forma (adicionando ele mesmo e seus companheiros judeus), e conclui com uma referência ao restante da humanidade (2.3). Tem-se, então, um resumo em três versículos dos três primeiros capítulos de Romanos, nos quais Paulo defende seu argumento do pecado e da culpa primeiro dos pagãos, depois dos judeus e, por fim, de toda a humanidade.

Às vezes me pergunto se pessoas boas e sérias já estiveram mais deprimidas em relação à situação humana do que estão hoje. É claro que toda geração está fadada a ter uma visão distorcida de seus próprios problemas, porque está muito perto deles para poder vê-los com clareza. E toda geração gera novos profetas do caos. No entanto, a penetração da mídia nos permite compreender a extensão mundial do mal contemporâneo de formas não possíveis antes, e é isso que faz o cenário atual parecer tão sombrio.

Em parte, isso se deve à escalada dos problemas econômicos (fome, crises econômicas periódicas, abuso dos recursos naturais, pobreza de muitas gerações entre certos grupos); em parte, à disseminação de conflitos sociais (racismo, tribalismo, luta de classes, terrorismo, desintegração da vida familiar); e, em parte, à ausência de diretrizes morais (levando à violência, desonestidade e promiscuidade sexual). Parecemos incapazes de administrar o que nos diz respeito ou de criar uma sociedade justa, livre, humana e tranquila. Tudo isso merece oração, tempo e recursos. Mas Paulo também nos faz lembrar de que não devemos perder de vista o fato de que a própria humanidade está torta.

ESTÁVAMOS MORTOS

EFÉSIOS 2.1-3

[1]Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, [2]nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência. [3]Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira.

A morte a que Paulo se refere não é uma figura de linguagem, como na parábola do filho pródigo: “Este meu filho estava morto”. Pelo contrário, é uma declaração real da condição espiritual de todos que estão fora de Cristo. E isso é atribuído às suas “transgressões e pecados”. Essas duas palavras parecem ter sido cuidadosamente escolhidas para dar uma explicação abrangente do mal humano. O termo grego usado para transgressão é um passo falso, incluindo cruzar um limite conhecido ou desviar-se do caminho correto. Pecar, no entanto, significa errar o alvo ou ficar aquém de um padrão. Juntas, as duas palavras incluem os aspectos positivo e negativo, ou ativo e passivo, do erro humano, isto é, nossos pecados de concessão e de omissão. Perante Deus, somos rebeldes e fracassados. Consequentemente, estamos mortos ou “separados da vida de Deus” (Ef 4.18). Pois a verdadeira vida, a vida eterna, é a comunhão com o Deus vivo, e a morte espiritual é a separação dele, que o pecado inevitavelmente traz.

A declaração bíblica sobre a condição de morte das pessoas que não estão em Cristo levanta problemas para muitos, porque não parece se conformar com os fatos da experiência diária. Muitos que não professam a fé cristã, que até mesmo repudiam abertamente Jesus Cristo, parecem estar muito vivos. Um tem o corpo de um atleta cheio de energia e o outro, a mente ativa de um estudioso; um terceiro, a personalidade vivaz de uma estrela de cinema. Devemos afirmar que tais pessoas, se Cristo não as salvou, estão mortas? Sim, com certeza. Devemos dizer – e dizemos – exatamente isso.

Na esfera de maior importância (que não é nem o corpo, nem a mente, nem a personalidade, mas a alma), elas não têm vida. Elas estão cegas para a glória de

Jesus Cristo e surdas para a voz do Espírito Santo. Não têm amor por Deus, não têm consciência de sua realidade pessoal, não têm nenhuma ação do espírito em direção a Deus para clamar: “Aba, Pai”. Não têm anseio por comunhão com o povo de Deus – são tão indiferentes a ele quanto um cadáver.

Portanto, não devemos hesitar em afirmar que uma vida sem Deus (por mais em forma fisicamente ou alerta mentalmente que a pessoa possa estar) é uma morte em vida, e que aqueles que a vivem estão mortos mesmo enquanto estão vivos. Afirmar tal paradoxo é conscientizar-se da tragédia básica da existência humana caída.

O MUNDO, A CARNE E O DIABO

EFÉSIOS 2.1-3

[1]Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, [2]nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência. [3]Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira.

Se por trás da morte está o pecado, o que está por trás do pecado que nos mantém em cativeiro? Paulo se refere a três influências que controlavam e dirigiam nossa velha existência antes da conversão.

Inicialmente, o apóstolo descreve como pessoas que “seguiam a presente ordem deste mundo”. A expressão grega é, literalmente, “de acordo com a era deste mundo”. Ela reúne os dois conceitos da presente era de mal e trevas e deste

mundo, organizados sem referência a Deus. Assim, ambas as palavras era e mundo expressam um sistema de valores sociais alheios a Deus. Esse sistema domina sociedades e mantém as pessoas cativas.

Onde quer que os seres humanos estejam sendo desumanizados – por opressão política, ganância humana ou tirania burocrática; por uma visão secular, amoral ou materialista; pela pobreza, fome ou pelo desemprego;por discriminação racial ou qualquer forma de injustiça –, aí encontramos os valores sub-humanos desta era e deste mundo. As pessoas tendem a se render à cultura. É uma escravidão cultural. Éramos todos iguais até que Jesus nos libertou.

O segundo cativeiro era o diabo – "o príncipe do poder do ar". Toda essa expressão não precisa significar mais do que isto: é o diabo quem comanda os poderes espirituais que operam no mundo invisível. "O espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência" é outra maneira de se referir a Satanás e suas forças.

A terceira influência que nos mantém cativos são "as vontades da nossa carne" (v. 3). Carne não significa o tecido que cobre o esqueleto, mas nossa natureza humana caída e egocêntrica. Suas paixões são também definidas como "os seus desejos e pensamentos". A referência à nossa mente mostra o erro de equiparar "as vontades da nossa carne" aos popularmente chamados de pecados da carne. Esses pecados incluem os desejos impróprios da mente, bem como do corpo, ou seja, pecados como orgulho intelectual, falsa ambição, rejeição da verdade conhecida e pensamentos pérfidos ou vingativos. Onde quer que o ego exiba seu lado feio contra Deus, aí está "a carne". Nosso egocentrismo arraigado é um terrível cativeiro.

Um esclarecimento: não há nada errado com os desejos físicos naturais, seja de comida, sono ou sexo. Pois Deus fez o corpo humano assim. Só quando o apetite por comida se torna gula, por sono se torna preguiça e por sexo se torna luxúria é que os desejos naturais se perverteram e passaram a ser desejos pecaminosos.

Não podemos transferir convenientemente toda a culpa por nossa escravidão ao mundo, à carne e ao diabo. Também devemos aceitar nossa responsabilidade. Nós somos identificados como aqueles “que vivem na desobediência” (v. 2). Nós nos rebelamos, consciente e voluntariamente, contra a autoridade amorosa de Deus e caímos sob o domínio de Satanás.

ESTÁVAMOS CONDENADOS

EFÉSIOS 2.3

[3]Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira.

Paulo tem mais uma verdade desagradável para contar sobre nós mesmos. Não só estávamos mortos e escravizados, mas também condenados: “Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira”. Talvez não exista uma expressão em Efésios que tenha provocado mais hostilidade do que essa, por isso devemos esclarecer dois equívocos fundamentais.

Em primeiro lugar, a ira de Deus não é como a nossa. Não é mau humor, rancor, maldade, animosidade ou vingança. Nunca é arbitrária, uma vez que é a reação divina a uma única situação, isto é, o mal. A ira de Deus é sua hostilidade pessoal, justa e constante ao mal, sua maneira decidida de se recusar a se comprometer com ele e seu modo de resolvê-lo, em vez de condená-lo.

Além disso, a ira de Deus não é incompatível com seu amor. O contraste entre os

versículos 3 e 4 é notável: “Éramos por natureza merecedores da ira. Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou [...]”. Assim, Paulo é capaz de manter ira e amor juntos em sua mente, porque acreditava que estavam unidos no caráter de Deus.

O segundo problema na interpretação desse trecho está no adjunto adverbial “por natureza”, que levanta as difíceis questões sobre herança genética e, portanto, sobre nossa responsabilidade moral. A expressão de Paulo é a forma abreviada de dizer que, por nascimento, temos a tendência para pecar, que de fato pecamos e que nosso pecado nos coloca sob o juízo de Deus? Ou ele está dizendo que nosso ser está, desde o nascimento, sob o juízo de Deus?

Provavelmente, o melhor comentário é o do próprio Paulo. Assim como esses versículos são uma versão resumida de Romanos 1–3, a expressão “por natureza merecedores da ira” é um resumo de Romanos 5.12-14. Seu argumento de que “a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” não significa que todos herdaram uma natureza pecaminosa que os levou a pecar e a morrer, mas que “todos pecaram” em – e com – Adão. O texto de Hebreus 7.10 (ARC) afirma que a geração seguinte estava “nos lombos” da geração presente, uma verdade que, por assim dizer, a genética moderna enfatiza. Éramos nós mesmos em Adão. Pode-se realmente dizer que pecamos em Adão e que, nele e com ele, incorremos em culpa e morremos.

Nossa falha em reconhecer a gravidade da condição humana explica a fé ingênua das pessoas em remédios superficiais. A educação universal é muito desejável. O mesmo acontece com leis justas administradas com justiça. Ambas agradam a Deus, que é o Criador e justo Juiz de todos. Mas uma doença radical requer um remédio radical. Não deixaremos, por causa disso, de buscar uma educação melhor ou uma sociedade mais justa. Em vez disso, acrescentaremos o evangelismo, pois Deus nos confiou uma mensagem de boas-novas que oferece vida aos mortos, libertação aos cativos e perdão aos condenados.

O QUE DEUS FEZ

EFÉSIOS 2.4-7

4 Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos
amou, 5 deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em
transgressões – pela graça vocês são salvos. 6 Deus nos ressuscitou com Cristo e
com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, 7 para mostrar,
nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em
sua bondade para conosco em Cristo Jesus.

Precisamos manter ambas as partes desse contraste juntas, ou seja, o que somos por natureza e o que somos pela graça. Os cristãos são às vezes criticados por se preocuparem morbidamente com seus pecados e culpas. A crítica não é justa quando estamos diante dos fatos sobre nós mesmos, mas somente quando não conseguimos continuar a nos regozijar na misericórdia e na graça de Deus.

Em uma palavra, Deus nos salvou. Nos versículos 5 e 8 a mesma afirmação é feita: “Pela graça vocês são salvos”. Paulo está dizendo: “Vocês são pessoas que foram salvas e permanecem salvas para sempre”. Uma vez que, para muitos, a linguagem tradicional da salvação não faz sentido, precisamos examiná-la mais a fundo.

Paulo usa três verbos, que assumem o que Deus fez a Cristo e depois nos ligam a Jesus. Primeiro, Deus “deu-nos vida com Cristo” (v. 5); depois, “nos ressuscitou com Cristo” (v. 6); e, por último, “com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (v. 6). Estes verbos (deu-nos vida, ressuscitou e assentar) referem-se aos três eventos históricos sucessivos no ministério salvífico de Jesus, normalmente chamados de ressurreição, ascensão e reunião. O que desperta admiração, porém, é que Paulo não está escrevendo sobre Cristo, mas sobre nós. Ele não está afirmando que Deus despertou, ressuscitou e fez Cristo seassentar, mas que ele nos despertou, nos ressuscitou e nos fez assentar com

Cristo.

Fundamental para o cristianismo do Novo Testamento é o conceito da união do povo de Deus com Cristo. O que distingue os membros da nova sociedade de Deus? Não apenas que eles admiram e até mesmo adoram a Jesus. O que os diferencia é a nova solidariedade como um povo que está “em Cristo”. Em virtude de nossa união com Cristo, Deus nos abençoou no mundo invisível da realidade espiritual (1.3), e lá nos fez assentar com Cristo (2.6). E se estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais, não há dúvida sobre onde estamos sentados: em tronos!

O discurso sobre solidariedade com Cristo em sua ressurreição e exaltação não é um misticismo cristão sem sentido. É testemunho da experiência viva de que Cristo nos deu, por um lado, uma nova vida (com uma consciência sensível da realidade de Deus e um amor por ele e por seu povo) e, por outro, uma nova vitória (com o mal cada vez mais sob nossos pés). Estávamos mortos no cativeiro, mas fomos feitos espiritualmente vivos e alertas. Estávamos no cativeiro, mas fomos entronizados.

POR QUE DEUS FEZ ISSO

EFÉSIOS 2.4-10

4 Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos
amou, 5 deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em
transgressões – pela graça vocês são salvos. 6 Deus nos ressuscitou com Cristo e
com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, 7 para mostrar,
nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em
sua bondade para conosco em Cristo Jesus. 8 Pois vocês são salvos pela graça,
por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; 9 não por obras, para que
ninguém se glorie. 10 Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus

para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos.

Paulo vai além de uma descrição da ação salvífica de Deus; ele nos diz por que Deus fez isso. De fato, a ênfase principal desse parágrafo é que não foi algo em nós (algum suposto mérito) que levou Deus a agir em nosso favor, mas algo em si mesmo (seu próprio favor imerecido).

Paulo reúne quatro maneiras de expressar a motivação de Deus. Ele escreve sobre a misericórdia de Deus (v. 4), o amor de Deus (v. 4), a graça de Deus (v. 5, 8) e a bondade de Deus (v. 7). Estávamos mortos e não podíamos salvar a nós mesmos: logo, somente a misericórdia poderia nos alcançar, pois misericórdia é amor pelos maltrapilhos. Estávamos sob a ira de Deus: portanto, somente o amor poderia triunfar sobre a ira. Não merecíamos nada da mão de Deus a não ser o juízo, por causa de nossos pecados e transgressões: assim, somente a graça poderia nos resgatar do que merecíamos, pois graça é favor imerecido. Por que, então, Deus agiu? Por pura misericórdia, amor, graça e bondade.

Ao ressuscitar e exaltar Cristo, ele demonstrou “a incomparável grandeza do seu poder” (1.19-20), mas ao ressuscitar-nos e exaltar-nos, ele também mostrou “a incomparável riqueza de sua graça” e continuará a fazê-lo por toda a eternidade (2.7). Como provas vivas da bondade de Deus, tiramos o foco das pessoas de nós mesmos e o colocamos no Senhor, a quem devemos a salvação.

Paulo acrescenta duas negativas de equilíbrio a essa descrição: não é nossa conquista (“não vem de vocês” [v. 8]) nem uma recompensa por quaisquer atos religiosos ou filantrópicos (“não por obras” [v. 9]). Todo esse evento e experiência de ser salvo pela graça de Deus, mediante a fé, é dom gratuito de Deus.

Finalmente, Paulo acrescenta uma afirmação positiva, decisiva e gloriosa no

versículo 10. Somos obra de Deus – ou, como disse F. F. Bruce, “sua obra de arte, sua obra-prima”. Salvação é criação, recriação, nova criação. E a linguagem da criação é um absurdo, a menos que haja um Criador; a autocriação é, em termos, uma contradição patente.

Alguns críticos acreditam que a doutrina da salvação somente pela graça proposta por Paulo na verdade nos encoraja a continuar no pecado. Eles estão totalmente enganados. Boas obras são indispensáveis para a salvação – no entanto, não como base ou meio, mas como sua consequência e evidência. Não somos salvos por causa das obras (v. 8-9), mas somos criados em Cristo Jesus para fazermos boas obras (v. 10).

Existe um completo contraste entre os dois estilos de vida (mau e bom) e, por trás deles, existem dois mestres (o diabo e Deus). O que poderia ter efetivado tal mudança? Apenas isto: uma nova criação pela graça e pelo poder de Deus. Esse é o verdadeiro significado da salvação.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 2.1-10

PARA RESPONDER

Em sua opinião, como estaria a sua vida se você não tivesse se tornado um cristão?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 2.1-10.

Como eram os efésios antes de conhecerem a Cristo?

Quais sintomas de que estão “mortos em suas transgressões e pecados” você vê em conhecidos não cristãos?

Antes de Jesus nos libertar, estávamos sujeitos a influências opressivas de dentro e de fora. Por que forças os não cristãos estão escravizados (v. 2-3)?

Como você vê essas forças no trabalho?

O que significa ser objetos da ira de Deus?

Em contraste com a desesperada condição caída dos seres humanos, quais são os três grandes feitos de Deus por nós?

O que aprendemos sobre os desejos de Deus para nós nesses versículos?

O que significa “deu-nos vida com Cristo” (v. 5)?

Quais são as implicações de “[ressuscitar] com Cristo”, de estar assentado com ele “nos lugares celestiais”?

Por que Paulo se esforça tanto para deixar claro que a salvação é pela graça, não por obras ou esforço humano?

No versículo 10, como Paulo deixa de se referir à salvação como “algo externo” para se referir a ela como algo intimamente pessoal?

Com base no que viu nessa passagem, como você explicaria o que é salvação?

PARA APLICAR

Os cristãos são às vezes criticados por se preocuparem morbidamente com seus pecados e culpas. A crítica não é justa quando estamos diante dos fatos sobre nós mesmos (pois nunca é insalubre encarar a realidade), mas somente quando não conseguimos continuar a nos regozijar na misericórdia e na graça de Deus. Como você responde à maravilhosa graça de Deus da forma como a vê descrita aqui e a experimenta em sua vida?

Como essa passagem pode ajudá-lo a tirar o foco das pessoas de você e colocá-lo em Deus?

O que o impede de praticar as boas obras que Deus preparou para você praticar?

Passe alguns minutos refletindo sobre sua condição espiritual antes de conhecer a Cristo. Agora louve-o pela obra da graça que ele fez em sua vida.

4 EFÉSIOS 2.11-22

UMA NOVA HUMANIDADE

O RETRATO DE UMA HUMANIDADE ALIENADA

EFÉSIOS 2.11-12

11 Portanto, lembrem-se de que anteriormente vocês eram gentios por nascimento
e chamados incircuncisão pelos que se chamam circuncisão, feita no corpo por
mãos humanas, e que 12 naquela época vocês estavam sem Cristo, separados da
comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem
esperança e sem Deus no mundo.

Para os judeus nos dias de Paulo, o mundo estava dividido entre judeus e gentios. Os judeus (os circuncisos), com escárnio, chamavam os não judeus de "incircuncisão". A circuncisão havia sido dada por Deus a Abraão como o sinal externo de que a pessoa pertencia ao povo da aliança. Mas tanto o ritual físico quanto a palavra haviam assumido uma importância exagerada.

Paulo declara a falta de importância de nomes e rótulos em comparação com a realidade por trás deles. Por trás do que é chamado de circuncisão "feita no corpo por mãos humanas" há outro tipo, uma circuncisão do coração, espiritual e não física, que era necessária tanto para judeus quanto para gentios e estava à disposição deles.

Os gentios, no entanto, tinham problemas mais sérios do que a maioria dos judeus notou. Primeiramente, eles “estavam sem Cristo”.

A segunda e a terceira deficiências dos gentios eram semelhantes entre si. Eles estavam “separados da comunidade de Israel” e, ao mesmo tempo, eram “estrangeiros quanto às alianças da promessa” (essa expressão refere-se provavelmente à promessa fundamental feita por Deus a Abraão). Israel era uma nação sob o domínio de Deus, mas os gentios estavam excluídos dela.

A quarta e a quinta deficiências dos gentios são claramente declaradas: eles estavam “sem esperança” e “sem Deus no mundo”. Embora Deus tivesse planejado e prometido incluí-los um dia, eles não sabiam disso e, portanto, não tinham a esperança para sustentá-los. Os gentios eram ímpios porque, embora Deus tivesse se revelado a todos os seres humanos na natureza e, portanto, eles não tivessem ficado sem testemunho, eles suprimiram a verdade e se voltaram para a idolatria (Rm 1.18-23). Além disso, os gentios não tinham o conhecimento verdadeiro de Deus e nenhuma comunhão pessoal com ele.

Nós mesmos, quando não éramos convertidos, estávamos exatamente na mesma situação difícil. Nós nos rebelamos contra a autoridade de Deus e pouco sabíamos da verdadeira comunidade humana. Não é o mesmo no mundo de hoje sem Cristo? Ainda construímos barreiras de raça, cor, casta, tribo ou classe. A tendência à divisão é uma característica constante de toda comunidade sem Cristo.

Agora o apóstolo diz: “Portanto, lembrem-se”. Há fatos que as Escrituras nos dizem para esquecer (como as ofensas que os outros nos fazem). Mas há algo em particular que nos é ordenado lembrar e nunca esquecer: o que éramos antes do amor de Deus ter-nos alcançado. Somente se nos lembrarmos de nossa antiga alienação poderemos nos lembrar da grandeza da graça que nos perdoou e está nos transformando.

O RETRATO DO CRISTO PACIFICADOR

EFÉSIOS 2.13-14

13 Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram
aproximados mediante o sangue de Cristo. 14 Pois ele é a nossa paz, o qual de
ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade.

Ambas as metades de Efésios 2 começam com uma descrição da vida sem Cristo: mortos (v. 1-3) e separados (v. 11-12). Contudo, nesses dois casos, temos a grande inversão: “Todavia, Deus [...]” (v. 4) e “mas agora” (v. 13). A principal diferença é que, na segunda metade, Paulo está enfatizando a experiência dos gentios.

A linguagem de espaço que Paulo usa no versículo 13 (longe e aproximados) para descrever a diferença que Cristo fez era comum no Antigo Testamento. Sabia-se que Deus e Israel estavam próximos um do outro, uma vez que o Senhor havia prometido ser o Deus de Israel e torná-lo seu povo (Dt 4.7). Em contrapartida, as nações gentílicas eram povos distantes que tinham de ser chamados de longe (Is 49.1).

O versículo 13 contém duas importantes referências adicionais a Cristo. “O sangue de Cristo” (como em 1.7) significa sua morte sacrificial por nossos pecados na cruz, pela qual ele nos reconciliou com Deus e uns com os outros, enquanto “em Cristo Jesus” significa nossa união pessoal com Cristo, por meio da qual recebemos a reconciliação que ele alcançou.

Portanto, essas duas expressões testemunham os dois estágios pelos quais os que estão distantes são aproximados. O primeiro é o evento histórico da cruz e o segundo, a conversão cristã, ou a experiência contemporânea de união com Cristo.

O apóstolo continua no versículo 14 a desenvolver a obra de Cristo em termos do que Cristo fez e de como o fez. Jesus derramou seu sangue na cruz e se oferece aos seus, hoje, para se unir a eles. Ele é o pacificador entre nós e Deus. Embora os dois grupos, judeus e gentios, estejam reconciliados em Cristo, há outro aspecto: “o muro de inimizade”, que simbolizava que os gentios estavam alienados de Deus, como também de Israel, foi destruído por Cristo.

Embora o muro que cercava o templo, e ainda excluía os gentios, permanecesse enquanto Paulo escrevia esta carta, espiritualmente ele já havia sido destruído quando Jesus morreu na cruz.

A proximidade de Deus que todos os cristãos desfrutam por meio de Cristo é um privilégio que frequentemente tomamos como certo. Deus não mantém distância nem insiste em rituais ou protocolos complicados. Pelo contrário, por meio de Jesus Cristo e pelo Espírito Santo, temos acesso imediato a ele como nosso Pai (2.18). Precisamos exortar uns aos outros para que aproveitemos esse privilégio.

ALGO ANTIGO É ABOLIDO; ALGO NOVO É CRIADO

EFÉSIOS 2.15

15 Anulando em seu corpo a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças. O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz.

O que Cristo fez quando morreu na cruz para acabar com a inimizade divisiva entre judeus e gentios, entre as pessoas e Deus? Ele anulou, criou e reconciliou.

Cristo derrubou o muro, a hostilidade, “anulando em seu corpo a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças”. Essa é uma declaração surpreendente. Como o apóstolo pode declarar que Cristo anulou a lei, quando o próprio Cristo declarou especificamente que não havia vindo para abolir a lei, mas para cumpri-la (Mt 5.17)?

No Sermão do Monte, Jesus estava se referindo à lei moral. Ele estava ensinando a diferença entre a justiça farisaica e a justiça cristã, defendendo que a justiça cristã envolve uma obediência profunda e radical à lei. A principal referência de Paulo em Efésios parece ser a lei cerimonial “dos mandamentos expressa em ordenanças”, isto é, a circuncisão (v. 11), os sacrifícios materiais, as leis dietéticas, as regras sobre pureza e impureza rituais que governavam as relações sociais. Isso ergueu uma grande barreira entre judeus e gentios, mas Jesus deixou toda a dimensão cerimonial de lado. E ele o fez “em seu corpo” (certamente uma referência à sua morte física), porque na cruz ele cumpriu todo o sistema cerimonial do Antigo Testamento.

Paulo provavelmente está fazendo outra referência, dessa vez à lei moral, não à cerimonial. Jesus certamente não aboliu a lei moral como um padrão de comportamento, mas a aboliu como um meio de salvação. Toda vez que é vista sob essa luz, a lei é divisiva, pois não podemos obedecer a ela, por mais que tentemos. Assim, ela nos separa de Deus e uns dos outros. Mas Jesus obedeceu perfeitamente à lei em sua vida e, em sua morte, suportou as consequências de nossa desobediência. A aceitação por Deus é, portanto, mediante a fé no Cristo crucificado, seja para judeus ou para gentios.

Paulo então passa da abolição de algo antigo para a criação de algo novo. Judeus

e gentios estavam alienados e em inimizade uns com os outros. Mas uma vez que a lei que dividia foi posta de lado, não havia nada para manter separadas as duas partes da humanidade. Em vez disso, Cristo criou “um novo homem, fazendo a paz”. Essa nova humanidade vem à existência e cresce somente por meio da união pessoal com Cristo.

Em outras passagens, Paulo afirma que essa nova unidade também acaba com as diferenças sociais e de gênero. “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). Os fatos da diferenciação humana não são eliminados. Homens permanecem homens e mulheres permanecem mulheres; judeus permanecem judeus e gentios, gentios. Mas a desigualdade diante de Deus é abolida. Há uma nova unidade em Cristo.

PAZ E ACESSO

EFÉSIOS 2.16-18

16 E reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele
destruiu a inimizade. 17 Ele veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz
aos que estavam perto, 18 pois por meio dele tanto nós como vocês temos acesso
ao Pai, por um só Espírito.

No versículo 16, o terceiro verbo que descreve como a morte de Cristo eliminou a inimizade que causava divisão entre judeus e gentios é reconciliar, eliminando a hostilidade que existia mutuamente entre Deus e as pessoas. Não apenas nossa atitude para com Deus foi de rebelião, mas também a ira de Deus esteve sobre nós por causa de nosso pecado (v. 3). E somente mediante a cruz as hostilidades foram destruídas, pois quando Cristo suportou nosso pecado e juízo na cruz, Deus afastou sua própria ira, e nós, vendo seu grande amor, também afastamos a nossa. A hostilidade em ambas as direções foi definitivamente resolvida, e o resultado é a reconciliação.

Isso não significa que toda a raça humana esteja unida e reconciliada. Há outro estágio na obra de Cristo que Paulo continua a mencionar. Cristo “veio e anunciou paz” (v. 17). Já foi dito que ele é a nossa paz (v. 14) e que criou um novo homem, fazendo a paz (v. 15). Mas agora Jesus pregava a paz, divulgando mundo afora as boas-novas que ele havia feito por meio da cruz.

Embora a reconciliação seja um fato, o acesso a Deus é o relacionamento contínuo ao qual ela conduz (v. 18). A palavra grega para acesso evoca a cena em uma antiga corte, quando é concedida aos súditos uma audiência com o rei ou imperador, e eles lhe são apresentados. A essência da palavra permanece, mas a ênfase muda porque nosso acesso não é a um rei, mas a um Pai, a quem “temos livre acesso [...] em confiança, pela fé nele” (3.12).

Nosso acesso dá-se “por meio dele” (o Filho que fez a paz e a pregou), “ao Pai, por um só Espírito”. Judeus e gentios, como membros da nova sociedade de Deus, se aproximam juntos do Pai celestial.

Essa é a visão. Mas quando nos desviamos do ideal retratado nas Escrituras para as realidades concretas experimentadas na igreja hoje, a história é muito diferente e trágica. Pois mesmo na igreja muitas vezes há alienação, desunião e discórdia. Os cristãos erguem novas barreiras no lugar das antigas.

Será que algo é mais urgente hoje do que o fato de que a igreja deveria ser o que, por propósito de Deus e realização de Cristo, já é: uma nova humanidade única, um modelo de comunidade humana, uma família de irmãos e irmãs reconciliados que amam seu Pai e amam uns aos outros, a evidente morada de Deus pelo seu Espírito? Só então o mundo crerá em Cristo como pacificador. Só então Deus receberá a glória devida ao seu nome.

O REINO DE DEUS E A FAMÍLIA DE DEUS

EFÉSIOS 2.19

[19]Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus.

Paulo explicou passo a passo o que Cristo fez para aproximar de Deus e do povo de Deus aqueles no mundo gentílico que estavam distantes. Cristo aboliu a lei dos mandamentos, criou uma nova humanidade única no lugar das outras duas, reconciliou-a com Deus e pregou a paz aos que estavam perto e aos que estavam distantes. Consequentemente, qual é o resultado da realização e do anúncio da paz de Cristo? Este: “Vocês [gentios] já não são [o que eram] estrangeiros nem forasteiros”, visitantes sem direitos legais. Pelo contrário, sua posição mudou drasticamente. Agora vocês têm um senso de pertencimento de uma maneira que nunca tiveram.

Para indicar a riqueza da mudança de posição e dos novos privilégios em Cristo que eles passaram a ter, Paulo recorre a exemplos familiares da igreja, que são desenvolvidos em outras passagens da Escritura. De acordo com o versículo 12, os gentios eram estrangeiros sem pátria e sem direitos. Mas agora eles são chamados de “concidadãos dos santos e membros da família de Deus”.

Embora Paulo não desenvolva a metáfora, ao que parece, ele está se referindo à cidadania do reino de Deus. O reino de Deus não é uma jurisdição territorial nem uma estrutura espiritual. O reino de Deus é o próprio Deus governando seu povo e concedendo-lhe todos os privilégios e responsabilidades que seu governo implica. A essa nova comunidade internacional governada por Deus gentios e judeus pertencem em igualdade de condições.

Paulo está escrevendo enquanto o império romano está no auge de seu esplendor. Ainda não havia sinais de declínio. No entanto, o apóstolo vê esse outro reino, não judeu nem romano, mas internacional e inter-racial, como algo mais magnífico e mais duradouro do que qualquer império terreno. E ele se alegra com essa cidadania mais do que com sua cidadania romana. Os cidadãos desse reino desfrutam da estabilidade de fazer parte da nova sociedade de Deus.

Paulo recorre a uma segunda imagem para descrever a igreja: a família de Deus. A metáfora se torna mais íntima: “Vocês já [são] [...] membros da família de Deus”. Em Cristo, judeus e gentios se veem como sendo mais do que cidadãos sob o governo de Deus; são, juntos, filhos na família de Deus. Paulo acabou de escrever sobre o novo e privilegiado acesso ao Pai que judeus e gentios desfrutam por meio de Cristo (v. 18), e no início da carta ele desenvolveu o tema das bênçãos da adoção na família de Deus (1.5).

Logo o apóstolo terá mais a dizer sobre a paternidade arque-típica de Deus (3.14-15) e sobre “um só Deus e Pai de todos” (4.6), mas sua ênfase parece estar menos na paternidade de Deus e mais na fraternidade (no sentido de “irmãos e irmãs”), além das barreiras raciais às quais os filhos do Pai são levados. Esse tipo de amor familiar deveria ser uma característica especial da nova sociedade de Deus.

TEMPLO DE DEUS

EFÉSIOS 2.19-22

19 Portanto, vocês [são] [...] 20 edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos
profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, 21 no qual todo o edifício é
ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. 22 Nele vocês
também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu
Espírito.

Paulo imaginou a nova humanidade como o reino de Deus e depois, como a família de Deus. Agora ele a compara ao templo.

O templo em Jerusalém havia sido por quase mil anos o ponto focal da identidade de Israel como o povo de Deus. Havia, contudo, um novo povo que não era uma nova nação, mas uma nova humanidade, internacional e por todo o mundo. Um centro geograficamente localizado, portanto, não seria apropriado para esse povo. O que, então, poderia ser seu templo, seu centro de unidade?

Nada é mais importante para qualquer edifício do que um fundamento estável. Paulo diz que a igreja é "[edificada] sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (v. 20). Uma vez que apóstolos e profetas tinham papéis de ensino, parece claro que o que constitui o fundamento da igreja não é a pessoa nem o cargo, mas a instrução deles.

A palavra apóstolos nesse contexto não pode, portanto, ser um termo genérico para missionários, implantadores de igrejas, bispos ou outros líderes eclesiásticos. Em vez disso, deve indicar o grupo pequeno e especial escolhido por Jesus, chamado e autorizado a ensinar em seu nome, e que era testemunha ocular de sua ressurreição. O que os membros desse grupo ensinavam, eles esperavam que fosse aceito e preservado pela igreja; o que eles ordenavam, esperavam que fosse obedecido pela igreja.

A palavra profetas também indica mestres inspirados a quem veio a Palavra de Deus, os quais a transmitiram a outras pessoas fielmente. Paulo provavelmente se referiu aos profetas do Novo Testamento. Nesse caso, a referência deve ser a um pequeno grupo de mestres inspirados, associados aos apóstolos, que juntos davam testemunho de Cristo e cujo ensino era fruto da revelação (3.5). Em termos práticos, isso significa que a igreja está edificada sobre as Escrituras do Novo Testamento.

A pedra angular é também de importância fundamental para um edifício. Ela ajuda a manter o edifício estável, também o ajusta e o mantém alinhado. A "pedra angular" do novo templo é o próprio Jesus Cristo.

Paulo segue para as pedras individuais do templo: "Nele vocês também estão sendo edificados juntos". Na visão de Paulo, as pedras extras ("vocês também") sendo edificadas na estrutura são os gentios. Eles não são apenas admitidos; são também partes constituintes do edifício. E uma vez que uma das funções da pedra angular era unir duas paredes, pode ser que Paulo esteja usando essa imagem para apresentar Cristo como a chave para a solidariedade entre judeus e gentios.

Qual é o propósito do novo templo? Em princípio, é o mesmo que o do antigo, isto é, "[tornar-se] morada de Deus por seu Espírito" (v. 22). O novo templo, no entanto, é um edifício espiritual e uma comunidade internacional, e tem uma propagação mundial. Esse é o lugar onde Deus habita. Ele não está ligado a edifícios sagrados, mas a pessoas santas, à sua nova sociedade.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 2.11-22

PARA RESPONDER

Ao pensar sobre a igreja, que exemplos de divisões vêm à sua mente?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 2.11-22.

Trace a biografia espiritual dos gentios nessa passagem.

O que Jesus fez pelos gentios?

Ao pensar em cada cristão ou em grupos de cristãos dos quais você se separou (por causa de diferenças teológicas, culturais, denominacionais, raciais ou econômicas), que passos positivos você pode dar para sanar essas divisões?

Como Jesus uniu judeus e gentios?

Qual é o significado do fato de que Jesus “veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz aos que estavam perto” (v. 17)?

O que significa ter acesso ao Pai por meio do Espírito (v. 18)?

A posição dos gentios mudou drasticamente. Em vez de serem refugiados, eles têm um lar. Em que resultou o fato de Cristo ter destruído o muro da hostilidade (v. 19-22)?

Pense no edifício espiritual que está sendo construído. Como os apóstolos e profetas são o fundamento?

Por que Jesus é considerado a principal pedra angular desse edifício?

Como você reage por ser parte da nova sociedade de Deus, edificada em um templo sagrado no qual Deus vive?

PARA APLICAR

Como essa passagem o encoraja em seu relacionamento com Deus e com outros cristãos?

Como estar perto de Deus é algo de que você pode estar certo?

Que papel você acha que poderia ter no sentido de derrubar as barreiras entre você e os outros?

Louve a Deus por tê-lo trazido para tão perto dele e de outros cristãos, quando antes você estava tão distante. Peça-lhe para trabalhar em você sua graça para que você viva a verdade de que muro divisório da hostilidade entre todos os cristãos caiu.

5 EFÉSIOS 3.1-21

UM NOVO MINISTÉRIO

PRISIONEIRO DE CRISTO

EFÉSIOS 3.1

1Por essa razão, eu, Paulo, sou prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vocês, gentios –

Paulo chama a atenção de seus leitores para si mesmo, explicando seu papel único nos propósitos de Deus para os gentios.

Na segunda metade de Efésios 2, o apóstolo apresentou um claro contraste entre a alienação dupla (de Deus e de Israel) que os gentios sofriam antes de Cristo e sua reconciliação dupla por meio de Cristo. Pois, por meio de sua morte, Cristo derrubou as duas barreiras, criando para si uma sociedade humana multicul-tural única e nova, que é tanto a família que Deus ama quanto o templo em que ele vive. Os leitores gentios de Paulo devem ter lido com alegre espanto essa exposição do evangelho da paz.

O apóstolo se apresenta como “prisioneiro de Cristo Jesus”. Humanamente falando, ele não era prisioneiro de Cristo, mas de Nero. Apelou ao imperador e, por isso, pelo imperador foi submetido a julgamento (At 25.11-12). Mas Paulo

cria na soberania de Deus sobre os assuntos humanos. Estava convencido de que toda a sua vida, incluindo sua exaustiva prisão, estava sob o senhorio de Jesus.

Ele então adiciona uma segunda expressão descritiva. Paulo era prisioneiro de Jesus Cristo “por amor de vocês, gentios”. O que levou à sua prisão em Jerusalém, ali e em Cesareia, aos seus sucessivos julgamentos e ao subsequente apelo a César (que o havia trazido a Roma) foi a fanática oposição judaica à sua missão entre os gentios. O que levou os judeus a incitarem a multidão contra Paulo foi a reputação do apóstolo de ensinar “a todos em toda parte contra o nosso povo, contra a nossa lei e contra este lugar”, isto é, o templo (At 21.28).

Como o apóstolo pode ter adquirido tal reputação? Sem dúvida, ensinando exatamente o que havia acabado de ensinar em Efésios 2, ou seja, que, ao abolir os elementos divisivos da lei, Jesus estava criando um novo povo e edificando um novo templo. Paulo então foi preso. E quando o tribunal permitiu que ele fizesse sua defesa pública perante os judeus, eles o ouviram em silêncio até o ponto de sua história em que Jesus lhe havia dito: “Vá, eu o enviarei para longe, aos gentios”. Contra isso os judeus gritaram: “Tira esse homem da face da terra! Ele não merece viver!” (At 22.21-22).

Paulo não apenas pregou sua visão da humanidade nova e indivisa e escreveu sobre ela; ele estava naquele momento sofrendo pelas verdades que expunha. Não é de admirar que tenha chegado a ser conhecido como o apóstolo dos gentios.

O MISTÉRIO FOI DADO A CONHECER

EFÉSIOS 3.2-6

[2]Certamente vocês ouviram falar da responsabilidade imposta a mim em favor de vocês pela graça de Deus, [3]isto é, o mistério que me foi dado a conhecer por revelação, como já lhes escrevi em poucas palavras. [4]Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. [5]Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus, [6]significando que, mediante o evangelho, os gentios são co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus.

A maneira como Paulo descreve seu ministério enfatiza os privilégios únicos que Deus lhe tinha dado no cumprimento de seu propósito para comos gentios. Três vezes Paulo usa a palavra mistério (v. 3-4, 9). Em português, mistério é algo sombrio, obscuro, secreto, intrigante. O que é misterioso é inexplicável, até incompreensível. No entanto, a palavra grega mystērion é diferente.

Originalmente, a palavra grega se referia a uma verdade em que alguém havia sido iniciado. Mas no cristianismo não há mistérios esotéricos reservados para uma elite espiritual. Pelo contrário, os mistérios cristãos são verdades que, embora fujam à descoberta humana, foram reveladas por Deus e pertencem abertamente a toda a igreja.

Qual é a verdade revelada ou o segredo particularmente aberto, que “não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações”, mas “agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus” (v. 5)? Paulo explica no versículo seguinte: “Significando que, mediante o evangelho, os gentios são co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus”. O apóstolo frisa de forma enfática, três vezes, que os cristãos gentios e judeus, juntos, são co-herdeiros da mesma bênção, membros do mesmo corpo e co-participantes da mesma promessa. E esse privilégio compartilhado é tanto “em Cristo Jesus” (porque é desfrutado igualmente por todos os cristãos, sejam judeus ou gentios, desde que estejam em união com Cristo), como “mediante o evangelho” (porque a proclamação do evangelho inclui essa unidade e, em seguida, a torna disponível para os que creem).

Esta dupla união, com Cristo e uns com os outros, é a essência do mistério. Foi uma revelação nova. Pois “não foi [dada] a conhecer aos homens doutras gerações” (v. 5), mas “durante as épocas passadas, foi [mantida oculta] em Deus” (v. 9).

Tais declarações intrigam os leitores da Bíblia porque o Antigo Testamento revelou que Deus tinha um propósito para os gentios. O Antigo Testamento prometeu, por exemplo, que todas as famílias da terra seriam abençoadas por meio da descendência de Abraão; que o Messias receberia as nações como sua herança; que Israel seria dado como uma luz para as nações e que, um dia, as nações fariam uma peregrinação para Jerusalém, e até mesmo correriam para lá como um poderoso rio (Gn 12.1-3; Sl 2.8; Is 2.2-4, 42.6, 49.6). Jesus também falou da inclusão dos gentios e comissionou seus seguidores para que fossem e fizessem deles seus discípulos.

O que nem o Antigo Testamento nem Jesus revelaram foi a natureza radical do plano de Deus, que era que judeus e gentios seriam incorporados a Cristo e à igreja dele, em iguais condições, sem distinção. O que Deus revelou a Paulo, essa união completa de judeus, gentios e Cristo, era radicalmente novo.

AS DIMENSÕES DO MINISTÉRIO DE PAULO

EFÉSIOS 3.7-10

7 Deste evangelho me tornei ministro pelo dom da graça de Deus, a mim
concedida pela operação de seu poder. 8 Embora eu seja o menor dos menores de
todos os santos, foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as
insondáveis riquezas de Cristo 9 e esclarecer a todos a administração deste
mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou

todas as coisas. 10A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais.

Paulo praticamente equiparou o mistério ao evangelho. O mistério era, em essência, a verdade revelada a Paulo, enquanto o evangelho era, essencialmente, a verdade anunciada por Paulo.

O ministério privilegiado de proclamar o evangelho, ele desenvolve em três etapas.

Paulo foi comissionado primeiro para “anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo” (v. 8). São riquezas disponíveis de forma gratuita por causa da cruz.

Paulo expressa a segunda etapa de seu ministério privilegiado nos seguintes termos: “Esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas” (v. 9).

Esse versículo não simplesmente repete o versículo 8. Existem três diferenças significativas. Primeiramente, a pregação do evangelho é definida não como anúncio das boas novas, mas como iluminação da mente das pessoas. Nós mesmos devemos lembrar que o evangelismo é o meio que Deus ordenou para trazer luz aos que estão em trevas. Uma segunda diferença está na descrição da mensagem do apóstolo. De acordo com o versículo 8, a mensagem de Paulo era Cristo; de acordo com o versículo 9, a igreja. A última diferença é que, enquanto no versículo 8 Paulo dirige seu ministério aos gentios, no versículo seguinte é a todos. O mistério inclui a grande promessa de que, finalmente, Deus unirá todas as coisas em – e sob – Cristo.

A terceira etapa do ministério de Paulo amplia-se para incluir os “poderes e autoridades nas regiões celestiais” (v. 10). A que ele se refere? Às inteligências cósmicas, espectadoras do drama da salvação.

Nosso conhecimento desses seres espirituais é limitado, e devemos ter cuidado para não irmos além do que as Escrituras ensinam. É claro, no entanto, que eles não são oniscientes. Semelhantemente, podemos deduzir a partir do versículo 10 que Deus não lhes havia revelado seu principal plano para a igreja, mas pretendia, antes, torná-lo conhecido por meio da própria igreja, à medida que esta surgisse e crescesse.

Essas três diferentes etapas revelam o círculo da comunicação divina: as boas-novas foram passadas de Deus para Paulo, de Paulo e outros para toda a humanidade, e da igreja na terra para o céu novamente, para os poderes cósmicos. Em cada etapa, o meio muda. É por revelação direta que Deus expôs seu plano a Paulo, pela proclamação verbal do evangelho que a mensagem se espalha hoje, e por um modelo visual (a comunidade cristã multicultural) que ela, finalmente, chega aos espectadores angelicais invisíveis. Nada é mais honroso para o evangelho, ou mais indicativo de sua inigualável importância, do que esse programa para sua comunicação universal.

A CENTRALIDADE DA IGREJA

EFÉSIOS 3.10-13

10 A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme
sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões
celestiais, 11 de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus,
nosso Senhor, 12 por intermédio de quem temos livre acesso a Deus em confiança,

pela fé nele. 13Portanto, peço-lhes que não desanimem por causa das minhas tribulações em seu favor, pois elas são uma glória para vocês.

A ênfase principal de Efésios 2–3 é a centralidade do corpo de Cristo. Este foi o "eterno plano" de Deus: criar a igreja a partir de uma humanidade nova e reconciliada em união com Jesus Cristo (v. 11). Isso estava oculto no passado e, então, se cumpriu na história, na cruz, com resultados para a eternidade. Por causa disso, não ousamos desconsiderar a igreja na história da humanidade.

Os cristãos afirmam que essa é a história de Deus. Embora muitos estudos históricos se concentrem em primeiros-ministros, presidentes, políticos e generais, a Bíblia se concentra em pessoas sem importância, que são, ao mesmo tempo, povo de Deus, uma comunidade multinacional chamada igreja, que não possui fronteiras territoriais, que reivindica nada menos que o mundo inteiro para Cristo e cujo império nunca chegará ao fim.

A igreja é central para o evangelho. O evangelho que alguns de nós proclamam é individualista. "Cristo morreu por mim", dizemos, e depois cantamos acerca do céu: "Ó, isso será glória para mim". Essas afirmações são verdadeiras. Mas isso está longe de ser o evangelho integral. As boas-novas das riquezas ilimitadas de Cristo são que ele morreu e ressuscitou não apenas para salvar os pecadores, como eu, mas também para criar uma nova humanidade única. O evangelho é a boa notícia de uma nova sociedade, assim como de uma nova vida.

A igreja é central para a vida cristã, que inclui tribulações e glórias (v. 13). Jesus disse que entraria na glória por meio de tribulações e que seus seguidores teriam de trilhar o mesmo caminho. Aqui, no entanto, Paulo escreve algo diferente, que suas tribulações trarão glória a eles (seus leitores gentios). O apóstolo estava passando por tribulações por amor aos gentios, como seu defensor, permanecendo firme para que eles fossem incluídos na nova sociedade de Deus. Ele está tão convencido da origem divina de sua visão que está disposto a pagar qualquer preço para vê-la se cumprir.

A igreja certamente deve ser central para nossa vida. Como podemos tratar com displicência o que Deus leva tão a sério? Se, como Paulo, mantivermos diante de nós a visão da nova sociedade de Deus como sua família, sua morada e seu instrumento no mundo, então constantemente procuraremos tornar a adoração de nossa igreja mais autêntica; sua comunhão, mais cuidadosa; e seu alcance, mais compassivo.

Deus não abandonou a igreja, por mais desagradável que ela seja. Ele ainda está edificando-a e refinando-a. E se Deus não a abandonou, como poderíamos nós fazer isso?

UMA ESCADA DE ORAÇÃO

EFÉSIOS 3.14-19

14 Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, 15 do qual recebe o nome toda a
família nos céus e na terra. 16 Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os
fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, 17 para que
Cristo habite no coração de vocês mediante a fé; e oro para que, estando
arraigados e alicerçados em amor, 18 vocês possam, juntamente com todos os
santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, 19 e
conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam
cheios de toda a plenitude de Deus.

Uma das melhores maneiras de descobrir nossas principais ansiedades e ambições é refletir sobre o conteúdo de nossas orações. Paulo inicia sua oração declarando: “Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai”, retomando a linha de raciocínio onde havia parado no versículo 1. O que o leva a orar? Certamente, tanto a obra de reconciliação de Cristo como sua própria compreensão dela por

uma revelação especial.

Paulo prossegue afirmando que do Pai “recebe o nome toda a família nos céus e na terra”. Há um jogo de palavras intencional na sentença grega, uma vez que “pai” é patēr e “família” é patria. Talvez Paulo esteja dizendo não apenas que toda a família cristã recebe o nome do Pai, mas também que a própria noção de paternidade é derivada da paternidade de Deus.

A petição do apóstolo prossegue nos versículos 16-19 como uma escada pela qual ele sobe cada vez mais alto em sua aspiração de quatro passos para os seus leitores. Ele ora primeiro para que Deus possa fortalecê-los pela habitação de Cristo mediante seu Espírito. Alguns ficam intrigados com isso, imaginando: “Certamente, Cristo habita por meio de seu Espírito dentro de cada cristão. Cristo já não estava dentro deles?". De fato, todo cristão é habitado por Cristo e é templo do Espírito Santo. No entanto, como comenta Charles Hodge,”a habitação de Cristo é uma questão de graus". Assim, Paulo ora ao Pai para que Cristo, por meio de seu Espírito, possa se estabelecer no coração deles e, de seu trono, possa controlá-los e capacitá-los.

Posteriormente, o apóstolo ora para que seus leitores estejam arraigados e alicerçados em amor. A nova humanidade é a família de Deus, cujos membros amam o Pai e amam uns aos outros. Ou deveriam amar. Eles precisam do poder do Espírito e da habitação de Cristo para capacitá-los a amar uns aos outros, especialmente para superar a profunda divisão racial e cultural que antes os separava.

Adiante, Paulo pede que eles possam conhecer o amor de Cristo em todas as dimensões, mesmo que “[exceda] todo o conhecimento” (v. 18-19). Os comentaristas advertem-nos a não sermos tão literais na interpretação dessa passagem, uma vez que Paulo pode ter apenas se permitido fazer uma hipérbole poética. No entanto, parece legítimo afirmar que o amor de Cristo é largo o suficiente para incluir toda a humanidade; comprido o suficiente para durar pela

eternidade; alto o suficiente para elevar-se ao céu e profundo o suficiente para atingir o pecador mais degenerado.

Finalmente, o apóstolo ora para que seus leitores possam ser cheios de toda a plenitude de Deus. Por mais surpreendente que possa ser esse pensamento, não devemos ser cheios da plenitude de Deus, mas de toda a plenitude de Deus. Tal oração certamente deve contemplar nosso estado final de perfeição no céu quando, juntos, entraremos na plenitude do propósito de Deus e ficaremos cheios. No entanto, Deus espera que cresçamos diariamente à medida que somos transformados pelo Espírito Santo à imagem de Cristo, de um grau de glória para outro.

O DEUS QUE PODE RESPONDER À ORAÇÃO

EFÉSIOS 3.20-21

20 Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou
pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, 21 a ele seja a glória na
igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém!

Quando olhamos para o pé da escada que subimos com Paulo nos versículos 16-19, notamos que as quatro petições do apóstolo estão intercaladas por duas referências a Deus. Nos versículos 14-16, Deus é o Pai de toda a família e possui infinitas riquezas na glória; nos versículos 20-21, é ele quem trabalha poderosamente dentro de nós. Esse Deus pode responder à oração.

A capacidade de Deus de responder à oração é enfaticamente exposta pelo apóstolo em uma expressão composta de sete estágios. (1) Ele é capaz de fazer ou trabalhar porque não é ocioso, inativo nem está morto. (2) Ele é capaz de

fazer o que pedimos, pois ouve e responde à oração. (3) Ele é capaz de fazer o que pedimos ou imaginamos, pois lê nossos pensamentos, e às vezes sonhamos com o que não temos coragem de pedir e, por isso, não pedimos. (4) Ele é capaz de fazer tudo que pedimos ou pensamos, pois sabe de tudo e pode fazer tudo. (5) Ele é capaz de fazer mais do que tudo que pedimos ou pensamos, pois suas expectativas são mais altas que as nossas. (6) Ele é capaz de fazer "muito mais" (NTLH), pois não dá sua graça em graus calculados. (7) Ele é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo que pedimos ou pensamos, pois é um Deus de superabundância.

A capacidade infinita de Deus de agir além de nossas orações, pensamentos e sonhos é de acordo com "o seu poder que atua em nós", em cada um individualmente (Cristo habita em nosso coração pela fé) e em nós como povo (que é a morada de Deus por seu Espírito). É o poder da ressurreição, o poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos, entronizou-o nos lugares celestiais e então nos ressuscitou e entronizou com ele (1.19-21, 2.6). Esse é o poder em ação dentro dos cristãos e da igreja.

A oração de Paulo tem a ver com cumprir sua visão da nova sociedade de amor de Deus. Ele pede que os membros dessa sociedade sejam fortalecidos para amar e conhecer o amor de Cristo, ainda que isso exceda todo conhecimento. Então o apóstolo se volta do já conhecido amor de Deus para o já imaginado poder de Deus, do amor ilimitado ao poder ilimitado. Ele está convencido, como também devemos estar, de que somente o poder divino pode gerar amor divino na sociedade divina.

Adicionar algo mais seria inapropriado, exceto a doxologia. "A ele seja a glória", a esse Deus de poder, de ressurreição, que sozinho pode realizar o sonho. O poder vem dele; a glória deve ir para ele. A ele seja a glória "na igreja e em Cristo Jesus" juntos, no corpo e na Cabeça, na noiva e no Noivo, na comunidade de paz e no Pacificador, "por todas as gerações" (na história), "para todo o sempre" (na eternidade). Amém.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 3.1-21

PARA RESPONDER

O que você tem aprendido com um cristão cuja formação é diferente da sua? (Considere aqueles que são diferentes em termos de idade, denominação, etnia, gênero, posição social e assim por diante.)

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 3.1-21.

O que você aprende sobre Paulo nessa passagem?

Por que Paulo se considerava prisioneiro de Cristo quando, na realidade, ele era prisioneiro de Nero?

O que era o mistério que foi dado a conhecer a Paulo por uma revelação especial (v. 6)?

Por meio da descrição de Paulo, como você é encorajado nas várias maneiras como serve a Deus?

Por que Deus queria que sua sabedoria fosse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais (v. 10-11)?

Faça uma lista de todos os pedidos na oração dos versículos 14-21.

Paulo começa a passagem desta maneira: “Por essa razão”. Qual era a razão da oração de Paulo?

Como Deus é caracterizado nos versículos 14-15?

Como nossa compreensão de Deus afeta o modo como nos aproximamos dele em oração?

Enquanto você pensa em tudo que já foi explicado no livro de Efésios, por que o amor é um elemento tão importante da oração de Paulo?

Como você tem visto essa oração respondida em sua igreja?

Como toda essa oração é prova da liberdade e da confiança com que podemos nos aproximar de Deus?

PARA APLICAR

Como você vê a graça de Deus em sua vida e em seu ministério?

Qual é sua atitude em relação à igreja, e como ela poderia precisar de mudança?

Como você gostaria de crescer no modo como ora por sua igreja?

Louve a Deus por sua igreja, o corpo de Cristo. Peça-lhe para ajudá-lo a crescer em seu apreço por ela. Ajoelhe-se em silêncio e em adoração diante do Pai, do qual recebe o nome toda a sua família nos céus e na terra. Faça a oração de Paulo por sua igreja.

6 EFÉSIOS 4.1-16

UNIDADE

UNIDADE E AMOR

EFÉSIOS 4.1-2

1 Como prisioneiro no Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação
que receberam. 2 Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes,
suportando uns aos outros com amor.

Há três capítulos Paulo vem revelando uma visão magnífica. Por meio de Jesus Cristo, Deus está criando algo totalmente novo. Então, o apóstolo muda o foco da nova sociedade para os novos padrões dela esperados. Assim, ele passa de uma teologia que abre horizontes para suas implicações práticas e concretas na vida diária.

O apóstolo implora aos seus leitores que eles “vivam de maneira digna da vocação que receberam”. O que é isso? A nova sociedade que Deus está chamando é caracterizada por unidade e pureza. O apóstolo aborda a unidade da igreja em 4.1-16 e a pureza da igreja em 4.17–5.21.

Paulo retrata a vida digna de nossa vocação como sendo caracterizada por cinco qualidades: humildade, mansidão, paciência, longanimidade mútua e amor. Ele

pede que tenhamos certeza de que vivemos uma vida de amor. É aqui que ele começa, e é aqui também que devemos começar. Muitos iniciam com estruturas, mas o apóstolo o faz com qualidades morais.

A humildade era desprezada no mundo antigo. Os gregos nunca usavam sua palavra para humildade em um contexto de aprovação. Em vez disso, queriam dizer com ela uma atitude abjeta, servil e subserviente. A verdadeira humildade só foi reconhecida quando Jesus veio. Ele se humilhou como servo. E apenas ele, dentre os mestres religiosos e éticos do mundo, pôs diante de nós uma criança como exemplo. Paulo tem em mente o reconhecimento humilde do valor das outras pessoas.

Humildade é essencial para a união. Quando reconhecemos o valor intrínseco que Deus dá às outras pessoas, promovemos harmonia na nova sociedade de Deus.

A mansidão foi elogiada por Aristóteles porque ele odiava extremos e amava a moderação. A palavra também era usada como referência a animais domésticos, por isso não é sinônimo de fraqueza. Pelo contrário, é a mansidão do forte, cuja força está sob controle. É a qualidade de pessoas fortes que, não obstante, têm domínio de si mesmas e servem aos outros.

A terceira e quarta qualidades, paciência e suporte mútuo, formam um par natural. Paciência é resignação em relação a pessoas irritantes, como Deus em Cristo mostrou para nós. Suportar uns aos outros fala dessa tolerância mútua necessária para que os seres humanos convivam em paz.

O amor é a qualidade final, que inclui as quatro anteriores, e é a coroa e a soma de todas as virtudes. Amar é buscar construtivamente o bem-estar dos outros e o bem da comunidade.

Essas são, então, as cinco pedras fundamentais da unidade cristã. Onde elas estão ausentes, nenhuma estrutura de unidade pode permanecer. Mas, quando esse fundamento sólido é lançado, há esperança de que uma unidade visível seja construída.

A UNIDADE CRISTÃ E A UNIDADE DE DEUS

EFÉSIOS 4.3-6

3 Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.
4 Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês
foram chamados é uma só; 5 há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, 6 um só
Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos.

Mesmo o leitor desatento dos versículos 3-6 se surpreenderia com a repetição de Paulo do artigo indefinido (um/uma). De fato, o artigo ocorre sete vezes – em três ele se refere às três pessoas da Trindade, e nas quatro restantes, à experiência cristã em relação à Trindade.

Há um corpo porque existe apenas um Espírito (v. 4). Um só corpo é a igreja, o corpo de Cristo (1.23), compreendendo os cristãos judeus e gentios; e sua unidade ou coesão se deve a um só Espírito Santo.

Há uma esperança que pertence ao chamado cristão (v. 4), uma só fé e um só batismo (v. 5), porque existe apenas um Senhor. É em Jesus Cristo que cremos, em Jesus Cristo que fomos batizados e por Jesus Cristo que aguardamos esperançosos.

Há uma só família cristã, incluindo todos (v. 6), porque há “um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos”.

Devemos afirmar que pode haver uma só família cristã; uma só fé cristã, esperança e batismo, e um só corpo cristão, porque há um só Deus – Pai, Filho e Espírito Santo. Como, então, a desunião da igreja pode ser ajustada com a insistência bíblica na indestrutibilidade de sua unidade?

O próprio apóstolo reconhece essa combinação paradoxal de unidade e desunião, pois, nessa passagem, na qual a unidade indestrutível da igreja é tão enfaticamente afirmada, a possibilidade de desunião também é reconhecida. Vejamos o que diz o versículo 3: “Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”. O que Paulo quer dizer? Manter a unidade da igreja deve significar mantê-la visivelmente. Devemos demonstrar ao mundo que a unidade que dizemos existir de maneira indestrutível não é uma piada de mau gosto, mas uma realidade verdadeira e gloriosa.

Considere uma família humana – marido, esposa e três filhos. Com o tempo, o pai e a mãe começam a discutir, mantêm uma trégua desconfortável e, por fim, se divorciam. Os três filhos também discutem, primeiro com os pais e depois uns com os outros. Eles nunca se encontram, enviam mensagens ou telefonam. Imagine se fôssemos primos dessa família, como reagiríamos? Encolheríamos os ombros e murmuraríamos: “Bem, não importa, eles ainda são uma família, sabe”? Não, isso não nos satisfaria. Certamente procuraríamos ser pacificadores.

Assim, a verdade da unidade indestrutível da igreja não é desculpa para que concordemos com a tragédia de sua desunião atual. Algumas comunidades cristãs estão desfiguradas por causa de rivalidades entre pessoas ou grupos que supuraram por anos. Como podemos tolerar tais atitudes? Precisamos ter sede de amor, união e paz e ativamente buscar isso.

GRAÇA QUE SERVE

EFÉSIOS 4.7-10

7 E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo. 8Por isso é que foi dito: “Quando ele subiu em triunfo às alturas, levou cativos muitos prisioneiros, e deu dons aos homens”. 9(Que significa “ele subiu”, senão que também havia descido às profundezas da terra? 10Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher todas as coisas).

O contraste entre os versículos 6 e 7 é impressionante. Paulo volta-se do Pai de todos nós para os dons dados a cada um de nós, da unidade para a diversidade da igreja. Ele está, na verdade, qualificando intencionalmente o que acabou de escrever sobre a unidade da igreja. Embora haja um só corpo, uma só fé e uma só família, essa unidade não deve ser mal-interpretada como uma uniformidade sem vida ou sem cor. Em vez disso, a unidade da igreja é fascinante em sua diversidade.

O que Paulo diz sobre esses dons? A graça salvífica é dada a todos os pecadores que creem. No versículo 7, o apóstolo fala do que poderia ser chamado de graça que serve, a graça que capacita o povo de Deus para o ministério. Usamos a palavra carismático, que vem do grego charismata. Alguns grupos usam deliberadamente o termo carismático para se descreverem, mas de acordo com o Novo Testamento, toda a igreja é uma comunidade carismática. Cada membro tem um dom (charisma) para exercer ou uma função para desempenhar.

No versículo 8, Paulo diz mais sobre dons espirituais ao citar Salmos 68.18. O salmo é um clamor a Deus para resgatar e recuperar seu povo mais uma vez,

como nos tempos antigos. Após cada conquista, o tributo era recebido e dádivas eram distribuídas. O que tomavam de seus cativos, os conquistadores davam para seu próprio povo. Os espólios eram divididos; a pilhagem era compartilhada.

Paulo usa essa imagem para a ascensão de Cristo. Jesus ascendeu como conquistador à destra do Pai, sendo seu grupo de cativos os principados e potestades que havia derrotado, destronado e desarmado.

Após a citação de Salmos 68.18, o apóstolo acrescenta que a ascensão de Cristo implica que Jesus "havia descido às profundezas da terra" (v. 9). Os primeiros pais entenderam isso como uma referência à sua descida ao Hades, como sugerido em 1 Pedro 3.19. Calvino argumentou que a descida de Cristo se refere à sua encarnação. A Nova Versão Internacional também parece entender que Jesus desceu do céu "às profundezas da terra". Talvez, no entanto, a referência seja ainda mais geral, ou seja, que Cristo desceu às profundezas da humilhação quando veio à terra.

À luz dessa ênfase no Cristo que ascendeu, foi exaltado, encheu todas as coisas, governa a igreja e concede dons, seria um erro pensar em charismata como sendo exclusivamente dons do Espírito e associá-los ao Espírito Santo ou às experiências com ele. Aqui estão os dons de Cristo, enquanto que em Romanos 12 estão os dons de Deus Pai. Separar as três pessoas da Trindade induz ao erro. Juntas, elas estão envolvidas em todos os aspectos do bem-estar da igreja.

A VARIEDADE DE DONS

EFÉSIOS 4.11

11E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres.

O termo apóstolo tem três significados principais no Novo Testamento. Apenas uma vez parece ser aplicado a cada cristão, quando Jesus disse que um mensageiro (apostolos) não é “maior do que aquele que o enviou” (Jo 13.16). Então, todo cristão é, ao mesmo tempo, servo e apóstolo. Além disso, havia apóstolos das igrejas (2Co 8.23), mensageiros enviados por uma igreja como missionários ou para outra incumbência. Por fim, havia os apóstolos de Cristo, consistindo dos Doze, Paulo, Tiago, o irmão do Senhor, e possivelmente um ou dois outros escolhidos e autorizados por Jesus.

Parece que Paulo está usando o termo nesse último sentido, pois é assim que ele usou a palavra em sua carta, referindo-se a si mesmo (1.1) e aos seus companheiros apóstolos como o fundamento da igreja (2.20, 3.5). Nesse sentido, não há apóstolos hoje. Podemos, no entanto, defender aqueles com ministérios apostólicos de um tipo diferente, incluindo jurisdição episcopal, trabalho missionário pioneiro, implantação de igrejas, liderança itinerante e assim por diante.

E quanto aos profetas? Um profeta era um porta-voz de Deus, um veículo da revelação direta de Deus. Logo, devemos insistir em que não há profetas hoje. Ninguém pode tomar a liberdade de reivindicar uma inspiração comparável à dos profetas canônicos ou um uso legítimo da fórmula introdutória deles, “Assim diz o Senhor”.

Mas alguns veem o dom da profecia como um dom especial da pregação bíblica, embora não como uma nova revelação. Outros o veem como uma percepção profunda do mundo contemporâneo, uma leitura dos sinais dos tempos, uma denúncia indignada dos pecados sociais, como os oráculos sociopolíticos dos profetas do Antigo Testamento. Uma terceira visão concentra-se no efeito que o ministério dos profetas do Novo Testamento tinha sobre seus ouvintes, trazendo

a convicção do pecado aos incrédulos, e encorajamento e consolo aos cristãos. Em todas as três visões, o dom profético é detectado pelo manuseio da Palavra de Deus.

Depois dos apóstolos e profetas, Paulo menciona os evangelistas. Uma vez que todos os cristãos têm a obrigação de dar testemunho de Cristo e das boas novas dele, o dom de um evangelista (concedido apenas a alguns) deve ser algo diferente. Pode referir-se ao dom da pregação evangelística ou de tornar o evangelho particularmente claro e relevante para os incrédulos, ou ainda ao de dar um testemunho pessoal eficaz.

Pode ser que pastores e mestres sejam dois nomes para o mesmo ministério. Pastores, que são chamados a cuidar do rebanho de Deus, fazem isso em particular, alimentando-o, isto é, ensinando-o. Embora todos os pastores devam ser mestres, talvez nem todos os mestres cristãos sejam também pastores, uma vez que é possível que estejam ensinando em uma escola ou faculdade, mas não em uma igreja local.

Todos os cinco dons se relacionam de alguma forma com o ministério de ensino. Nada é mais necessário para a edificação da igreja de Deus em qualquer época do que uma ampla oferta de mestres por ele capacitados.

PREPARANDO PARA O MINISTÉRIO

EFÉSIOS 4.12

12Com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado.

Paulo apresenta duas razões pelas quais Cristo deu esses dons à igreja – uma imediata e a outra final. A palavra ministério (diakonia) é usada aqui não para descrever o trabalho de pastores, mas o trabalho de todo o povo de Deus, sem exceção. O Novo Testamento visualiza o ministério não como a prerrogativa de uma elite clerical, mas como o chamado privilegiado de todo o povo de Deus.

Há, ainda, um ministério pastoral distinto deixado para o clero, mas claramente não é de pessoas que, com inveja, seguram todo o ministério nas próprias mãos, esmagando com êxito todas as iniciativas dos leigos. Pelo contrário, é daqueles que ajudam e encorajam o povo de Deus a descobrir, desenvolver e exercitar seus dons. Em vez de monopolizarem o ministério, eles o multiplicam.

Qual é o modelo de igreja, então, que devemos ter em mente? O modelo tradicional é o da pirâmide, com o pastor precariamente empoleirado em seu pináculo, como um pequeno papa em sua própria igreja, enquanto os membros estão colocados abaixo dele, em posições inferiores. Essa é uma imagem antibíblica, porque o Novo Testamento não concebe um único pastor com um rebanho dócil, mas uma supervisão plural e um ministério de todos os membros. A igreja é o corpo de Cristo, no qual cada membro tem uma função distinta. Simplesmente não há espaço para uma hierarquia ou um clericalismo autoritário.

Vi o princípio do ministério de todos os membros bem ilustrado quando visitei a Igreja de St. Paul em Darien, Connecticut. Na capa de seu boletim dominical, lia-se o nome do reitor, depois o nome do reitor adjunto e do assistente do reitor. Em seguida, vinha a seguinte linha: “Ministros: toda a congregação”. Foi surpreendente, mas inegavelmente bíblico.

Assim, o propósito imediato de Cristo em dar pastores e mestres à igreja é para que, por meio do ministério da Palavra, todo o povo esteja equipado para os diversos ministérios. O objetivo final é edificar a igreja. Esses dons são tão

benéficos para os que exercem seu ministério fielmente e para os que o recebem, que a igreja se torna cada vez mais saudável e madura.

Todos os dons espirituais, então, são dons para o serviço. Não são dados para uso egoísta, mas para uso altruísta, para servir às pessoas “visando ao bem comum” (1Co 12.7). Embora alguns dons sejam maiores do que outros (1Co 12.31), sua relevância é determinada pelo grau com que edificam a igreja. É por isso que os dons de ensino são de suma importância, pois nada a edifica mais a igreja do que a Palavra de Deus.

O Cristo exaltado concede dons diversos à igreja, cujo objetivo é preparar o povo de Deus para os seus ministérios e, assim, edificar o corpo de Cristo.

UNIDADE NA MATURIDADE

EFÉSIOS 4.13-16

13 Até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de
Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. 14 O
propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro
pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela
astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. 15 Antes, seguindo a verdade
em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. 16 Dele todo o
corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si
mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.

O apóstolo Paulo elabora o que quer dizer sobre a edificação do corpo de Cristo. Assim como a unidade precisa ser visivelmente mantida, ela precisa ser plenamente atingida. A unidade a que devemos chegar um dia é a plena unidade

que a fé e o conhecimento do Filho de Deus possibilitarão (v. 13).

A plena unidade é madura, e o contexto parece exigir sua compreensão de maneira coletiva. A igreja é representada como um organismo único, o corpo de Cristo, e deve chegar à estatura adulta. De fato, Paulo se referiu a ela como “um novo homem” (2.15). À unidade e à novidade ele acrescenta a “maturidade”, que será nada menos que “a medida da plenitude de Cristo”.

Embora o crescimento até a maturidade seja um conceito coletivo, descrevendo a igreja como um todo, ele claramente depende do amadurecimento de cada um de seus membros, visto que Paulo espera que “não sejamos mais como crianças” (v. 14). É claro que devemos nos assemelhar às crianças em sua humildade e inocência, mas não em sua ignorância ou instabilidade.

Crianças instáveis são como pequenos barcos em um mar tempestuoso, totalmente à mercê do vento e das ondas. Tais são os cristãos imaturos. Nunca parecem conhecer seus próprios pensamentos nem chegar a convicções firmes. Em vez disso, são presas fáceis de cada nova moda teológica. Não podem resistir à “astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro”. Em contrapartida, devemos “[seguir] a verdade em amor” para que “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (v. 15).

No entanto, “[seguir] a verdade em amor” não é a melhor tradução da expressão paulina, pois o verbo grego não faz referência a isso. Literalmente, significa “aplicar a verdade em amor” e inclui as noções de manter, viver e praticar a verdade.

Há aqueles na igreja contemporânea que estão determinados a defender e sustentar a verdade revelada de Deus a todo custo. Mas às vezes é visível que lhes falta amor. Quando acreditam ter farejado alguma heresia, eles começam a

torcer o nariz, contraem os músculos, e o brilho da batalha surge em seus olhos. Parecem não desfrutar de mais nada que não seja uma briga. Outros cometem o erro oposto. Estão determinados a manter e exibir amor a todo custo, mas, para isso, estão preparados até mesmo para sacrificar as verdades centrais da revelação.

Ambas as tendências são desequilibradas e antibíblicas. A verdade torna-se difícil se não for suavizada pelo amor; o amor se torna fraco se não for fortalecido pela verdade. O apóstolo nos convida a unir os dois, o que não deveria ser difícil para cristãos cheios do Espírito, uma vez que o próprio Espírito Santo é o Espírito da verdade, e seu primeiro fruto é o amor. Não há outro caminho além desse para uma unidade cristã plenamente madura.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 4.1-16

PARA RESPONDER

Como unidade é diferente de uniformidade?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 4.1-16.

O que Paulo roga aos efésios nos versículos 1-6?

Uma vez que é chamado a ser um só povo, o povo de Deus deve manifestar unidade. Defina cada uma das características (humildade, mansidão, paciência, longanimidade mútua e amor) as quais Paulo chama o povo de Deus no versículo 2.

Como a obediência às instruções do versículo 2 contribuiria para a unidade da igreja?

Em que tipos de situações você luta com a tensão entre humildade e orgulho?

Nos versículos 4-6 Paulo usa o artigo indefinido sete vezes, e três delas remetem às pessoas da Trindade. Como a unidade de Deus se relaciona à unidade cristã?

Por que Paulo precisava exortar os cristãos efésios a fazerem todo o esforço possível para manter a unidade, pouco antes de fazer uma declaração tão forte no versículo 4 sobre o corpo sendo um só?

Como Paulo deixa claro que unidade não significa uniformidade?

O que aprendemos nos versículos 9-10 sobre aquele que dá os dons espirituais?

O que aprendemos sobre o propósito dos dons espirituais (v. 12-16)?

O que Paulo quer dizer com a edificação do corpo de Cristo, de acordo com os versículos 13-16?

A igreja cresce por meio da verdade e do amor. Dê alguns exemplos do que acontece quando minimizamos um ou outro.

PARA APLICAR

Quais das qualidades da unidade discutidas nessa passagem têm ajudado você a ter união com os outros?

O que você faz para manter e desenvolver a unidade do Espírito em sua comunidade cristã?

Como você gostaria de crescer nas maneiras como usa seus dons espirituais para cumprir os propósitos listados nos versículos 11-13? (Isso pode incluir pensar em maneiras de se familiarizar com os seus dons.)

Agradeça a Deus pela maravilhosa unidade que ele colocou à nossa disposição da igreja. Confesse a ele os modos pelos quais você não conseguiu se esforçar para manter a unidade do corpo de Cristo. Peça-lhe para transformá-lo e edificar em você as cinco pedras fundamentais da unidade cristã.

7 EFÉSIOS 4.17–5.4

PUREZA

A MENTE OBSCURECIDA

EFÉSIOS 4.17-19

17 Assim, eu lhes digo, e no Senhor insisto, que não vivam mais como os gentios,
que vivem na inutilidade dos seus pensamentos. 18 Eles estão obscurecidos no
entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão,
devido ao endurecimento do seu coração. 19 Tendo perdido toda a sensibilidade,
eles se entregaram à depravação, cometendo com avidez toda espécie de
impureza.

Paulo continua a descrever os novos padrões esperados da nova sociedade de Deus, ou a vida digna do chamado de Deus. Chamados a sermos um só povo, devemos cultivar a unidade. Chamados a sermos um povo santo, devemos também cultivar a pureza.

A essência da mensagem do apóstolo é clara: “Não vivam mais como os gentios”. Paulo está generalizando, é claro. Nem todos os pagãos eram (ou são) tão dissolutos quanto aqueles que ele está prestes a retratar. No entanto, assim como há uma típica vida cristã, também existe uma típica vida pagã. Seus leitores sabiam por experiência o que ele estava dizendo, pois eles mesmos haviam sido pagãos e ainda viviam em um ambiente pagão. Mas eles já não deveriam viver dessa maneira, mesmo que as pessoas ao seu redor continuassem

a fazer isso. Antes eles eram pagãos e viviam como pagãos; agora eles eram cristãos e deveriam assim viver.

Era essencial, desde o início, que seus leitores entendessem o contraste entre o que haviam sido como pagãos e o que eram como cristãos, e ainda compreendessem as bases teológicas fundamentais dessa mudança. Ao descrever os pagãos, Paulo chama a atenção para a inutilidade dos pensamentos deles, acrescentando que estão obscurecidos no entendimento e, ao mesmo tempo, atribuindo o fato de estarem separados de Deus à ignorância em que estavam. Como resultado, os pagãos se tornaram insensíveis, licenciosos e insaciavelmente impuros.

Mas qual é a origem da escuridão das mentes pagãs? É “devido ao endurecimento do seu coração” (v. 18). A versão Almeida Revista e Atualizada traduz “pela dureza do seu coração”, enquanto a Nova Tradução na Linguagem de Hoje utiliza “ignorantes e teimosos”. É verdade que, no uso bíblico, coração e mente não podem ser separados, uma vez que o coração inclui a capacidade de pensar e entender. No entanto, existe uma distinção real entre a ignorância, por um lado, e a dureza ou teimosia, por outro.

Se colocarmos juntas as expressões de Paulo, observando cuidadosamente suas conexões lógicas, ele parece descrever o terrível caminho do mal rumo ao declínio, que começa com uma obstinada rejeição da verdade conhecida de Deus. A dureza do coração leva ao obscurecimento da mente, depois à morte da alma sob o juízo de Deus e, finalmente, à imprudência na vida. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje diz: “Eles não têm nenhum controle e fazem todo tipo de coisas indecentes”. Assim, tendo perdido toda a sensibilidade, as pessoas perdem todo o autocontrole.

Nos versículos 20-24, diante do obscurecimento e da ignorância dos pagãos, Paulo apresenta a verdade de Cristo que os cristãos haviam aprendido. As Escrituras têm um testemunho inabalável do poder que a ignorância e o erro têm

de corromper, e do poder que a verdade tem de libertar, enobrecer e purificar.

A VIDA CRISTÃ

EFÉSIOS 4.20-24

20 Todavia, não foi isso que vocês aprenderam de Cristo. 21 De fato, vocês ouviram
falar dele, e nele foram ensinados de acordo com a verdade que está em Jesus.
22 Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho
homem, que se corrompe por desejos enganosos, 23 a serem renovados no modo
de pensar e 24 a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus
em justiça e em santidade provenientes da verdade.

Diante da dureza, do obscurecimento e da imprudência dos pagãos, Paulo define todo um processo de educação moral cristã. Ele usa três expressões paralelas: vocês aprenderam (v. 20), vocês ouviram (v. 21) e foram ensinados (v. 21).

De acordo com a primeira expressão, o próprio Cristo é a essência do ensino cristão. Ele é a Palavra que se fez carne, o único Deus-homem que morreu, ressuscitou e reina. Mas, mais do que isso, devemos também pregar seu senhorio, o reino ou o governo de justiça que ele inaugurou, e todas as exigências morais da nova vida. O Cristo de quem os efésios haviam aprendido os estava chamando a padrões e valores totalmente diferentes da antiga vida pagã deles.

Na segunda expressão, temos Cristo, o mestre (vocês o ouviram). É lamentável que a Nova Versão Internacional traduza a expressão como “vocês ouviram falar dele”, pois não há preposição. Paulo acredita que, por meio da voz de seus mestres cristãos, eles realmente ouviram a voz de Cristo. Assim, quando a sólida

instrução moral bíblica está sendo dada, pode-se dizer que Cristo está ensinando sobre ele próprio.

Já na terceira expressão, nele foram ensinados, isto é, Jesus Cristo também era o contexto, até mesmo a atmosfera dentro da qual o ensino era dado. Quando Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o sujeito, o objeto e o contexto da instrução moral que está sendo dada, temos a confiança de que ela é verdadeiramente cristã. Pois a "verdade [...] está em Jesus". Mas o que exatamente é essa verdade em Jesus? Se o obscurecimento dos pagãos leva à impureza imprudente, os versículos 22-24 dão a resposta: é nada menos do que nos despir da velha humanidade, como se ela fosse uma roupa puída, e nos revestir de uma roupa limpa, como se ela fosse a nova humanidade recriada à imagem de Deus.

Os leitores de Paulo haviam aprendido que se tornar um cristão envolve uma mudança radical, ou seja, conversão e recriação. Envolve o repúdio do velho eu, nossa humanidade caída, e a convicção de um novo eu, ou de uma humanidade recriada.

As descrições que Paulo faz de ambos os "eus" se equilibram. O velho eu estava em processo de degeneração, a caminho da ruína ou destruição; o novo eu acabou de ser "criado para ser semelhante a Deus".

A nova humanidade que assumimos é criação de Deus, não nossa, mas concordamos inteiramente com o que ele fez. Nós "nos despimos" de nossa velha vida, afastando-nos dela com aversão, e "nos revestimos" da nova vida que ele criou, aceitando-a e acolhendo-a com alegria. Em suma, a recriação (o que Deus faz) e o arrependimento (o que fazemos por sua graça) são indissolúveis e não podem ser separados.

O tipo de roupa que vestimos depende do tipo de papel que estamos cumprindo.

Mas quando mudamos nosso papel, trocamos de roupa. Uma vez que, por uma nova criação, nós nos despimos da velha humanidade e nos revestimos da nova, devemos também deixar de lado os velhos padrões e adotar novos. Nosso novo papel implicará novas roupas; nossa nova vida, um novo estilo de vida ético.

O QUE ROMPE A COMUNHÃO

EFÉSIOS 4.25-27

25 Portanto, cada um de vocês deve abandonar a mentira e falar a verdade ao seu próximo, pois todos somos membros de um mesmo corpo. 26“Quando vocês ficarem irados, não pequem”. Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha, 27e não deem lugar ao Diabo.

É maravilhoso como Paulo facilmente sai da sublime discussão teológica sobre as duas humanidades e passa para o âmago da questão do comportamento cristão.

Ele começa com mentiras e verdade. Estritamente falando, a palavra grega não é mentira no abstrato, mas "a mentirá. Portanto, é possível, então, que Paulo esteja se referindo à grande mentira da idolatria, o principal sintoma de uma mente inútil e obscurecida (4.17-18). Ele os encoraja a abandonar todas as mentiras menores e a falar a verdade.

Os seguidores de Jesus devem ser conhecidos em sua comunidade como pessoas honestas e confiáveis, em cuja palavra se pode confiar. A razão dada não é apenas o fato de o outro ser nosso próximo, a quem somos ordenados nas Escrituras a amar, mas a doutrina da igreja: “Pois todos somos membros de um mesmo corpo” (v. 12-16). A comunhão é construída na confiança, e a confiança

é construída na verdade. Assim, a mentira mina a comunhão, enquanto a verdade a fortalece.

Adiante, Paulo insiste: “Quando vocês ficarem irados, não pequem”, um eco de Salmos 4.4. A Nova Versão Internacional traduz corretamente essa expressão idiomática do hebraico que permite e depois restringe a ira. As Escrituras ensinam que existem dois tipos de ira: a justa e a injusta. No texto de 4.31, a ira é um dos muitos sentimentos desagradáveis que devemos deixar de lado. Mas o texto de 5.6 diz que a ira de Deus cairá sobre os desobedientes, e a ira de Deus é justa. Assim foi a ira de Jesus (Mc 3.5).

Precisamos muito da ira justa hoje. Em face do flagrante mal, deveríamos ficar indignados, não tolerantes; irados, não apáticos. Se Deus odeia o pecado, seu povo também deveria odiá-lo. Paulo sabe que a verdadeira paz não é idêntica ao apaziguamento.

Ao mesmo tempo, temos de ser vigilantes e agir como censores de nossa própria ira. Então, Paulo imediatamente qualifica o permissivo quando vocês ficarem irados com três negativas.

Primeiro, “não pequem”. Devemos ter certeza de que nossa ira está livre de orgulho ferido, despeito, maldade, animosidade e espírito de vingança. Segundo, “apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha”. Paulo não quer dizer que podemos ficar irados até o pôr do sol. Não, sua intenção é alertar-nos para que não alimentemos a ira. Raramente é seguro deixar que as brasas ardam sem chamas. “Nunca vá irado para a cama” é uma boa regra prática, e raramente é mais apropriada do que a um marido e esposa. A terceira qualificação de Paulo é “não deem lugar ao Diabo”, pois ele sabe como é tênue a linha entre a ira justa e a injusta, e como é difícil para o ser humano lidar com a ira de maneira responsável.

Em todo caso, devemos estar vigilantes para não provocar algo que vá romper a comunhão.

USANDO NOSSAS MÃOS E NOSSA BOCA

EFÉSIOS 4.28-30

28 O que furtava não furte mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade. 29 Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem. 30 Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção.

O conselho prático de Paulo continua com uma referência ao oitavo mandamento: não furte. Ele tem uma ampla aplicação, não apenas ao furto de dinheiro ou bens de outras pessoas, mas também a evasões fiscais e desvios alfandegários que roubam do governo os impostos que lhe são devidos, a empregadores que não pagam salários justos e a funcionários que prestam serviços precários ou trabalham pouco tempo.

Ao repetir o mandamento, no entanto, o apóstolo vai além da proibição e extrai suas implicações positivas. Não basta deixar de furtar – devemos realizar um trabalho honesto e útil para que possamos ganhar o próprio sustento, ser capazes de sustentar nossa família e poder dar a “quem estiver em necessidade”.

O apóstolo, assim, passa do uso das mãos para o uso da boca. A fala é um dom maravilhoso de Deus. Assim, não deixe que “nenhuma palavra torpe saia da [sua] boca”. Paulo usa uma palavra, nesse contexto, para árvores e frutos podres.

Devemos usar nosso dom único da fala de forma construtiva, edificar pessoas e não as prejudicar ou destruir.

Em vez de ferir as pessoas com nossas palavras, devemos usá-las para ajudar, encorajar, alegrar, confortar e estimulá-las. Muitas vezes somos desafiados pelas palavras contrastantes do homem sábio e do tolo em Provérbios 12.18: “Há palavras que ferem como espada, mas a língua dos sábios traz a cura”.

Posteriormente, Paulo introduz o Espírito Santo: “Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção” (v. 30), talvez porque estivesse constantemente ciente de que personalidades invisíveis estão presentes e ativas (v. 27). Mas o que o entristece? Uma vez que é o “Espírito Santo”, ele fica entristecido com a falta de santidade; e, uma vez que é “um só Espírito” (2.18, 4.4), a desunião também lhe causa tristeza. De fato, qualquer atitude incompatível com a pureza ou a unidade da igreja é incompatível com a natureza do Espírito e, portanto, entristece-o.

Notamos também, no versículo 30, as referências a ser “selados” com o Espírito e ao “dia da redenção”. O selo ocorreu no início de nossa vida cristã (1.13); o próprio Espírito Santo, que habita em nós, é o selo com o qual Deus nos marcou como seus. Embora já tenhamos a redenção no sentido do perdão (1.7), o dia da redenção aguarda o fim, quando nosso corpo será redimido, e a redenção ou libertação será completa.

Portanto, o selo e a redenção referem-se, respectivamente, ao começo e ao fim do processo de salvação. E entre esses dois termos, devemos crescer em semelhança com Cristo e tomar cuidado para não entristecermos o Espírito Santo. Todo cristão cheio do Espírito deseja agradar a ele.

IMITE DEUS

EFÉSIOS 4.31–5.2

31 Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de
toda maldade. 32 Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros,
perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo. 5.1 Portanto,
sejam imitadores de Deus, como filhos amados, 2 e vivam em amor, como
também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma
agradável a Deus.

Paulo oferece uma lista de seis atitudes e ações desagradáveis que devemos deixar totalmente de lado. “Amargura” é um espírito ácido e um discurso amargo. Às vezes falamos das resmungonas, mas há resmungões também. Poucas atitudes são mais tristes nos idosos do que uma visão negativa e cética da vida.

“Indignação e ira” são obviamente similares, a primeira denotando uma explosão exaltada, e a segunda, uma hostilidade mais decidida e ressentida. “Gritaria” descreve pessoas que se exaltam, levantam a voz em uma briga e começam a gritar, até mesmo a berrar umas com as outras; “calúnia”, por sua vez, é falar mal dos outros, especialmente pelas costas, e assim difamar e até mesmo destruir a reputação deles. A sexta palavra é “maldade”, ou má intenção, desejando e provavelmente tramando o mal contra as pessoas. Podem incluir também as cinco falhas anteriores. Não há lugar para nenhuma dessas ações horríveis na comunidade cristã; elas precisam ser totalmente rejeitadas.

Em vez dessas atitudes, devemos acolher os tipos de qualidade que caracterizam o comportamento de Deus e seu Cristo. Devemos ser bons uns para com os outros. A palavra é chrēstos e, por causa da clara assonância com o nome de Cristo (Christos), os cristãos, desde oinício, viram sua peculiar adequação. Ela ocorre no Sermão do Monte como referência à bondade de Deus até mesmo para

com os “ingratos e maus” (Lc 6.35). Além disso, devemos ser compassivos enquanto perdoamos uns aos outros (literalmente “agindo em graça” uns para com os outros), como Deus em Cristo agiu em graça para conosco.

“Portanto”, por causa da atitude graciosa e das ações generosas de Deus para conosco, devemos “[ser] imitadores de Deus, como filhos amados”. Assim como os filhos imitam os pais, devemos imitar o Deus Pai, como disse Jesus (Mt 5.45, 48). Devemos fazer isso “[vivendo] em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós”. O mesmo verbo para autoentrega é usado em referência aos pagãos em 4.19. Eles se entregam à libertinagem; nós, como Cristo, devemos nos entregar ao amor. Essa autoentrega pelos outros é agradável a Deus. Assim como aconteceu com Cristo e o mesmo conosco, o amor abnegado é “como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus”. Portanto, é uma notável verdade que o amor sacrificial pelos outros se torna um sacrifício aceitável a Deus.

Não podemos deixar de notar como a ética de Paulo está centrada em Deus. É natural para ele, ao dar suas instruções morais, mencionar as três pessoas da Trindade, dizendo que devemos imitar Deus, aprender de Cristo e não entristecer o Espírito Santo.

DANDO GRAÇAS PELO DOM DE DEUS, NÃO O DESPREZANDO

EFÉSIOS 5.3-4

3 Entre vocês não deve haver nem sequer menção de imoralidade sexual como também de nenhuma espécie de impureza e de cobiça; pois essas coisas não são próprias para os santos. 4 Não haja obscenidade, nem conversas tolas, nem gracejos imorais, que são inconvenientes, mas, ao invés disso, ações de graças.

A linguagem de Paulo abrange todo tipo de pecado sexual; em outras palavras, toda atividade sexual fora do contexto ordenado por Deus de um casamento amoroso. Paulo acrescenta a “cobiça”, sem dúvida, porque é uma forma especialmente degradante de imoralidade, ou seja, cobiçar o corpo de outra pessoa para se satisfazer de maneira egoísta. O décimo mandamento proibia especificamente que se cobiçasse a esposa do próximo e, nesta carta, Paulo escreveu sobre a cobiça envolvida em práticas impuras (4.19). Devemos evitar não apenas nos entregarmos a elas, mas também pensarmos e falarmos nelas, tanto que devem ser completamente banidas da comunidade cristã.

Isso era exigir um padrão alto e santo, pois a imoralidade predominava naquela parte do Império Romano. E, uma vez que a deusa grega Ártemis, “Diana dos efésios”, era considerada deusa da fertilidade, as orgias sexuais eram regularmente associadas à sua adoração.

O versículo 4 vai além da imoralidade e chega à vulgaridade. Pois “obscenidade [...] conversas tolas [...] gracejos imorais” são a forma mais barata de humor. Os três referem-se a uma mente suja, que se expressa em conversas sujas. Mas essas atitudes são completamente “descabidas”. Em vez disso, que haja ações de graças. O contraste é impressionante e belo. Em si mesma, a ação de graças não é um substituto óbvio da vulgaridade, uma vez que a última é, essencialmente, egocêntrica e a primeira, centrada em Deus. Mas talvez esse seja o ponto que Paulo está propondo.

Muitos pensam que o cristianismo tem uma atitude compulsivamente puritana em relação ao sexo. E é verdade que alguns de nossos antepassados vitorianos chegaram perto dessa identificação. Mas a razão pela qual os cristãos devem odiar e evitar a vulgaridade não está relacionada a uma visão distorcida do sexo e a sentimentos de vergonha ou medo dele, mas à visão elevada e santa do sexo como sendo, em seu devido lugar, boa dádiva de Deus. Todas as dádivas de Deus, incluindo o sexo, são temas para ações de graças, e não para brincadeiras. Brincar com elas significa degradá-las; agradecer a Deus por elas é a maneira de preservar seu valor como as bênçãos de um Criador amoroso.

Os capítulos 4–5 são uma empolgante convocação à unidade e pureza da igreja, mas são mais do que isso. Seu tema é a integração da experiência cristã (o que somos), da teologia cristã (em que cremos) e da ética cristã (como nos comportamos). Enfatizam que o ser, o pensamento e a ação são indissolúveis e nunca devem ser separados. Pois o que somos governa o modo como pensamos, e o modo como pensamos determina o modo como agimos. Somos a nova sociedade de Deus, um povo que se despiu da velha vida e se revestiu da nova; foi assim que ele nos fez.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 4.17–5.4

PARA RESPONDER

Em uma escala de 1 a 10, sendo 10 o comportamento mais puro e 1, o menos puro, como você classificaria a igreja hoje? Explique.

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 4.17–5.4.

Paulo insiste que os cristãos efésios já não devem viver como pagãos (gentios). Como os pagãos são descritos (v. 17-19)?

Observando os versículos 20-24, descreva o processo de educação moral que os cristãos experimentaram.

Qual é o papel da mente no comportamento dos pagãos (v. 18) e dos cristãos (v. 20-24)?

Por que a mente (o que somos ensinados e o que pensamos) é tão fundamental quando o assunto é comportamento?

Como podemos renovar nossa mente em Cristo?

Liste os pecados dos quais devemos nos despir, indicando o mandamento positivo em cada instrução (v. 29-31).

O que todos têm em comum?

Que razão é dada ou está implícita em cada argumento em favor desses mandamentos?

Por que Paulo introduz o Espírito Santo no versículo 30?

No versículo 25, Paulo declara: “Pois todos somos membros de um mesmo corpo”. Quais seriam os efeitos, no corpo de Cristo, de obedecermos a esses mandamentos?

PARA APLICAR

Dessas áreas de pecado das quais devemos nos despir, a qual você está vulnerável?

Como a identidade em Cristo afeta seu modo de querer viver?

A santidade não é uma condição mística experimentada em relação a Deus, isoladamente de outros seres humanos. Não podemos ser bons no vazio, mas apenas no mundo real das pessoas. Como os outros podem nos ajudar a sermos mais puros no comportamento?

Agradeça a Deus pelo chamado a uma vida de santidade. Peça-lhe para revelar o pecado do qual você precisa se despir e as boas vestes das quais ele quer que você se revista. Agradeça-lhe pela obra do Espírito Santo em sua vida.

8 EFÉSIOS 5.5-21

JUSTIÇA

IDOLATRIA E O REINO

EFÉSIOS 5.5

[15]Porque vocês podem estar certos disto: nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso, que é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus.

Embora o versículo 5 ainda tenha como tema o sexo, a ênfase mudou. Em sua abordagem sobre o comportamento cristão, Paulo passa dos modos para a motivação e acrescenta poderosos incentivos à vida justa.

Todos os empregadores no comércio e na indústria sabem da vital importância de incentivos. Como os trabalhadores podem ser persuadidos a trabalhar mais e melhor e, assim, aumentar a produtividade ou as vendas? Todos os tipos de estímulo são oferecidos na forma de salários mais altos, condições de trabalho mais atraentes, bônus, férias, instalações recreativas e educacionais e, por fim, perspectivas de boa aposentadoria e pensão. Os melhores incentivos, porém, não são nem materiais nem egoístas. Empregadores sábios procuram dar à sua força de trabalho um interesse maior por sua profissão, maior lealdade à empresa e um sentimento de orgulho no que estão fazendo ou vendendo.

Tudo isso dá testemunho da natureza dos seres humanos, feitos à semelhança de Deus, que, além de uma profissão, precisam de razões para fazê-lo, ideais para inspirá-los e um senso de realização criativa. Não é de surpreender, portanto, que a Bíblia esteja preocupada não apenas com obrigações, mas também com a motivação. As pessoas sabem o que devem fazer; como podem ser motivadas a fazê-lo? Nesse contexto, enfatiza-se um aspecto da doutrina da santificação (o processo de se tornar como Cristo).

O primeiro incentivo que Paulo menciona é a solene certeza do juízo. A maioria das pessoas imorais escapa impune com sua imoralidade na terra, mas elas não vão escapar à descoberta, à condenação nem à pena eternamente. “Porque vocês podem estar certos disto”, adverte Paulo, “nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso [...] tem herança no Reino de Cristo e de Deus”. As pessoas imorais ou impuras imaginadas aqui são as que se entregaram a esse modo de vida sem constrangimento ou arrependimento. Trata-se de alguém que é sexualmente ávido ou cobiçoso (4.19, 5.3), isto é, um idólatra. Tais pessoas, cuja luxúria se tornou uma obsessão idólatra, não terão participação no perfeito reino de Deus.

Devemos ser cautelosos, no entanto, em nossa aplicação dessa severa afirmação. Ela não deve ser entendida como se ensinasse que até mesmo um único pensamento, palavra ou ação imoral fosse suficiente para nos desqualificar para o céu; caso contrário, qual de nós se qualificaria para entrar nele? Para aqueles que caem em tais pecados por fraqueza, mas depois se arrependem com vergonha e humildade, há perdão.

A CERTEZA DO JUÍZO

EFÉSIOS 5.6-7

6 Ninguém os engane com palavras tolas, pois é por causa dessas coisas que a ira
de Deus vem sobre os que vivem na desobediência. 7 Portanto, não participem

com eles dessas coisas.

O próprio apóstolo incentivou seus leitores a reconhecerem a verdade do juízo divino. Ele os adverte contra as “palavras tolas” dos falsos mestres que os persuadiriam do contrário. Nos dias de Paulo, os gnósticos argumentavam que pecados do corpo poderiam ser cometidos sem danos à alma e com impunidade. Em nossos dias, existem diversos enganadores como esses no mundo e até mesmo na igreja. Eles ensinam que Deus é muito bom para condenar a todos e que todos, no fim, chegarão ao céu, independentemente do comportamento deles na terra. Mas suas palavras são vazias, e seus ensinamentos, enganosos. O universalismo (ou seja, a salvação final universal) é mentira. A verdade é que “por causa dessas coisas” (as práticas más, imorais, cobiçosas e idólatras) “a ira de Deus vem sobre os que vivem na desobediência”. A última expressão é um hebraísmo já visto em 2.2; significa aqueles que conhecem a lei de Deus e, intencionalmente, desobedecem a ela. A ira do Senhor cai sobre tais pessoas, começando agora e culminando no dia do juízo.

“Portanto”, conclui Paulo, uma vez que o reino de Deus é justo e a ira de Deus atingirá os injustos, “não participem com eles dessas coisas”. Paulo não está proibindo todo contato ou associação com tais pessoas. Caso contrário, não poderíamos levar a elas as boas-novas ou procurar tirá-las de seus maus caminhos. E nós precisaríamos sair completamente do mundo, o que Cristo proibiu (Jo 17.15). A palavra grega refere-se à participação, não apenas à associação. Pois, se compartilhamos suas práticas, como Ló foi advertido em Sodoma, corremos o risco de compartilhar sua perdição.

É fácil para os cristãos ler rapidamente um parágrafo como esse, sem parar para refletir, assumindo que sua mensagem se aplica aos incrédulos, não a eles. Paulo não assegura na primeira parte de sua carta nossa herança celestial, nos ensinando que o Espírito Santo dentro de nós é a garantia de Deus, até mesmo a antecipação e o sinal, até que a possuamos, e ora para que nossos olhos se abram para ver “as riquezas da gloriosa herança dele”, que, um dia, serão nossas (1.13-14, 18)? Sim, de fato ele faz isso.

Ao mesmo tempo, ele também nos adverte contra o perigo de perdermos nossa herança no reino de Deus. Como podemos conciliar esses ensinamentos? Apenas lembrando que a garantia de salvação não é sinônimo nem desculpa para presunção. E se caíssemos em uma vida de ávida imoralidade, estaríamos dando evidências de que somos, afinal, idólatras, não adoradores de Deus; pessoas desobedientes em vez de obedientes, e, portanto, herdeiros não do céu, mas do inferno. O apóstolo dá-nos uma séria advertência; convém que prestemos atenção nela.

O FRUTO DA LUZ

EFÉSIOS 5.8-14

8 Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como
filhos da luz, 9 pois o fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade; 10 e
aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor. 11 Não participem das obras
infrutíferas das trevas; antes, exponham-nas à luz. 12 Porque aquilo que eles
fazem em oculto, até mencionar é vergonhoso. 13 Mas, tudo o que é exposto pela
luz torna-se visível, pois a luz torna visíveis todas as coisas. 14 Por isso é que foi
dito: "Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo
resplandecerá sobre ti".

Paulo dá mais um motivo para não nos envolvermos na má conduta de pessoas imorais. Todo o parágrafo brinca com o rico simbolismo das trevas e da luz, sendo que as trevas representam a ignorância, o erro e o mal, enquanto a luz representa a verdade e a justiça. O apóstolo não diz que seus leitores estavam nas trevas, mas agora estão na luz. Isso seria verdade, mas o que Paulo escreve é ainda mais impressionante: eles mesmos eram trevas e agora, na verdade, são luz. Essa transformação radical ocorreu "no Senhor", em virtude da união deles com Cristo, que é a luz do mundo. Consequentemente, eles devem "[viver] como filhos da luz" ou "como pessoas que pertencem à luz" (NTLH). Seu

comportamento deve estar de acordo com sua nova identidade.

Na prática, isso significa uma vida resplandecente com “toda a bondade, justiça e verdade”, que são “o fruto da luz”. A metáfora da luz fala vividamente da franqueza e transparência cristãs, de viver com alegria na presença de Cristo, sem nada a esconder ou temer.

O versículo 13 desenvolve o duplo valor de uma exposição cristã do mal. Primeiro, “tudo o que é exposto pela luz torna-se visível”. O mal é visto pelo que é, sem possibilidade de ocultação ou subterfúgio.

Segundo, “a luz torna visíveis todas as coisas”. Ao que parece, Paulo está descrevendo outro estágio do que a luz faz: ela realmente torna visível o que ela ilumina. Isso pode significar que os cristãos que levam uma vida justa coíbem e regeneram malfeitores, e até os convertem. A luz que o apóstolo expõe também tem um positivo poder evangelístico. Pode levar as pessoas, quando veem a feiura do mal, à convicção de seus pecados e, assim, à fé penitente em Jesus.

O versículo 14 é uma conclusão natural. Paulo sustenta seu argumento com uma citação adequada, que resume o ensino de um versículo do Antigo Testamento como Isaías 61.1 ou, como sugerem muitos comentaristas modernos, é um trecho de um hino pascal ou batismal: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo resplandecerá sobre ti”. Nossa velha condição em Adão é explicitamente descrita em termos de sono, morte e trevas, das quais Cristo nos resgata. Conversão é nada menos do que despertar do sono, ressuscitar da morte e ser trazido das trevas para a luz de Cristo. Não é de admirar que sejamos chamados a viver, portanto, uma nova vida!

A NATUREZA DA SABEDORIA

EFÉSIOS 5.15-17

15 Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como
insensatos, mas como sábios, 16 aproveitando ao máximo cada oportunidade,
porque os dias são maus. 17 Portanto, não sejam insensatos, mas procurem
compreender qual é a vontade do Senhor.

Tudo que vale a pena fazer requer cuidados. Nós nos preocupamos com o que no parece importante – trabalho, educação, lar e família, hobbies, roupas e aparência. Assim, como cristãos, diz Paulo, devemos nos preocupar com nossa vida cristã. Devemos tratá-la com a seriedade que ela requer. Quais são, portanto, as marcas das pessoas sábias que se preocupam com o discipulado cristão?

Primeiramente, pessoas sábias aproveitam ao máximo todas as oportunidades. O verbo grego provavelmente significa “comprar”, aproveitar todas as oportunidades para fazer o bem. Certamente, as pessoas sábias sabem que o tempo é um bem precioso. Todos temos o mesmo tempo à disposição. Nenhum de nós pode esticar o tempo. Mas as pessoas sábias usam-no para a maior vantagem possível. Elas sabem que o tempo está passando e que “os dias são maus”. Assim, aproveitam cada oportunidade passageira enquanto ela é oferecida. Uma vez passada, nem mesmo as pessoas mais sábias não conseguem recuperá-la.

Em segundo lugar, as pessoas sábias discernem a vontade de Deus. Elas têm certeza de que a sabedoria deve ser encontrada na vontade de Deus, em nenhum outro lugar. O próprio Jesus orou: “Não seja feita a minha vontade, mas a tua” e ensinou-nos a orar: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Nada é mais importante na vida do que descobrir e cumprir a vontade de Deus.

Ao procurar descobrir a vontade de Deus, devemos distinguir entre sua vontade geral e sua vontade particular. Sua vontade geral se relaciona com todos nós – isto é, tornar-nos como Cristo. Sua vontade particular, no entanto, diz respeito às especificidades de nossa vida, e é diferente para cada um de nós – que carreira seguiremos, se devemos nos casar e, se sim, com quem. Encontramos sua vontade geral nas Escrituras, mas não encontramos sua vontade particular lá. Para termos certeza, há princípios gerais na Bíblia para nos guiar, mas decisões detalhadas precisam ser tomadas após cuidadosa reflexão e oração, e a busca de conselhos de cristãos maduros e experientes.

A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

EFÉSIOS 5.18

18 Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito.

O dever e o privilégio cristão é o mandamento: “Deixem-se encher pelo Espírito”. Paulo já disse aos seus leitores que eles foram selados e não devem entristecer o Espírito Santo (1.13, 4.30). Ele não oferece maior segredo de santidade do que se deixar encher por aquele cuja natureza e nome são santos.

Quando Paulo diz: “Deixem-se encher pelo Espírito”, essa não é uma proposta provisória, mas uma ordem inquestionável. Deixar-se encher pelo Espírito é obrigatório, não opcional. E a ordem é dirigida a toda a comunidade cristã. Nenhum de nós deve se embriagar; todos devemos ser cheios do Espírito. A plenitude do Espírito não é um privilégio elitista, mas está à disposição de todo o povo de Deus.

Embora seja uma ordem, é uma ordem para permitirmos que algo nos aconteça, não algo pelo qual somos os principais responsáveis. A versão Nova Almeida Atualizada diz: “Deixem-se encher do Espírito” [“Deixem o Espírito encher vocês”, tradução livre]. O que é essencial é o penitente abandono do que entristece o Espírito Santo e a abertura fiel a ele, de modo que nada o impeça de nos encher.

De maneira instrutiva, a passagem paralela em Colossenses não diz: “Deixem-se encher pelo Espírito”, mas: “Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo” (Cl 3.16). Nunca devemos separar o Espírito e a Palavra. Obedecer à Palavra e entregar-se ao Espírito é praticamente a mesma atitude.

Quando devemos ser cheios? Agora. A palavra grega descreve uma ação contínua. Não devemos ser cheios apenas uma vez, mas continuar a ser cheios. Pois a plenitude do Espírito não é uma experiência única que nunca podemos perder, mas o privilégio de sermos constantemente renovados, mediante a fé e a obediência contínuas. Fomos selados com o Espírito de uma vez por todas, mas precisamos ser cheios do Espírito e continuar a ser cheios todos os dias, em todos os momentos do dia.

Essa é, portanto, uma mensagem tanto para os derrotados quanto para os complacentes, ou seja, para os cristãos em lados opostos do espectro espiritual. Para os derrotados, Paulo diria: “Encham-se do Espírito, e ele lhes dará um novo amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”. Para os complacentes, Paulo diria: “Continuem a ser cheios do Espírito. Graças a Deus pelo que ele lhes deu até agora. Mas não digam que chegaram lá. Pois ainda há muito, muito mais por vir”.

EM QUE RESULTA SEREM CHEIOS

EFÉSIOS 5.19-21

19 Falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando
de coração ao Senhor, 20 dando graças constantemente a Deus Pai por todas as
coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. 21 Sujeitem-se uns aos outros, por
temor a Cristo.

Quais são os resultados benéficos de ser cheio do Espírito? Paulo apresenta quatro. Primeiro, comunhão. “Salmos, hinos e cânticos espirituais” indicam que o contexto é a adoração pública. Toda vez que se reúnem, os cristãos amam cantar, tanto para Deus como uns para os outros. Alguns dos salmos que cantamos não são, na realidade, adoração a Deus, mas exortação mútua.

Segundo, adoração. “Cantando e louvando”, diz Paulo, “de coração ao Senhor”. Aqui, o canto não é uns para os outros, mas para Deus. A instrução para cantar de coração sempre deu aos desafinados muito conforto.

O terceiro resultado de ser cheio do Espírito é a gratidão (v. 20). Um espírito que murmura não é compatível com o Espírito Santo. O cristão cheio do Espírito não está cheio de queixas, mas de ações de graças.

Embora o texto afirme que devemos dar graças “constantemente [...] por todas as coisas”, não devemos considerar essas palavras literalmente. Não podemos agradecer a Deus por absolutamente tudo, incluindo o mal flagrante. É claro que os filhos de Deus aprendem a não discutir com ele no sofrimento, mas a confiar nele e agradecer-lhe por sua providência amorosa, pela qual ele pode transformar até o mal em bons propósitos (Rm 8.28). Mas isso é louvar a Deus por ser Deus; não é louvá-lo pelo mal. Fazer isso seria reagir insensivelmente à dor das pessoas, tolerar e até mesmo encorajar o mal. Deus odeia o mal, e não podemos louvá-lo nem lhe agradecer pelo que ele despreza.

Então, “todas as coisas” pelas quais devemos dar graças a Deus devem ser qualificadas por seu contexto, isto é, todas as coisas “em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. Nossa ação de graças deve ser por tudo que é consistente com a amorosa paternidade de Deus e a revelação de si mesmo que ele nos deu em Jesus Cristo. Mais uma vez, a doutrina da Trindade molda e dirige nossa devoção. Quando estamos cheios do Espírito Santo, damos graças a Deus, nosso Pai, em nome do Senhor Jesus Cristo.

O quarto resultado é a sujeição uns aos outros. Às vezes, uma pessoa que afirma ser cheia do Espírito torna-se agressiva, autoritária e insolente. Mas aqueles verdadeiramente cheios do Espírito demonstram a mansidão e a gentileza de Cristo. É uma das características mais evidentes de que eles se sujeitam uns aos outros. Eles também se sujeitam a Cristo, pois sua submissão mútua é “por temor a Cristo”.

Esses são os resultados benéficos da plenitude do Espírito Santo. Todos dizem respeito aos nossos relacionamentos. Se formos cheios do Espírito, nós nos relacionaremos harmoniosamente com Deus (adorando-o com alegria e ação de graças) e uns com os outros (falando e sujeitando-nos uns aos outros). Cristãos cheios do Espírito amam a Deus e amam uns aos outros, o que não é de surpreender, uma vez que o primeiro fruto do Espírito é o amor.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 5.5-21

PARA RESPONDER

O que efetivamente motiva você em sua vida cristã?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 5.5-21.

Que advertência Paulo dá nos versículos 5-7?

Nesse contexto, o que significa ser enganado por palavras tolas?

Por que Paulo chamaria os idólatras de imorais, impuros ou gananciosos?

Em que áreas de sua vida você está mais tentado à idolatria?

Paulo contrasta luz com trevas para dizer mais sobre a vida de santidade. Como luz no Senhor, como devemos viver (v. 8-21)?

Por que é importante que o pecado se torne visível (v. 13)?

A luz torna visível qualquer coisa. Como os cristãos podem transformar trevas em luz?

Observe que Paulo diz: “Tenham cuidado” (v. 15). Como podemos cuidar de nossa vida cristã?

Quais são as características de uma pessoa sábia, de acordo com os versículos 15-17?

Por que é importante aproveitar ao máximo todas as oportunidades?

Como podemos seguir a ordem “deixem-se encher pelo Espírito”?

Quais são os resultados benéficos de ser cheio do Espírito Santo (v. 19-21)?

Por que você acha que é necessário que os cristãos sejam cheios do Espírito Santo para se sujeitarem uns aos outros?

PARA APLICAR

Que diferenças o Espírito de Cristo tem feito em sua vida?

Como você poderia viver de maneira mais sábia?

Reafirme seu compromisso com Deus como filho da luz. Fale com ele sobre seu desejo de viver como tal em um mundo sombrio e de agradar a ele. Peça-lhe para revelar a você o pecado e a idolatria que o separam dele.

9 EFÉSIOS 5.21

AMOR

AUTORIDADE E SUBMISSÃO

21 Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo.

A própria noção de submissão à autoridade é totalmente incompatível com as atitudes contemporâneas de permissividade e liberdade. Qual deveria ser nossa reação a esses movimentos de liberdade? Não hesito em dizer que, como cristãos, deveríamos acolhê-los. Mulheres, crianças e trabalhadores sempre foram reprimidos e sufocados.

Nós, que anunciamos o nome de Cristo, precisamos reconhecer com vergonha que nós mesmos, muitas vezes, concordamos com o status quo e, assim, ajudamos a perpetuar algumas formas de opressão humana, em vez de estarmos na vanguarda daqueles que buscam mudanças sociais. Mulheres, crianças e trabalhadores devem sua liberdade principalmente a Jesus Cristo, que tratou as mulheres e as crianças com cortesia e dignidade, em uma época em que elas eram desprezadas.

Podemos afirmar com convicção pelo menos três verdades relevantes: a dignidade da condição da mulher, da infância e da condição de servo; a igualdade perante Deus de todos os seres humanos, independentemente de raça,

posição social, classe, cultura, gênero ou idade, porque todos são feitos à imagem dele; e a unidade ainda mais profunda de todos os cristãos, como membros da família de Deus e do corpo de Cristo (Cl 3.11; Gl 3.28). Esse é o contexto em que consideramos tais versículos.

A submissão que Paulo exige de esposas, filhos e servos não é outra palavra para inferioridade. Podemos fazer uma distinção entre pessoas, por um lado, e seus papéis, por outro. Maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos têm igual dignidade como seres semelhantes a Deus, mas diferentes papéis designados por ele.

Duas questões surgem imediatamente sobre essa autoridade: de onde ela vem? E como deve ser usada? Para começar, a autoridade vem de Deus. O Deus da Bíblia é um Deus de ordem e, ao ordenar a vida humana (como, por exemplo, no Estado e na família), ele estabeleceu certos papéis de autoridade ou liderança. É "por temor a Cristo" que devemos nos sujeitar uns aos outros.

Precisamos ter cuidado para não exagerar o ensino bíblico sobre autoridade. Não significa que a autoridade de maridos, pais e senhores é ilimitada, ou que esposas, filhos e trabalhadores são obrigados a obedecer incondicionalmente. Não, a submissão exigida é à autoridade de Deus delegada aos seres humanos. Se, portanto, eles abusam de sua autoridade dada por Deus, então nosso dever já não é nos submetermos com plena consciência, mas sim nos recusar com plena consciência a fazê-lo. Nesse ponto, a desobediência civil torna-se nosso dever cristão. Como disse Pedro ao Sinédrio: "É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!" (At 5.29).

Além disso, a autoridade delegada por Deus nunca deve ser usada egoisticamente, mas em benefício dos outros. Paulo adverte maridos, pais e senhores contra o uso indevido da autoridade deles, proíbe que explorem a posição que têm e insiste em fazer com que se lembrem das suas responsabilidades e dos direitos dos outros.

Todos que estão em posição de autoridade são responsáveis perante Deus e perante aqueles em benefício de quem lhes foi dada autoridade. Emresumo, o conceito bíblico de autoridade não significa tirania, mas responsabilidade.

O DEVER DAS ESPOSAS

EFÉSIOS 5.22

22Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor.

Duas razões são dadas, ou pelo menos estão implícitas, para a submissão da esposa ao marido. A primeira é extraída da criação e diz respeito à “liderança” do marido em relação à esposa, enquanto a segunda é extraída da redenção e diz respeito à “liderança” de Cristo em relação à igreja.

A liderança do marido é apresentada como fato e tomada como a base da submissão de sua esposa. Mas Paulo, nesse trecho, não dá mais explicações sobre a origem dela. Para isso, recorremos a 1 Coríntios 11.3-12 e 1 Timóteo 2.11-13. Em ambas as passagens, ele recorre a Gênesis 2 e mostra que a mulher foi feita depois do homem, do homem e para o homem. Ele acrescenta que o homem também nasce da mulher, de modo que homem e mulher dependem um do outro. No entanto, sua ênfase está na ordem, no modo e no propósito da criação de Eva. E, uma vez que é principalmente nesses fatos da criação que Paulo baseia sua defesa do marido como cabeça, seu argumento tem validade permanente e universal, e não deve ser ignorado como algo que se limita à cultura.

As palavras submissão e liderança não estabelecem, por si só, estereótipos de comportamento masculino e feminino. Diferentes culturas atribuem diferentes tarefas a homens e mulheres, maridos e esposas. Hoje em dia, essas convenções são reconhecidas como culturais e, portanto, estão sendo desafiadas e, em alguns casos, alteradas.

Mas a liderança do homem (e especialmente do marido) não é uma aplicação cultural de um princípio; é o princípio da base em si. Isso não é chauvinismo, mas criacionismo. A nova criação em Cristo nos liberta da distorção das relações entre os sexos causada pela queda (Gn 3.16) e estabelece a intenção original da criação. O próprio Jesus voltou a esse início (Mt 19.4-6). Ele confirmou o ensino de Gênesis 1–2.

Passando da revelação bíblica para a experiência contemporânea, os cristãos concordarão que a sexualidade é parte integrante de nossa condição humana. Masculinidade e feminilidade representam uma distinção profunda que é tanto psicológica quanto física. É claro que os sexos são iguais perante Deus, mas isso não significa que sejam idênticos. O próprio Deus criou o homem e a mulher, macho e fêmea, à sua semelhança. Então, ambos igualmente levam a imagem divina, mas cada um também complementa o outro (Gn 1.26-27, 2.18-24). A perspectiva bíblica é manter simultaneamente a igualdade e a complementaridade dos sexos.

Como veremos no contexto completo desta passagem, tanto o amor do marido como a submissão da esposa significam perder-se para que o outro possa se encontrar, o que é a essência do evangelho de Cristo. É também a essência do relacionamento conjugal, pois, à medida que o marido ama a esposa e a esposa se submete ao marido, cada um está procurando capacitar o outro para se tornar mais plenamente quem ele é.

UMA CARTA DE LIBERDADE

EFÉSIOS 5.23-24

23Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja,
que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. 24Assim como a igreja está sujeita a
Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos.

Sabemos muito bem o que significava submissão no mundo antigo. O desprezo pelas mulheres era quase universal. William Barclay resume: “Os judeus tinham uma visão degradante das mulheres [...] Na lei judaica, uma mulher não era uma pessoa, mas uma coisa. Ela não tinha direitos legais; era absolutamente posse do marido para ele fazer o que bem quisesse [...] A posição era pior no mundo grego [...] Em Roma, nos dias de Paulo, era ainda pior”. É contra esse histórico sombrio que o ensino de Paulo brilha com uma luz intensa.

Qual é, então, a natureza da liderança do marido na nova sociedade que Deus inaugurou? Para responder, olhamos para Jesus Cristo. Embora fundamente a liderança do marido na criação, Paulo a define em relação à liderança de Cristo, o Redentor (v. 23). A liderança de Cristo em sua igreja já foi descrita em 4.15-16. A partir de Cristo como cabeça, o corpo obtém sua saúde e cresce em maturidade. A liderança de Cristo expressa cuidado em vez de controle, responsabilidade em vez de lei.

Deixe-me esclarecer cinco pontos que demonstrarão que esse não é um modelo de opressão, mas sim uma carta de liberdade genuína.

Em primeiro lugar, a exigência de submissão é um exemplo particular de um dever cristão geral, isto é, a injunção “mulheres, sujeite-se cada uma” (5.22) é precedida pela exigência de “[sujeitar-nos] uns aos outros” (5.21). Se, portanto, é dever da esposa se submeter ao marido, também é dever do marido se submeter à esposa. A submissão é uma obrigação cristã universal.

Segundo, a submissão da esposa deve ser dada ao homem que ela ama, não a um ogro. A instrução do apóstolo não é: “Esposas, sujeitem-se, e, maridos, mandem”; é: “Esposas, sujeitem-se, e, maridos, amem”. Três vezes o apóstolo repete seu encargo fundamental: “Ame cada um a sua mulher” (5.25); “os maridos devem amar cada um a sua mulher” (5.28); “cada um de vocês também ame a sua mulher” (5.33).

Terceiro, o marido deve amar como Cristo. Chegamos ao auge dessa exigência no versículo 25, em que ele é exortado a amar sua esposa “como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela”. Esse é o caráter íntegro do autossacrifício.

Quarto, o amor do marido, como o de Cristo, se sacrifica para servir. O propósito de Cristo é libertar a igreja das manchas e rugas que atrapalham sua beleza. Maridos cristãos devem ter uma preocupação semelhante. A liderança nunca deverá ser usada para reprimir a esposa. O marido deve ansiar por vê-la liberta de tudo que estraga sua verdadeira identidade feminina.

Por último, a sujeição da esposa é apenas outro aspecto do amor. Não é fácil distinguir claramente entre o que esposas e maridos devem fazer, sujeitar-se e amar. Afinal, o que significa se sujeitar se você não se entrega a alguém? E o que significa amar se você não se entrega por alguém? Estes são dois aspectos da mesma coisa.

O DEVER DOS MARIDOS

EFÉSIOS 5.25-27

[27]Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela [26]para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, [27]e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável.

Poderíamos pensar que a própria natureza ensinaria aos maridos a prioridade de amar a esposa, mas muitas culturas provam o contrário. Paulo usa duas analogias para ilustrar o carinho afetuoso que o amor de um marido pela esposa deve envolver.

A primeira é que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja. Já no Antigo Testamento a aliança graciosa que Deus fez com o povo de Israel foi muitas vezes mencionada como referência a um casamento, como em Isaías 54.5-8. Jesus apoderou-se desse ensino e, com ousadia, se referiu a si mesmo como o Noivo (Mc 2.18-20).

O que se destaca no desenvolvimento desse tema por Paulo é a determinação sacrificial do amor da aliança do Noivo celestial por sua noiva. É isso que os maridos devem imitar. Paulo usa cinco verbos para indicar os estágios de desenvolvimento do compromisso de Cristo com sua noiva, a igreja. Ele a amou, entregou-se por ela, para santificá-la, purificando-a para que pudesse apresentá-la a si mesmo. As palavras “Cristo amou a igreja”, precedendo seu autossacrifício em favor dela, parecem remontar à sua eterna preexistência, quando ele se apegou com amor ao seu povo e decidiu vir salvá-lo.

Paulo continua: “Para santificá-la, tendo-a purificado”. Talvez essa seja uma alusão deliberada ao banho das noivas que ocorria antes dos casamentos judaico e grego. A expressão também parece se referir à purificação inicial ou purificação do pecado e da culpa, que recebemos quando nos arrependemos e cremos em Jesus, e que se dá “pelo lavar da água mediante a palavra”. Essa é uma referência inequívoca ao batismo, enquanto a referência adicional à “palavra” indica que o batismo não é uma cerimônia mágica ou mecânica, mas

precisa de uma palavra explicativa para definir seu significado, expressar as promessas de purificação e de nova vida no Espírito que ele simboliza e despertar nossa fé.

O plano do Noivo celestial é “santificá-la” (o atual processo de torná-la santa em caráter e conduta mediante o Espírito que habita em nós) e, por fim, “apresentá-la a si mesmo” (quando Cristo voltar para levá-la para si). Ela estará radiante, mas isso significa também o brilho de Deus, o resplendor de seu ser oculto. A verdadeira natureza da igreja se tornará aparente. Na terra, ela muitas vezes está em frangalhos, manchada e feia, é desprezada e perseguida. Mas um dia será vista pelo que é, nada menos do que a noiva de Cristo.

Cristo não subjuga a igreja. Em vez disso, ele se sacrificou para servir a ela, a fim de que ela pudesse se tornar tudo que ele deseja que ela seja. Da mesma forma, um marido nunca deve usar sua liderança para subjugar ou sufocar a esposa, ou impedi-la de ser ela mesma. Seu amor por ela irá levá-lo ao caminho exatamente oposto. Ele se entregará por ela, para que ela desenvolva todo o seu potencial sob Deus e se torne mais completamente ela mesma.

A REGRA DE OURO

EFÉSIOS 5.28-30

28 Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como a seu
próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo. 29 Além do mais,
ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como
também Cristo faz com a igreja, 30 pois somos membros do seu corpo.

Depois de subirem com Paulo às alturas sublimes do amor romântico, muitos

leitores percebem um anticlímax no versículo 28. A instrução paulina aos maridos de amar cada um sua esposa parece descer do padrão elevado do amor de Cristo ao padrão bastante baixo do amor próprio. Essa sensação de anomalia tem levado alguns comentaristas a tentar traduzir a afirmação de maneira diferente, mas suas tentativas não têm sucesso, porque a sentença seguinte teimosamente se recusa a transmitir qualquer outro significado, exceto o óbvio: “Quem ama sua mulher, ama a si mesmo”.

A razão é, provavelmente, que Paulo é realista. Não podemos compreender totalmente a grandeza do amor de Cristo; ele “excede todo conhecimento”, como o apóstolo escreveu anteriormente (3.19). Tampouco os maridos acham fácil aplicar esse padrão à realidade da vida familiar. Mas todos sabemos, com a experiência diária, como amamos a nós mesmos. Daí a utilidade prática da regra de ouro que Jesus enunciou: que devemos tratar os outros como gostaríamos de ser tratados (Mt 7.12).

No entanto, a exortação ao marido para “[alimentar]” e “[cuidar]” da esposa como faz com seu próprio corpo é mais do que um guia útil para o comportamento diário. Ela também contém uma adequação interna, uma vez que ele e a esposa, de fato, se tornaram “uma só carne”. Deus intenta que a relação sexual seja não apenas uma união de corpos, mas também simbolize e expresse a união de pessoas individuais. Quando marido e mulher se tornam profundamente um com o outro, é verdade que “quem ama sua mulher, ama a si mesmo”.

Isso leva o apóstolo a voltar o pensamento para Cristo e alcançar o clímax de seu argumento. Ele usou duas analogias para o amor do marido pela esposa – o sacrifício amoroso de Cristo pela igreja e o cuidado amoroso do marido pelo próprio corpo. Agora ele funde as duas. A noiva de Cristo e o corpo de Cristo são a mesma coisa (5.23), “pois somos membros do seu corpo”. Ele nos incorporou a si mesmo, fez-nos parte de si mesmo em uma união profunda e indissolúvel.

UM MISTÉRIO PROFUNDO

EFÉSIOS 5.31-33

31“Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois
se tornarão uma só carne.” 32Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a
Cristo e à igreja. 33Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a
si mesmo, e a mulher trate o marido com todo o respeito.

A união de marido e esposa descrita em Gênesis 2.24 é “um mistério profundo”. Paulo começa se referindo às profundezas sagradas da própria união sexual. Então, ele imediatamente segue para seu simbolismo ainda mais profundo: “Refiro-me, porém, a Cristo e à igreja”. Como já vimos, um mistério é uma verdade revelada, e o mistério profundo, nesse trecho, se assemelha ao da unidade judaico-gentílica no corpo de Cristo (3.2-6). O relacionamento conjugal como um belo modelo da união da igreja em Cristo e com ele. As três imagens da igreja que Paulo desenvolve em Efésios – o corpo, o edifício e a noiva – enfatizam a realidade de sua unidade por causa da união com Cristo.

O versículo 33 é um breve resumo dos ensinos que o apóstolo vem dando aos maridos e esposas. Ele começou com um dístico: amor e submissão, e termina com outro: amor e respeito. O amor que ele tem em mente é o do marido que se sacrifica e serve para permitir que a esposa se torne o que Deus pretende que ela seja.

Ao longo dos últimos parágrafos de Efésios 5, Paulo não está pensando no que a palavra autoridade, em geral, traz à nossa mente: poder, domínio e até mesmo opressão. Isso nada tem a ver com o tipo de liderança que o apóstolo está descrevendo. Certamente, liderança implica um grau de comando e iniciativa, como quando Cristo veio para cortejar e conquistar sua noiva. Mas, mais especificamente, implica sacrifício, doação por amor ao amado, como quando Cristo se deu por sua noiva. Se liderança significa poder em qualquer sentido,

então é poder de cuidar, e não de subjugar; poder de servir, e não de dominar; poder de facilitar a autorrealização, e não de frustrá-la ou destruí-la. O padrão do amor do marido deve ser a cruz de Cristo, na qual ele se entregou até a morte em seu amor abnegado por sua noiva.

Tal autossacrifício é doloroso. De fato, amor e dor parecem ser inseparáveis, especialmente em pecadores como nós, uma vez que nossa queda não foi extinguida pela recriação por meio de Cristo. No casamento, há a dor do ajuste, como quando o velho eu independente dá lugar ao novo nós interdependente. Há também a dor da vulnerabilidade, uma vez que a proximidade mútua leva à autoexposição, a autoexposição leva ao conhecimento mútuo, e o conhecimento, ao risco de rejeição. Portanto, maridos e esposas não devem esperar encontrar harmonia sem conflito; eles têm de trabalhar para construir um relacionamento de amor, respeito e verdade.

Entregar-se a alguém é um reconhecimento do valor do outro. Pois se eu me entrego, isso só pode ser porque valorizo tanto a outra pessoa que quero me sacrificar por ela para que ela possa se desenvolver mais plenamente.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 5.21-33

PARA RESPONDER

Por que as pessoas valorizam tanto a liberdade e a independência?

Qual pode ser o lado negativo da liberdade e da independência?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 5.21-33.

Como o versículo 21 oferece uma excelente introdução a essa passagem?

Por que a ideia de se sujeitar a alguém é tão difícil para nós?

Em que sentidos Jesus foi quem se sujeitou?

Por que deveríamos querer nos sujeitar ao Senhor (v. 22)?

Os antigos mundos judaico, grego e romano tinham uma visão muito degradante das mulheres, como se elas fossem pouco mais do que propriedades com pouco ou nenhum direito. Como os versículos 22-24 sugerem uma imagem oposta a essa?

O que aprendemos com os versículos 22-24 sobre como uma esposa deve considerar seu marido?

Quais instruções Paulo enfatiza ao marido (v. 25-33)?

Como Cristo amou a igreja?

Em suas próprias palavras, qual é o objetivo do marido para sua esposa (v. 26-27)?

Por que você acha importante que o marido ame a esposa e a esposa respeite o marido?

Como você reage à ideia de que o casamento dos cristãos representa para o mundo o relacionamento de Cristo com a sua igreja?

PARA APLICAR

Como seriam os casamentos se essas instruções fossem seguidas?

Se você é uma esposa, como sua submissão ao seu marido pode ser mais semelhante à sua submissão a Cristo?

Se você é um marido, como você pode amar mais sua esposa como Cristo amou

a igreja?

Como a comunidade cristã pode construir e apoiar os casamentos?

Se você é casado, agradeça a Deus pelo presente de seu casamento e pelo privilégio de representar para o mundo o relacionamento de Cristo com a noiva dele. Se você não é casado, ore pelos casamentos em sua comunidade, para que cresçam e representem bem a Cristo.

10 EFÉSIOS 6.1-9

RESPEITO

FILHOS, OBEDEÇAM A SEUS PAIS

EFÉSIOS 6.1

[1]Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo.

Paulo, nesse trecho, se dirige aos pais e aos filhos. Ele, claro, espera que famílias inteiras se unam para a adoração pública. Que os filhos fossem incluídos nas instruções e tivessem uma seção dedicada a eles indica a influência já penetrante daquele que havia dito: “Deixem vir a mim as crianças” (Mc 10.14). Era uma mudança radical em relação à crueldade contra bebês e crianças que prevalecia no Império Romano.

O apóstolo começa com outro exemplo da submissão geral que, de acordo com o texto de 5.21, se espera de todos os membros da nova sociedade de Deus: “Filhos, obedeçam a seus pais”. Embora ele passe a restringir a autoridade parental e a orientá-la no sentido da educação cristã, ainda é claro que a autoridade dos pais sobre os filhos é distinta e mais forte do que a liderança do marido sobre a esposa. No entanto, Paulo não a dá como certa. Seu ensino é racionalmente argumentado.

Ele começa com a natureza: “Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo” ou correto. A obediência dos filhos pertence ao que a teologia medieval passou a chamar de justiça natural. Não é de surpreender, portanto, que Paulo inclua a desobediência aos pais como uma marca tanto de uma sociedade decadente, a qual Deus entregou à própria impiedade, como dos “últimos dias”, que começaram com a vinda de Cristo (Rm 1.28-30; 2Tm 3.1-2).

Além da natureza, o apóstolo oferece outro motivo para a obediência: o evangelho e o novo dia que despontou com Jesus Cristo. Isso está implícito na injunção de que os filhos devem obedecer aos pais “no Senhor”. Essas palavras tornam a obediência dos filhos um dever especificamente cristão, algo que eles devem fazer por causa de seu relacionamento pessoal com o Senhor Jesus Cristo.

Cristo, como Criador, primeiro estabeleceu a ordem na família e na sociedade e, na nova sociedade que está edificando, ele não abre mão dela. As famílias não foram abolidas. O que mudou está relacionado aos estragos causados pela queda, pois a vida familiar que Deus criou no início e declarou ser boa foi corrompida pela rebelião e pelo egoísmo humanos. Mas, “no Senhor”, por meio de sua obra de reconciliação, começou a nova sociedade de Deus, continuando com a velha na realidade da vida familiar, mas não em sua qualidade. Assim, todos os relacionamentos estão purificados do egocentrismo destrutivo e impregnados do amor e da paz de Cristo.

Até a obediência aos pais mudou e já não é uma concordância relutante com a autoridade deles. Os filhos cristãos aprendem a obedecer com alegria, “pois isso agrada ao Senhor” (Cl 3.20). Esse mesmo Jesus é o Senhor e Salvador deles, e o Criador da nova ordem, por isso eles estão ansiosos por fazer o que lhe agrada.

HONRE SEUS PAIS

EFÉSIOS 6.2-3

2“Honra teu pai e tua mãe” – este é o primeiro mandamento com promessa –
3“para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra”.

Paulo abertamente combina o texto grego de Êxodo 20.12 com Deuteronômio 5.16. Ele prefere aplicar o mandamento de Deus com uma promessa do que com uma ameaça, uma promessa relativa à prosperidade material e à vida longa. Com a bênção “nas regiões celestiais” (1.3), há uma bênção prometida “sobre a terra”. Provavelmente devemos interpretar isso de modo geral, em vez de individual. A promessa não é tanto uma longa vida para cada filho que obedece aos pais, mas a estabilidade social para toda comunidade em que os filhos honrem os pais. Certamente, uma sociedade saudável é inconcebível sem uma forte vida familiar.

Duas questões práticas permanecem. O mandamento é incondicional? E a quem é endereçado?

Muitos jovens cristãos que estão ansiosos por conformar sua vida às Escrituras ficam confusos com a exigência de obediência. Eles devem obedecer absolutamente a tudo que seus pais lhes dizem para fazer? E se eles vierem a conhecer a Cristo, mas os pais permanecerem inconvertidos? Se os pais os proibirem de seguir a Cristo ou de se unir à comunidade cristã, eles são obrigados a obedecer? Inicialmente é preciso dizer que, antes de se tornar um adulto, a obediência aos pais deve ser a norma, e a desobediência, a rara exceção.

Por exemplo, suponha que um novo convertido queira ser batizado, mas seus pais o proíbam. Não é aconselhável que ele desobedeça à vontade de seus pais. O batismo pode esperar até que ele esteja mais velho. Se, por outro lado, os pais o proibissem de adorar e seguir a Cristo em seu coração, a isso ele não poderia obedecer. Nossa lealdade a Cristo deve vir em primeiro lugar. Se amamos nossos pais mais do que a ele, disse Jesus, não somos dignos dele. Nunca devemos procurar um conflito familiar, uma vez que todos os seguidores de Jesus são

chamados a ser pacificadores e, até onde depender de nós, devemos viver pacificamente com todos. No entanto, às vezes, a tensão simplesmente não pode ser evitada.

Isso nos leva à segunda questão prática: Paulo está se dirigindo apenas às crianças e aos jovens, aos que são menores de idade? Não se pode dar uma resposta única, pois diferentes respostas são necessárias em diferentes culturas.

Na maioria dos países ocidentais, as pessoas já não são consideradas menores aos dezoito anos. Elas podem votar e estão livres para se casar sem o consentimento dos pais. No entanto, em alguns países em desenvolvimento, especialmente na Ásia, a condição de criança continua ao longo de toda a vida até a morte do pai. Os cristãos geralmente não devem desafiar a convenção aceita de sua própria cultura nessa questão. Desde que sejam considerados crianças ou menores, eles devem continuar a obedecer aos seus pais.

Independentemente da idade ou situação legal, devemos continuar a honrar nossos pais, que ocupam uma posição única em nossa vida.

O DEVER DOS PAIS

EFÉSIOS 6.4

4Pais, não irritem seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor.

A instrução para que os filhos obedeçam aos pais pressupõe a realidade da

autoridade parental. No entanto, quando Paulo descreve como os pais devem se comportar em relação aos filhos, não é o exercício, mas a restrição da autoridade que ele lhes pede.

O retrato que ele faz dos pais que educam os filhos com autocontrole, gentileza e paciência contrasta nitidamente com a norma de sua época, em que os pais eram autocratas, até mesmo matando recém-nascidos ou escravizando seus filhos, caso desejassem. O tema geral de Efésios é que, por meio da obra de reconciliação de Cristo, existe uma família de Deus, multinacional e multicultural. Assim, os pais humanos devem cuidar de suas famílias como Deus, o Pai, cuida da família dele (3.14-15, 4.6).

As mães certamente estão incluídas também. Embora a palavra no versículo 4 seja pais, ela pode ser usada para “pais e mães”.

Negativamente, é dito aos pais: “Não provoqueis vossos filhos à ira” (ARA). Paulo reconhece como é delicada a personalidade de uma criança. Os pais podem facilmente abusar de sua autoridade, fazendo exigências irritantes, irracionais ou severas, que não levam em consideração a inexperiência e a imaturidade das crianças. Há lugar para a disciplina,como Paulo continua a dizer, mas ela nunca deve ser arbitrária. Por outro lado, quase nada faz com que a personalidade de uma criança floresça e os dons se desenvolvam como o encorajamento positivo de pais amorosos e compreensivos.

As crianças devem poder ser elas mesmas. Pais sábios reconhecem isso. Como diz Calvino, as crianças devem “ser tratadas com carinho [...] Trate-as amavelmente”.

Quanto à instrução, os pais devem zelosamente cuidar de suas responsabilidades, delegando parte delas à igreja e à escola, mas nunca abrindo mão delas

completamente. A educação cristã das crianças é tanto intelectual quanto moral. Alguns sugerem que os pais não devem dar direcionamento algum e deixar que os filhos encontrem o próprio caminho. Certamente alguns pais dão direções em excesso, são muito dominadores, e, com isso, impedem os filhos de aprenderem a tomar as próprias decisões e, assim, amadurecerem. Falsa educação é lavagem cerebral; pais e professores impõem suas ideias e vontades à criança. A verdadeira educação, por outro lado, é estímulo; pais e professores atuam como catalisadores e incentivam a criança a dar suas próprias respostas. Eles não podem fazer isso se não deixarem a criança passar por dificuldades; eles têm de ensinar valores cristãos de verdade e bondade, defendê-los e recomendar que sejam aceitos, mas, ao mesmo tempo, abster-se de qualquer pressão ou coerção.

Em todos os casos, a disciplina e a instrução dos pais devem ser “do Senhor”. Mães e pais devem se lembrar de que ele é o principal mestre e o que melhor aplica a disciplina.

O DEVER DOS ESCRAVOS

EFÉSIOS 6.5-8

5 Escravos, obedeçam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com
sinceridade de coração, como a Cristo. 6 Obedeçam-lhes, não apenas para agradá-
los quando eles os observam, mas como escravos de Cristo, fazendo de coração
a vontade de Deus. 7 Sirvam aos seus senhores de boa vontade, como servindo ao
Senhor, e não aos homens, 8 porque vocês sabem que o Senhor recompensará
cada um pelo bem que praticar, seja escravo, seja livre.

A escravidão parece ter sido universal no mundo antigo. Uma alta porcentagem da população era de escravos. Eles constituíam a força de trabalho e incluíam não apenas empregados domésticos e trabalhadores braçais, mas também pessoas instruídas, como médicos, professores e administradores. Os escravos

podiam ser herdados, comprados ou adquiridos como forma de liquidar uma dívida incobrável. Prisioneiros de guerra comumente se tornavam escravos. Ninguém questionava ou contestava o acordo.

Para aqueles que vivem em países onde a escravidão foi abolida, é difícil conceber como a posse de um ser humano por outro pode ter sido tolerada. No Império Romano, os escravos não tinham direitos e eram frequentemente tratados com crueldade. Nem mesmo Aristóteles pôde imaginar ser amigo de um escravo. Nesse contexto, é notável que Paulo se dirija aos escravos, indicando que eram aceitos como membros da comunidade cristã e que ele os considerava pessoas respeitáveis, a quem enviou um apelo moral.

Em cada um desses quatro versículos, Jesus Cristo é mencionado. A centralização dessa instrução em Cristo é impressionante. A perspectiva dos escravos mudou. Seus horizontes ampliaram-se. Eles foram libertos da escravidão de agradar às pessoas e ganharam a liberdade de servir a Cristo. Suas tarefas rotineiras foram absorvidas por uma preocupação maior, ou seja, “a vontade de Deus” (v. 6) e o agrado de Cristo.

Exatamente o mesmo princípio pode ser aplicado hoje pelos cristãos em nosso trabalho e ocupação. Nossa grande necessidade é o discernimento para ver Jesus Cristo e colocá-lo diante de nós. É possível cozinhar uma refeição como se Jesus Cristo fosse comê-la, ou limpar a casa como se Jesus Cristo fosse o hóspede de honra. A presença de Cristo certamente não justifica más condições. Pelo contrário, deve ser um estímulo para melhorá-las.

Uma vez que os escravos soubessem claramente que sua principal responsabilidade era servir ao Senhor, seu serviço aos senhores terrenos se tornaria exemplar. Inicialmente, eles mostrariam submissão, obedecendo-lhes “com respeito e temor” (v. 5), o que não implica um servilismo intimidado diante de um senhor humano, mas sim um reconhecimento reverente de Jesus, cuja autoridade o senhor representa.

Em seguida, eles obedeceriam “com sinceridade de coração” (v. 5), com integridade, sem hipocrisia ou segundas intenções. Além disso, seriam conscienciosos, fazendo o serviço “não apenas para agradá-los quando eles os observam”, mas para Cristo (v. 6). Finalmente, seu trabalho seria realizado de bom grado, não com relutância ou rancor. E tudo isso porque sabem que o Senhor é também seu juiz e que nenhuma boa obra, independentemente de quem a faça (escravo ou livre), é deixada sem recompensa por ele (v. 8).

O DEVER DOS SENHORES

EFÉSIOS 6.9

9Vocês, senhores, tratem seus escravos da mesma forma. Não os ameacem, uma vez que vocês sabem que o Senhor deles e de vocês está nos céus, e ele não faz diferença entre as pessoas.

Embora os deveres dos escravos cristãos sejam explicados com alguns detalhes, os donos deles recebem apenas três princípios, todos com implicações profundas no contexto de meados do século 1º depois de Cristo. Primeiro, “tratem seus escravos da mesma forma”, isto é, se você espera receber respeito, mostre-o; se espera receber um serviço,entregue-o. É uma aplicação da regra de ouro. Por mais que os senhores esperem que seus escravos os respeitem, eles devem respeitar seus escravos da mesma maneira. Paulo não admite superioridade privilegiada nos senhores, como se eles pudessem dispensar as mesmas cortesias que esperam ser demonstradas. É uma questão de submissão mútua (5.21).

Segundo, “não os ameacem”. Como os pais não devem provocar os filhos, os senhores não devem ameaçar os escravos. Ou seja, não devem abusar de sua posição de autoridade, fazendo ameaças de punição. A punição era aceita no

império como a única maneira de manter os escravos sob controle, e o cristianismo não nega que, em algumas circunstâncias, a punição é legítima, até mesmo necessária (Rm 13.1-5). Mas as ameaças são uma arma que os poderosos usam contra os impotentes. E um relacionamento baseado em ameaças não é, de modo algum, um relacionamento humano. Então, Paulo o proibiu.

Terceiro, a razão para esses requisitos é o fato de que os donos de escravos sabiam que Jesus Cristo é senhor de escravos e de donos de escravos, e que "ele não faz diferença entre as pessoas". Eles estavam acostumados a serem lisonjeados e adulados, mas não deveriam esperar(pois não receberiam) tal favoritismo discriminatório da parte de Cristo.

Portanto, os três princípios tinham por objetivo diminuir a lacuna cultural e social entre o escravo e o dono de escravos. Em vez de considerar o relacionamento com seus escravos como o de um dono de bens móveis ou o de um superior para com subalternos, ele desenvolveria um relacionamento no qual lhes daria o mesmo tratamento que esperava receber, renunciaria a arma injusta das ameaças e se lembraria de que ele e os escravos tinham o mesmo Senhor celestial e Juiz imparcial.

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO

EFÉSIOS 6.9

9Vocês, senhores, tratem seus escravos da mesma forma. Não os ameacem, uma vez que vocês sabem que o Senhor deles e de vocês está nos céus, e ele não faz diferença entre as pessoas.

Antes de deixarmos essa passagem, devemos encarar o tema da escravidão e

Paulo. O evangelho não ofereceu uma solução mais radical para a escravidão do que um ajuste de relações pessoais? Por que Paulo não ordenou, pelo menos, que os donos de escravos os emancipassem?

De qualquer maneira que tentemos responder, a resposta nunca deve ser que toleremos a escravidão. A consciência cristã deve condenar a escravidão em todas as suas formas. Seu mal está na posse de um ser humano por outro, o que o degrada. Sendo assim, perguntamos mais uma vez por que o Novo Testamento não pediu a abolição da escravidão.

A primeira resposta é pragmática, ou seja, os cristãos eram, a princípio, um grupo insignificante no império. Sua religião ainda era ilícita, e eles não tinham poder político. Ainda que tivessem libertado seus escravos, os cristãos talvez tivessem condenado a maioria deles ao desemprego e à pobreza.

Além disso, no tempo de Paulo, os escravos regularmente se tornavam livres. De acordo com os resultados de uma pesquisa de Tenney Frank, entre 81 e 49 antes de Cristo, meio milhão de escravos romanos foram libertos. Isso ajuda a explicar os conselhos de Paulo aos escravos coríntios (se eles pudessem ganhar a liberdade, deveriam aproveitar a oportunidade para fazê-lo) e sua forte sugestão a Filemom de que libertasse Onésimo (1Co 7.21; Fm 16).

Em terceiro lugar, nessa época a posição legal dos escravos estava começando a ser facilitada e mostrava sinais de melhoria futura. Vários imperadores introduziram medidas concernentes à libertação.

Isso leva novamente à forma como a Carta de Paulo aos Efésios transformou o relacionamento entre escravos e senhores. Primeiro foi a igualdade. Ninguém naquela época podia imaginar que senhores e escravos fossem iguais. No entanto, eles eram iguais perante Deus, porque tinham o mesmo Senhor e Juiz,

que não mostrava parcialidade entre eles (v. 9).

A segunda qualidade do relacionamento entre escravos e senhores era a justiça, implícita na instrução geral aos senhores de tratar os escravos “da mesma forma”. Isso soava extremamente estranho, porque os escravos ainda eram considerados por todos como bens de seus senhores. E onde não há direitos, não pode haver justiça. Então, justiça para escravos era um conceito revolucionário. Essencialmente, o evangelho insistia em que os escravos tinham direitos.

O terceiro e mais digno aspecto do relacionamento transformado entre escravos e senhores é a fraternidade. Isso aparece com grande clareza na Carta de Paulo a Filemom. O conceito de fraternidade foi a inovação de Paulo. Pois a nova sociedade de Deus é a casa ou família do Pai, cujos membros estão ligados uns aos outros em Cristo, como irmãos e irmãs. Uma mensagem que unia senhor e escravo como irmãos, ipso facto lançava um desafio radical a essa prática, que até hoje devemos combater.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 6.1-9

PARA RESPONDER

Que palavra ou expressão você usaria para descrever seu relacionamento com seus pais? Explique.

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 6.1-9.

Como você vê a submissão mútua (5.21) que continua a ser elaborada nessa passagem?

Que exortação Paulo dá aos filhos (v. 1-3)?

Como isso se aplica a filhos adultos?

Como os pais devem criar os filhos?

De que forma os pais irritam os filhos?

Como Deus, como nosso Pai, pode ser um modelo para os pais?

Como os escravos cristãos devem agir? Por quê?

Qual deveria ser a motivação por trás da atitude dos escravos para com seus senhores?

Naquela sociedade, o que senhores e escravos cristãos tinham em comum?

Como o tema “pois todos somos membros de um mesmo corpo” (4.25) percorre esta seção sobre novos relacionamentos (5.21–6.9)?

PARA APLICAR

Se você é pai ou mãe, como pode evitar irritar seus filhos?

Que implicações essa passagem tem sobre o modo como os empregadores devem se relacionar com os empregados?

Como essa passagem pode se aplicar a você no trabalho?

Celebre o Corpo de Cristo, no qual somos todos iguais. Ore por seus irmãos e irmãs no Senhor para quem você trabalha ou que trabalham para você. Peça a Deus para agir em seus filhos e ajudá-los crescer no relacionamento com ele.

11 EFÉSIOS 6.10-12

PODER

O INIMIGO QUE ENFRENTAMOS

EFÉSIOS 6.10-12

10 Finalmente, fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder. 11 Vistam toda a
armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, 12 pois a
nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades,
contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal
nas regiões celestiais.

Entre chamar-nos para que busquemos a força do Senhor e vistamos a armadura de Deus, por um lado (v. 10-11), e listar nossas armas, por outro (v. 13-20), Paulo dá-nos uma descrição completa e assustadora das forças organizadas contra nós (v. 12). Nossa luta não é contra seres humanos, mas contra inteligências cósmicas demoníacas.

Os leitores originais de Paulo estavam bem familiarizados com isso. Sem dúvida, lembraram-se – ou teriam ouvido falar – do incidente dos exorcistas judeus, em Éfeso, que foram precipitados o suficiente para tentar expulsar um espírito maligno em nome de Jesus, sem conhecer Jesus. Em vez disso, eles foram dominados pelo endemoninhado e fugiram em pânico, “nus e feridos” (At 19.13-17). Encontros como esse talvez tenham sido comuns, uma vez que os efésios convertidos por Paulo antes se interessavam pelo ocultismo e, na época,

fizeram uma fogueira pública para queimar seus valiosos livros de magia (At 19.18-20).

As forças organizadas contra nós têm três características principais. Em primeiro lugar, são poderosas. O fato de serem chamadas de poderes e autoridades chama nossa atenção para o poder que exercem.

Segundo, são malignas. O poder em si é neutro; pode ser usado para o bem ou para o mal. Mas nossos inimigos espirituais usam seu poder de forma destrutiva, para o mal, não para o bem. São totalmente inescrupulosos e implacáveis na realização de seus maus intentos.

Terceiro, são astutas. Paulo adverte “contra as ciladas do Diabo” (v. 11). Como o diabo raras vezes ataca abertamente, preferindo a escuridão à luz, podemos ser pegos desprevenidos quando ele se transforma em “anjo de luz” (2Co 11.14). E ele é ainda mais astuto quando consegue convencer as pessoas de que ele não existe.

Como podemos ficar firmes contra os ataques de tais inimigos? É impossível por nossa própria conta. Somente o poder de Deus pode nos defender da força, da maldade e da artimanha do diabo. O poder de Deus ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos e entronizou-o nas regiões celestiais, e nos ressuscitou da morte do pecado e nos entronizou com Cristo. Os principados e potestades estão trabalhando nessas mesmas regiões celestiais (v. 12). Assim, o mundo invisível a partir do qual eles nos atacam e no qual nos defendemos é o próprio mundo em que Cristo reina. E nós reinamos com ele.

Alguns cristãos são tão autoconfiantes que acreditam poderem ter êxito sozinhos, sem a força do Senhor. A outros falta tanta confiança em si mesmos que imaginam não ter nada a contribuir para sua vitória na guerra espiritual.

Ambos estão enganados.

Nos versículos 10 e 11, Paulo expressa a combinação adequada da capacitação divina (“fortaleçam-se no Senhor”) e da cooperação humana (“vistam toda a armadura de Deus”). O poder é, de fato, do Senhor, assim como a armadura. Sem essa armadura, estaremos fatalmente desprotegidos e expostos, mas, ainda assim, precisamos apanhá-la e vesti-la.

O CINTO E A COURAÇA

EFÉSIOS 6.13-14

13 Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau
e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo. 14 Assim, mantenham-se
firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça.

O propósito de vestir a armadura divina é ficar firme, permanecer estável. Cristãos hesitantes, que não têm uma posição firme em Cristo, são uma presa fácil para o diabo. No Antigo Testamento, Deus é descrito como um guerreiro que luta para defender seu povo, vestindo “a justiça como couraça, [pondo] na cabeça o capacete da salvação” (Is 59.17). A armadura e as armas são dele, mas ele as compartilha conosco.

Paulo detalha as seis principais peças do equipamento de um soldado, conhecendo bem os soldados romanos. De fato, enquanto ditava Efésios, ele estava acorrentado a um soldado pelo pulso (6.20). E embora fosse improvável que tal guarda usasse a armadura completa de um infante no campo de batalha, vê-lo ao seu lado talvez tenha despertado a imaginação de Paulo.

O primeiro equipamento que o apóstolo menciona é o cinto. Geralmente feito de couro, o cinto do soldado era essencial. Mantinha a túnica fechada e também sustentava a espada. Assegurava-lhe estar desimpedido quando estivesse marchando.

Nesse contexto, o cinto do soldado cristão representa a verdade. Muitos comentaristas, especialmente nos primeiros séculos, entenderam que isso significava a revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras. Pois certamente apenas a verdade pode dissipar as mentiras do diabo e libertar-nos. Outros comentaristas, no entanto, especialmente porque falta o artigo definido no grego, preferem entender que Paulo está se referindo à verdade no sentido de integridade. Ser enganoso, cair na hipocrisia, recorrer a intrigas e ciladas, é fazer o jogo do diabo, e não poderemos vencê-lo em seu próprio jogo.

O segundo item do equipamento do cristão é “a couraça da justiça” (v. 14). A couraça do soldado muitas vezes cobria suas costas e sua frente, e era a peça principal que protegia todos os seus órgãos vitais.

Nas cartas de Paulo, justiça quase sempre significa “justificação”, isto é, a iniciativa graciosa de Deus de justificar os pecadores consigo mesmo por meio de Cristo. Certamente, não existe maior proteção espiritual do que ser justificado pela graça de Deus mediante a simples fé no Cristo crucificado; ser revestido de uma justiça que não é sua, mas de Cristo; estar diante de Deus, não condenado, mas aceito. Essa é uma defesa essencial contra uma consciência acusadora e contra os ataques do maligno.

Por outro lado, o apóstolo escreveu sobre a justiça moral em Efésios 4.24 e 5.9. Logo, a couraça do cristão pode ser virtude de caráter e conduta. Pois, assim como cultivar a verdade é a maneira de destruir os enganos do diabo, cultivar a justiça é o meio de resistir às tentações dele.

Tal como acontece com os dois significados da verdade, podemos combinar os dois significados da justiça, uma vez que, de acordo com o evangelho de Paulo, um levaria invariavelmente ao outro.

OS CALÇADOS E O ESCUDO

EFÉSIOS 6.15-16

15 E tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz. 16 Além disso,
usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas
do Maligno.

Os calçados do evangelho vêm adiante na lista da armadura de Deus. É provável que Paulo esteja, de acordo com Marcus Barth, referindo-se à bota de cano baixo "do legionário romano, feita de couro, que deixava os dedos livres, tinha sola pesada e era amarrada ao tornozelo e à canela com alças mais ou menos ornamentais" e que o "equipava para longas marchas e para uma postura firme".

Os calçados do soldado cristão são o evangelho da paz. Quando recebemos essa boa notícia, desfrutamos da posição mais firme possível para combater o mal. A expressão também pode se referir à "prontidão para anunciar a boa notícia de paz" (NTLH). Não pode haver dúvida de que devemos estar prontos para dar testemunho de Jesus Cristo como pacificador de Deus (2.14-15). Essa prontidão alerta exerce uma influência estabilizadora em nossa própria vida, e introduz outras pessoas no evangelho libertador.

Quanto a mim, estou um pouco propenso à segunda explicação, em parte, por

causa do paralelo em Colossenses 4.5-6 e, em parte, por causa do leve eco de Efésios 2.17 (“ele veio e anunciou paz”) e de Isaías 52.7 (“Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas, que proclamam a paz”). Em qualquer caso, o diabo teme e odeia o evangelho, porque é o poder de Deus para resgatar as pessoas de sua tirania. Então, precisamos manter os calçados do evangelho bem amarrados.

A quarta peça do equipamento é “o escudo da fé” (v. 16). A palavra que Paulo usa não denota o pequeno escudo redondo que deixava a maior parte do corpo desprotegida, mas o longo escudo retangular que media quase 120 centímetros de altura por quase 80 centímetros de largura. Era especialmente projetado para desviar os perigosos dardos incendiários em uso na época, em particular flechas mergulhadas em piche, que eram acesas e disparadas.

Então, o que são “as setas inflamadas do Maligno”? Sem dúvida, os dardos do diabo incluem acusações maliciosas que inflamam nossa consciência com o que (se estivermos abrigados em Cristo) só pode ser chamado de falsa culpa. Outros dardos são pensamentos involuntários de dúvida e desobediência, rebelião, luxúria, maldade ou medo.

Mas há um escudo com o qual podemos desviar todos esses dardos inflamados: “o escudo da fé”. O próprio Deus “é um escudo para quem nele se refugia” (Pv 30.5), e é pela fé que corremos até ele em busca de proteção. Pois a fé toma posse das promessas de Deus em tempos de dúvida e desânimo, e a fé toma posse do poder de Deus em tempos de tentação.

O CAPACETE E A ESPADA

EFÉSIOS 6.17

17 Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.

O capacete do soldado romano, que na lista é a próxima peça da armadura, geralmente era feito de um metal resistente, como o bronze ou o ferro. Os capacetes serviam para enfeitar, como também para proteger, e alguns tinham plumas ou cristas magníficas.

“O capacete da salvação” pode se referir à medida de salvação que já recebemos (perdão, libertação da escravidão de Satanás e adoção na família de Deus) ou à confiante expectativa da plena salvação no último dia (incluindo a glória da ressurreição e a semelhança com Cristo no céu). Independentemente disso, o poder salvífico de Deus é a única defesa contra o inimigo de nossa alma. Charles Hodge escreveu: “Aquilo que adorna e protege o cristão, que o capacita a levantar a cabeça com confiança e alegria, é o fato de que ele é salvo”, e podemos acrescentar: os cristãos sabem que sua salvação será aperfeiçoada no fim.

A sexta e última peça é a espada. De todas as peças listadas, ela é a única claramente usada para ataque e defesa. Além disso, o tipo de ataque imaginado envolverá um confronto pessoal próximo, pois a palavra usada se refere à espada curta.

“A espada do Espírito” é imediatamente identificada como “a Palavra de Deus”. Isso pode muito bem incluir as palavras de defesa e testemunho que Jesus prometeu que o Espírito Santo colocaria nos lábios de seus seguidores quando eles fossem levados à presença de magistrados (Mt 10.17-20). Mas a expressão tem uma referência muito mais ampla, isto é, as Escrituras, a Palavra escrita de Deus, cuja origem é repetidamente atribuída à inspiração do Espírito Santo.

Ainda é sua espada, pois ele a usa para atravessar as defesas das pessoas, para alfinetar a consciência delas e para atingi-las espiritualmente. No entanto, ele também a coloca em nossas mãos, para que possamos usá-la tanto para resistir à tentação (como fez Jesus, citando as Escrituras para combater o diabo no deserto da Judeia), quanto no evangelismo. Todo evangelista cristão, seja pregador ou testemunha pessoal, sabe que a Palavra de Deus tem poder de penetração, sendo "mais afiada que qualquer espada de dois gumes" (Hb 4.12). Nunca devemos ter vergonha de usá-la.

Estas são, portanto, as seis peças que compõem a armadura de Deus: o cinto da verdade e a couraça da justiça, os calçados do evangelho e o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do Espírito. Elas constituem a armadura de Deus, pois ele a oferece. No entanto, é nossa responsabilidade apanhá-la, colocá-la e usá-la com confiança contra os poderes do mal. Além disso, devemos ter certeza de que estamos fazendo uso de cada peça oferecida do equipamento, não omitindo nenhuma.

OREM

EFÉSIOS 6.18-20

18 Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso
em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos. 19 Orem
também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de
que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho, 20 pelo qual sou
embaixador preso em correntes. Orem para que, permanecendo nele, eu fale com
coragem, como me cumpre fazer.

Finalmente, Paulo acrescenta a oração, não (provavelmente) porque pense na oração como outra arma, mas porque ela deve permear toda a batalha espiritual. Escritura e oração são indissociáveis como as duas principais armas que o

Espírito coloca em nossas mãos.

A oração cristã que prevalece tem quatro pressupostos universais, indicados pelas quatro vezes em que a palavra todos/ todas é usada. Devemos orar “no Espírito em todas as ocasiões” (regular e constantemente), “com toda oração e súplica” (pois são necessárias diversas formas), “com toda perseverança” (ARA) (porque precisamos, como bons soldados, ficar em alerta e não desistir nem adormecer), “por todos os santos” (uma vez que a unidade da nova sociedade de Deus, que tem sido a preocupação desta carta, deve ser refletida em nossas orações).

Talvez o mais importante seja a ordem para ficarmos em alerta (v. 18). Isso remonta ao ensino do próprio Jesus. Ele enfatizou a necessidade de vigilância em vista do caráter inesperado tanto de seu retorno, quanto do início da tentação (Mc 13.33-37, 14.34-38). “Estejam atentos” era a admoestação geral dos apóstolos porque o diabo está sempre à espreita como um leão faminto, e os falsos mestres, como lobos ferozes (e, em parte, porque o retorno do Senhor pode nos surpreender), mas especialmente por causa de nossa tendência a dormir quando deveríamos estar em oração (1Pe 5.8; At 20.31; 1Ts 5.1-8; Cl 4.2). Por meio da oração, esperamos no Senhor e renovamos nossa força. Sem oração, somos frágeis e fracos para resistir ao poder das forças do mal.

“Orem também por mim”, rogou Paulo (v. 19). Ele era sábio o suficiente para saber que ele mesmo precisaria de força se quisesse permanecer firme contra o inimigo, e humilde o suficiente para pedir aos seus amigos que orassem com ele e por ele. No entanto, a força de que ele precisava não era apenas para seu confronto pessoal com o diabo, mas para seu ministério evangelístico, pelo qual ele procurava resgatar as pessoas do domínio de Satanás.

Paulo pede aos efésios que orem para que lhe seja dada liberdade não do confinamento, mas para pregar o evangelho “destemidamente” (v. 19-20). Ele ainda se refere às boas-novas como “mistério”, uma vez que elas se tornaram

conhecidas apenas por revelação e concentram-se na união de judeus e gentios em Cristo. Ele está ansioso por não ocultar nada por causa de um discurso confuso e por não esconder nada por causa de uma transigência covarde. Clareza e coragem ainda são duas características fundamentais da pregação cristã autêntica.

Foi pelo evangelho que ele se tornou um “embaixador preso em correntes” (v. 20). O que mais preocupa Paulo, no entanto, não é a falta de correntes no pulso, mas que sua boca possa se abrir em testemunho; não que ele seja liberto, mas que o evangelho seja espalhado livremente e sem impedimentos. Ele ora por isso e pede aos efésios que orem também. Contra essa oração os principados e potestades são impotentes.

GRAÇA E PAZ

EFÉSIOS 6.21-24

21 Tíquico, o irmão amado e fiel servo do Senhor, lhes informará tudo, para que
vocês também saibam qual é a minha situação e o que estou fazendo. 22 Enviei-o
a vocês por essa mesma razão, para que saibam como estamos e para que ele os
encoraje. 23 Paz seja com os irmãos, e amor com fé da parte de Deus Pai e do
Senhor Jesus Cristo. 24 A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus
Cristo com amor incorruptível.

Paulo chegou ao fim de sua carta. Tíquico a entregará e irá complementá-la com algumas notícias pessoalmente (v. 21-22). Isso, sem dúvida, explica a ausência incomum, no final da epístola, de mensagens e saudações pessoais. Tíquico irá transmiti-las pessoalmente.

Portanto, há outra razão para a visita de Tíquico a Éfeso e às cidades vizinhas – para que ele as encoraje (v. 22). Sua exposição acerca da nova sociedade de Deus não é mera teoria teológica; afinal, Paulo e seus leitores são membros dela. Assim, eles devem aprofundar a comunhão – orando uns pelos outros (1.15-23, 3.14-21, 6.19-20), usando a carta que ele lhes escreveu e ouvindo Tíquico, que lhes traria informações sobre Paulo e procuraria encorajá-los. Oração, correspondência e visitas ainda são três dos principais meios pelos quais cristãos e igrejas podem se enriquecer mutuamente e, assim, contribuir para a edificação do Corpo de Cristo.

Era costume no mundo antigo que os correspondentes terminassem suas cartas desejando saúde ou felicidade ao leitor. Mas, uma vez que Paulo deu um caráter cristão à sua saudação inicial, ele também fará o mesmo no desejo final. De fato, o que ele escreve é, em parte, desejo e, em parte, oração.

O primeiro desejo da oração de Paulo é que eles tenham paz (v. 23), uma palavra que caracterizou essa carta. O apóstolo explicou como Jesus Cristo "é a nossa paz", uma vez que destruiu o muro da divisão e criou uma nova humanidade única, "fazendo a paz". Então Cristo "veio e anunciou paz" (2.14-17). Consequentemente, Paulo rogou-lhes para "conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (4.3). Paulo apresenta uma bela imagem da comunhão da igreja e do lar cristão impregnados de amor e paz, embora nenhum tratado de paz possa ser negociado com os principados e potestades do mal.

O segundo desejo da oração de Paulo é este: "A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível". O apóstolo começou a carta desejando aos leitores "graça e paz" (1.2) e a encerra com uma referência semelhante. Não há duas palavras que possam resumir a mensagem da carta de maneira mais sucinta. Pois a paz no sentido de reconciliação com Deus e uns com os outros é a grande conquista de Jesus

Cristo, e a graça é a razão e o meio pelos quais ele o fez. Além disso, ambas são

indispensáveis a todos os membros da nova sociedade de Deus.

Arrisco-me, então, a tornar minhas as palavras de Paulo e oferecê-las como meu desejo de oração por vocês, meus leitores: “Paz seja com os irmãos [...] A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo”.

GUIA PARA DISCUSSÃO

EFÉSIOS 6.10-24

PARA RESPONDER

O que lhe vem à mente quando você ouve a expressão “guerra espiritual”?

PARA ESTUDAR

Leia Efésios 6.10-24.

Observe cuidadosamente a descrição do inimigo nos versículos 11-12. O que você descobriu?

Como Paulo nos incentiva, nos versículos 10-11, a nos prepararmos para a batalha?

Em sua opinião, por que se dá tanta ênfase na expressão “ficar firme”?

Qual das seis peças da armadura é mais útil para você e por quê?

O que você acha que são as “setas inflamadas do Maligno” (v. 16)?

Como a oração permeia toda a guerra espiritual?

Por que é difícil orar da forma como nos é dito nesta passagem?

Como os tipos de oração incentivados nesta passagem são uma continuação do tipo de oração que Paulo fez ao longo do livro?

O que as instruções finais de Paulo revelam sobre seu relacionamento com os efésios?

Paulo começou a carta desejando aos leitores “graça e paz” e a encerrou com uma referência similar à graça e à paz. Por que Paulo se concentra nessas qualidades?

PARA APLICAR

Como você precisa moldar sua vida de oração para que possa se engajar na batalha por meio da oração?

Como seus objetivos e desejos para sua comunidade cristã foram influenciados pelo estudo de Efésios?

Dedique alguns minutos à reflexão silenciosa sobre a batalha e a armadura. Peça a Deus para dar-lhe sabedoria e força para a batalha e para ajudá-lo a vestir toda a armadura dele.

ORIENTAÇÕES PARA OS LÍDERES

MINHA GRAÇA É SUFICIENTE PARA VOCÊ

– 2 CORÍNTIOS 12.9

SE LIDERAR UM PEQUENO GRUPO é algo novo para você, não se preocupe. Estas sessões foram feitas para fluir de modo natural e ser conduzidas facilmente. Você pode até ter a impressão de que os estudos fluem sozinhos!

Este guia de estudo é flexível. Você pode usá-lo com vários grupos – estudantes, profissionais, colegas de trabalho, amigos, vizinhos ou grupos religiosos. Cada estudo em grupo dura de 45 a 60 minutos.

Você não precisa ser um especialista da Bíblia ou um professor qualificado para liderar um pequeno grupo. Esses guias têm por objetivo facilitar uma discussão em grupo, não a apresentação de um líder. Orientar os membros do grupo para que descubram juntos o que a Bíblia tem a dizer e ouvir juntos a orientação de Deus irão ajudá-los a se lembrar muito mais do que assistir a uma palestra.

Existem alguns fatos importantes que você deve saber sobre a dinâmica de grupo e o incentivo à discussão. As sugestões que se seguem devem prepará-lo para cumprir, efetiva e satisfatoriamente, seu papel como líder.

PREPARANDO-SE PARA O ESTUDO

Peça a Deus para ajudá-lo a entender e aplicar a passagem em sua própria vida. Enquanto isso não acontecer, você não estará preparado para liderar outras pessoas. Ore também pelos vários membros do grupo. Peça a Deus para abrir o coração deles para a mensagem da Palavra de Deus e motivar você à ação.

Leia a introdução ao guia completo para ter uma ideia geral dos temas que serão estudados. A Mensagem de Efésios lhe dará informações mais detalhadas sobre o texto. Isso pode ajudá-lo a lidar com respostas para perguntas difíceis que possam surgir na discussão sobre o texto e o contexto.

Ao iniciar cada estudo, leia e releia a passagem bíblica citada para se familiarizar com ela.

Discuta cuidadosamente cada questão do estudo. Invista tempo na meditação e reflexão enquanto pensa em como irá responder.

Escreva seus pensamentos e respostas. Isso irá ajudá-lo a expressar com clareza sua compreensão da passagem.

Talvez seja útil ter à mão um dicionário bíblico. Use-o para consultar palavras, nomes ou lugares desconhecidos.

Reflita seriamente no modo como você precisa aplicar a Escritura em sua vida. Lembre-se de que os membros do grupo seguirão sua liderança na resposta aos estudos. Eles não irão mais a fundo do que você.

LIDERANDO O ESTUDO

No início da primeira reunião em grupo, explique que estes estudos se propõem a ser discussões, não palestras. Incentive os membros do grupo a participarem. No entanto, não pressione aqueles que podem se mostrar hesitantes para falar, especialmente durante as primeiras sessões.

Certifique-se de que todos de seu grupo têm um livro. Incentive o grupo a se preparar previamente para cada discussão, lendo a introdução ao livro e as leituras de cada seção.

Comece pontualmente cada estudo. Abra com uma oração, pedindo a Deus para ajudar o grupo a entender e aplicar a passagem.

Discuta a questão “Para responder” antes da leitura da passagem bíblica. Ela introduz o tema do estudo e ajuda os membros do grupo a se soltarem, e pode revelar onde nossos pensamentos e sentimentos precisam ser transformados pela Escritura. Ler primeiro a passagem normalmente pode influenciar as reações honestas que as pessoas poderiam dar se fosse de outra forma – porque se espera que elas pensem do modo como a Bíblia pensa. Incentive o maior número possível de membros a participar da questão “Para responder”, e esteja pronto para continuar a discussão com sua própria resposta.

Peça a um membro do grupo para ler em voz alta a passagem a ser estudada conforme indicação no guia.

As perguntas do estudo devem ser lidas em voz alta de acordo com a forma como estão escritas. Você pode, no entanto, preferir expressá-las com suas próprias palavras. Talvez haja momentos em que seja apropriado se desviar do guia de discussão. Por exemplo, uma pergunta já pode ter sido respondida. Nesse caso, passe para a próxima pergunta. Ou alguém pode levantar uma questão importante não discutida no guia. Reserve alguns minutos para discuti-la, mas tente evitar que o grupo se desvie do tema.

Evite responder às suas próprias perguntas. Um grupo entusiasmado logo se torna passivo e silencioso se os membros pensarem que o líder será a pessoa que mais falará. Se necessário, repita ou reformule a pergunta até que seja compreendida com clareza, ou recorra ao comentário feito no guia para esclarecer o contexto ou significado.

Não tenha medo do silêncio como resposta às perguntas da discussão. As pessoas podem precisar de tempo para pensar na pergunta antes de formularem as respostas.

Não se contente com apenas uma resposta. Pergunte: “O que os demais pensam?”, ou: “Mais alguma coisa?”, até que várias pessoas tenham respondido à pergunta.

Tente ser assertivo sempre que possível. Assegure a participação. Nunca rejeite uma resposta; se ela fugir claramente do tema, pergunte: “Que versículo levou você a essa conclusão?”, ou, mais uma vez: “O que os demais pensam?”.

Não espere que todas as respostas sejam dirigidas a você, mesmo que isso provavelmente aconteça no início. À medida que ficarem mais à vontade, os membros do grupo começarão a interagir de fato uns com os outros. Isso é sinal de uma discussão saudável.

Não tenha medo de controvérsias. Elas podem ser muito estimulantes. Se você não conseguir resolver totalmente uma questão, não fique frustrado. Explique que o grupo seguirá em frente e que Deus pode iluminar a todos vocês nas próximas sessões.

Resuma regularmente a discussão do grupo sobre a passagem. Isso ajuda a reunir as várias ideias mencionadas e dá continuidade ao estudo. Mas não pregue.

Encerre a reunião com oração, pedindo que Deus os ajude a continuar com as aplicações que vocês identificaram.

Encerre no horário.

Muitas outras sugestões e auxílios para estudar uma passagem ou conduzir a discussão podem ser encontrados em How to Lead a LifeGuide® Bible Study e The Big Book on Small Groups (ambos da InterVarsity Press).

Caro leitor:

Acesse www.ultimato.com.br e faça seu comentário sobre este livro.
Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.

LENDO EFÉSIOS COM JOHN STOTT

Categoria: Comentário bíblico / Devocional / Estudo bíblico

Copyright © 2017, John Stott’s Literary Executors

Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos

Título original em inglês: Reading Ephesians with John Stott

Primeira edição:Julho de 2019

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão:Lívea Araújo Sacramento

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia C. Nunes

Produção do arquivo ePub: Booknando

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo quando há indicação específica.

Legenda:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

ISBN 978-65-86173-38-3

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

facebook.com/editora.ultimato twitter.com/ultimato
instagram.com/editoraultimato